

CÓRO.

E nas lides do estudo uma palma etc.

Eia! jovens!... que os tristes humanos

Mil soccorros esperam de nós!...

Penetremos com fogo os arcanos

Da sciencia do velho de Cós!...

Profitemos no empenho sagrado

Com sincera e leal devoção,

Para ser nosso nome c'roadó

D'aurea fama c'o nobre condão.

CÓRO.

E nas lides do estudo uma palma, etc.

Julho de 1838. A. M. da Cunha Bellem.

N. B. Por um incidente impervisto não se pôde ensaiar a musica d'este hymno para a festa da formatura como estava destinado.

A. \* \* \*

Felix qui potuit presentati flere puellae.

PROPERCIO

Eu invejo da brisa o bafejo,  
Que sem péjo te roça na tez;  
E na praia da vaga o balanço,  
Que vem manso morrer a teus pés:

Tenho inveja ao bramir da tormenta,  
Que acalenta teu brando dormir;  
E ao jasmim, que em perfumes se exhala,  
E te embala de amor a sorrir.

Tenho inveja ao tapete do prado,  
Que é calçado a teus pés com desdem;  
E do espelho das agoas, que miras,  
As saphiras invejo tambem:

Tenho inveja do céu ás estrellas,  
Que tão bellas derramam fulgor;  
Mas que á luz de teus olhos se humilham,  
Se elles brilham com fogos de amor!:

Que as caricias humildes das vagas  
Tu lh'as pagas com meigo sorrir,  
Retribues o bafejo da aragem  
Co'a hom'nagem de brando sentir;

Do vergel ao jasmim predilecto  
Dás affecto de terno anbellar,  
E dos astros do céu das aos lumes  
Os perfumes do teu brando arfar;

E ao espelho das agoas tão liso  
C'um sorriso seduzes tambem,  
Té, vaidosa, do prado a verdura  
Com ternura te acolhe o desdem!...

Sempre bella!... sorrindo aos affectos  
Mais selectos do teu coração,  
Retribues com affaveis delicias  
As caricias que todos te dão.

Dás a todos n'um rir de candura  
A ventura de encantos sem fim;  
Só teu gesto para todos amavel  
Riso affavel não tem para mim!!!....

A. M. da Cunha Bellem.

## Amor-proprio e amor.

Traducção.

(Continuado do n.º 10.)

Foi na tarde do seguinte dia que Zustana, tendo dado os ultimos toques na Psyché, se achava absorto a contemplal-a. Elle tinha o pincel na mão e recuando um pouco examinava-a attentamente.

—Está bello! A condessa Clorinda teve razão—exclamou elle.

—Não tão bello como o original—replicou aquella senhora em voz baixa.

—Ceus!—exclamou Paulo, voltando-se pallido e furioso, e estremecendo com um silencioso assombro.

Estava ahi Eleonora, corando e tremendo, encostando-se com timidez ainda ao braço da condessa que sorria com um amargo riso de triumpho.

—Não vos zangueis, signor Zustana,—disse ella,—toda a culpa é minha. Vós excitastes a minha curiosidade relativamente ao original d'esta pintura. Vós dissestes que elle existia. Eu immediatamente combinei as vossas mysteriosas ausencias com alguma cousa que podia explicar tudo. A noite passada segui-vos a vossa casa, vi esta bella menina, e entendi os motivos da sua prisão. Hoje cedo fui-a ver, penetrei em casa por meio de força: então, umas vezes com ameaças, outras com carinhos, consegui

d'ella saber toda a verdade. Signor Paulo, a vossa conducta é egoista; para vos salvardes de perigos imaginarios condemnaes este anjo a viver prezo, privail-a do ar e liberdade, verdadeira vida d'uma rapariga Siciliana; obstais a que ella gose as numerosas benções que Deus concedeu a todos; e privais-nos da satisfação de admirar umas feições tão divinas e uma tão excellente imaginação. Mas então, direis vós, ella é assaz bella para excitar amor, e bastante simples para excitar um sorriso. Signor Paulo, ella é assaz virtuosa para desprezar a primeira palavra d'uma paixão illegal, e tem sufficiente educação para aprender tudo o que convem a uma senhora e é proprio da esposa d'um homem de talento: se não consentirdes que ella trave conhecimento com o mundo, vós mesmo sois infeliz, a vossa vida é um tormento. Eu, a amiga, a confidente, a irmã d'esta innocente menina, vos declaro que é necessario que mudeis de vida.

— Condessa, vós vencestes, — exclamou Zuztana, que advinhou a verdade, e que intuitivamente conheceu que o generoso coração desta acharia, na amizade para com Eleonora, meio de afastar a attenção de sua paixão insensata. — Fazei d'ella o que vos agrada. Quando a condessa Clorinda, unica filha do meu generoso patrão, chama a minha esposa sua irmã, a vida de minha espóza pertence-lhe.

O resultado foi natural. Paulo, deixou de ser desconfiado e cioso. Eleonora era universalmente admirada: e quando, dez annos depois, o artista, tendo concluido as pinturas para a galeria do palacio de Bembo, passou a residir em Veneza, sua esposa tinha-se tornado uma senhora completa e sem affectação, capaz de sustentar a sua posição nos elevados circulos aos quaes o talento de seu marido e a amizade de Clorinda lhe tinham dado direito de pertencer. Clorinda conservou-se fiel á sua amiga em quanto viveu, e alegre e feliz por haver assegurado a felicidade permanente a dois corações amantes, que, com o systema de suspeita, receio e separação adoptado por um d'elles, deviam por fim chegar a ser muito infelizes. Eduardo d'Oliveira.

#### EXPEDIENTE.

A conclusão dos nossos trabalhos academicos, que nos impediu de publicarmos o n.º 10 em tempo competente, vae-nos hoje obrigar a suspendermos por algum tempo a publicação da *Estréa Litteraria*.

Arrastados pelo destino para longe d'esta terra, onde vimos escoar entre prazeres e tormentos a bella quadra da mocidade, separados desta classe, de que recebemos, de envolta com poucas desfeitas, milhares de obsequios; nós não poderemos mais redigir este jornal. — Mas nem porisso perdemos cousa alguma os nossos assignantes! — Hombrós mais poderosos que os nossos vão continuar brilhantemente esta empresa, que nós debilmente sustentámos; — collegas bem mais distinctos na carreira das letras, bem mais recommendaveis pelo seu talento e erudição vão dar novo brilhantismo a esta mesquinha publicação, de que, pelo bem recebida que foi, temos orgulho de ser creadores.

A *Estréa Litteraria* reaparecerá em outubro, mais rica e radiante de galas e louçanias, debaixo da direcção intelligente d'outro redactor: para nós, que, d'hoje em diante, n'algum cantinho da mais remota terra de provincia, recordaremos com indisivel saudade esta Coimbra, que nos deu alternadamente a libar o fel da desventura e a celeste ambrosia dos prazeres, para nós reclamamos apenas uma columna da *Estréa*, para nas horas de mais indefessos trabalhos, virmos offerter á saudade um tributo sincero e verdadeiro.

Nesta occasião, agradecemos a todos os assignantes, que se dignaram proteger a empresa d'este jornal; agradecemos a todos os cavalheiros, que nos coadjuvaram na sua collaboração, e a uns e a outros ousamos rogar que se dignem dispensar para o futuro os favores com que até aqui honraram a *Estréa Litteraria*, que ella mais digna se torna de bom acolhimento pela estima que merece o seu futuro redactor.

Aqui tambem agradecemos ás illustres redacções de muitos jornaes scientificos, litterarios e politicos, que nos fizeram a remessa da sua folha sempre regular, sem attenderem á grande interrupção que tem havido de nossa parte. Aos nossos collaboradores, que tem em nosso poder alguns originaes ainda não publicados, certificamos que elles serão religiosamente entregues á nova redacção.

A. M. da Cunha Bellem.

EXPLICAÇÃO DA CHARADA DO N.º ANTECEDENTE.

**Elvas.**

#### ERRATA NO APPENSO.

Pag. 2. col. 1. lin. 5. *de medicina, dignos* — *de medicina dignos*. Pag. 3. col. 1. lin. 2. *levarão* — *levaram*.

COIMBRA — IMPRENSA DA UNIVERSIDADE.

# ESTRÊA LITTERARIA.

## A festa das formaturas de medicina.

Era no dia 30 de julho. Meio dia tinha já soado quando saíu da salla das congregações a confirmação de um resultado, de que nós, conscios do nosso merito, já tinhamos prévia certeza. — Os foguetes, roçando o manto azul da abobada celeste, fenderam os ares em cardumes, — a banda de musica, que só aguardava a decisão official, rompeu o silencio com as melodias entusiasticas do hymno academico; e todos nós, companheiros nas lides do estudo por oito annos, folgavamos então, solidarios e unidos no goso de um só, — de um commum prazer.

Depois á noite, segundo os velhos usos, fomos com a musica por casa de todos os doutores; e assim concluiu esse primeiro dia de folgança, o ultimo dos nossos labores academicos, o dia em que haviamos colhido a palma de oito annos de fadigasas locubrações, em procura dos mysterios sublimes da sciencia de Hypocrates!

Era no dia 4 de Agosto que nos deviamos reunir pela ultima vez, 'num *lunch*, expressamente preparado para darmos o abraço de despedida áquelles, a quem porventura não tornariamos a vêr.

Á uma hora, na hospedaria do Lopes, debruçada sobre as risonhas areias do mondego, enamorando ao longe essas margens tão gentis e vecejantes e como querendo mirar-se na mesquinha mas singela corrente, que suave se deslisava sobre os seixinhos, nos achavamos reunidos em deredor de uma meza, artisticamente adornada de fructas deliciosas e delicados manjares, que inebriavam os sentidos e desafiavam o appetite.

Eramos sós os condiscipulos alli: dois homens apenas, empregados da Universidade, adherentes á faculdade de Medicina, mas não doutores, dois homens apenas — Ignacio José Rodrigues Duarte e Antonio de Almeida e Silva nos acompanhavam 'naquella festa nossa — e toda nossa.

E que haviamos quebrado com a antiga uzan-

ça de convidar os mestres para 'naquelle dia serem nossos convivas!.. é que nós tinhamos comprehendido bem, que, 'numa festa de entusiasmo toda, toda de sinceridade, o aspecto glacial de um doutor nos constrangeria, e mais nos constrangeria ainda darmos-lhe risos que o coração não pedia, afivelando a mascara de hypocrita affeição, como a cortesia mandava, mas como a verdade repelliria talvez!..

Não!... alli não podia haver senão embriaguez de entusiasmo, delirio de affectos, loucura de expansões: alli havia um altar em que se sacrificava á amizade, havia um lethes para as offensas, havia um abraço para todos: — era mistér que fóssemos sós, nós os mancebos, nós que sabiamos esquecer antigas dissensões, nós que com a mão no coração alli jurámos ser eternamente amigos.

Qualquer vulto estranho era um intruso; qualquer vulto que não comprehendesse, ou que sorrisse incredulo aos doces effluvios, com que a *sympathia* nos arrobava os peitos, seria alli de mais!.. Por isso fomos sós!..

Depois de varios serviços das mais delicadas iguarias, serviu-se o *champagne* e começou-se o *dessert*.

O eloquente e *sympathico* Lampreia tomou a palavra para endereçar o primeiro brinde ao curso do 5.º anno medico de 1858.

Repetir-vos os varios brindes que depois se fizeram, pintar-vol-os revestidos d'esse entusiasmo que o coração lhes dava, *daguerreotypar*-vos os sentimentos nobres que pullulavam espontaneos de nossos corações, fóra esforço baldado e impossivel!..

Aqui se brindava um amigo; alli o affecto que a elle nos ligava; além nossas familias; depois as mulheres, que, quaes anjos de consolação, viessem adoçar c'um beijo os labios crestados pelo calix das amarguras; mais além a nossa eterna e indissolvel união; finalmente não houve um affecto, não houve um collega, não houve uma pessoa que lhe fósse chara, que não tivesse o seu brinde de entusiastica ovação!..

E os nossos mestres?... Esses tiveram um só, um só a que todos acompanharam com ardor, como filhos d'esta nobre instituição!.. o brinde era — aos doutores da faculdade de medicina, dignos do logar que occupam, dignos pela sua rectidão, dignos pela sua intelligencia, dignos pela sua boa vontade, dignos emfim pela coragem de tomar nos hombros o pesado empenho d'uma reforma! —

Fôra prohibido personalisar ninguem.... E era de necessidade este alvitre...

Havia composto uma singela poesia, animada pelo sentimento da despedida: distribuira-a pelos meus condiscipulos, que tiveram a bondade de me pedir para a recitar eu mesmo. Então accedi a tão grato como doloroso convite, e, com voz alterada pelas emoções, que me assaltavam o espirito, recitei a seguinte

#### Despedida aos collegas e amigos.

Sou a hora da partida,  
Hora solemne e fatal,  
A. LIMA.

Quem pôde as crenças, que guardou no peito,  
Ver hoje prestes a murchar talvez,  
Quando um abraço fraternal, estreito  
Precede as dores da cruel viuvez?

Quando vê n'alma a estreitar-se o laço  
D'amor fraterno que aos collegas deu,  
P'ra vir em breve no extremo abraço  
Chorar amigos, que talvez perdeu?..

Entrámos junctos de Minerva as lidas,  
Junctos nutrimos do saber o ardor,  
Junctas floriram nossas crenças q'ridas,  
Junctos nos demos fraternal amor;

Ainda junctos da sciencia a palma  
Alfim lográmos com fervor colher,  
Um só prazer nos trasbordava n'alma  
Eramos junctos em um só prazer!..

! Crenças grayadas ao raiar da vida,  
Eis-vos murchadas quando inda em botão!  
Mas da amizade, na cruel partida,  
Não pôde o laço espedaçar-se.... não!..

N'este momento, em desvairado anceio,  
N'alma sentimos affeição leal,  
Mas de amargura nos trasborda o seio,  
Quando lembramos o adeus fatal!

Adeus! amigos, — se o destino ordena,  
Que aqui se quebre esta união, — parti!  
Mas gozos puros, mocidade amena,  
Crenças, affectos, tudo acaba aqui!..

A. M. da Cunha Bellem.

Pouco depois o nosso commum amigo A. A. do Souto, havendo tomado a palavra para fazer a apologia do nobre sentimento da amizade, para exaltar a confraternização, que entre nós se dêra, leu, com expressão repassada de sincero

entusiasmo, a seguinte allocução, que nós todos lhe escutámos em religioso silencio

#### Condiscipulos e amigos meus!

Na ultima das nossas expansões, ao despedir da vida affanosa, arrastada por esta terra de provação; no derradeiro adeus á folgada e livre existencia de mancebos descuidados, tão cheia de enganosas illusões, quaes fumos ligeiros dispersos ao menor sopro dos desenganos; neste solemne instante de graves e profundas meditações e intimas emoções indiseveis, saudemos — amigos! a confraternidade sincera, e immorredoura, que de futuro proteja e guie os esforços nossos; quando ligados por estreitos laços, indissoluveis, de amizade conspirarmos unidos para um fim commum — a gloria da patria, a honra aos nossos! Lucta suprema, a julgar do porvir, pela mesquinha escacez dos favores concedidos, hemos de travar com a sorte adversa, se obedecendo ás inspirações da intima consciencia, levarmos por diante a realisação legitima das esperanças estrêas com que incetámos a nossa vida litteraria, e apostolos do progresso, não esquecermos desleixados, a missão honrosa, que nos impõem os dons da natureza, os deveres sociaes, e as conveniencias da patria submersa em nefanda ignominia.

À mocidade por certo está comettida a verificação da sublime idéa que, pela scintillante estrella da perfectibilidade guiados, estendendo a vista pelos vastos horizontes das sciencias e das artes, lobrigamos broxuleando nos extremos limites das aspirações humanas, annunciada pela logica fatal dos actos naturaes, e intuição dos genios. E 'nesta cruzada do progresso cabe-nos, embora minima, parte real, activa; e fôra vergonha que, filhos da epocha, menospresando remissos os sanctos e grandiosos deveres, impostos á nossa condição social, vegetemos desprezíveis na mais ignara indolencia. — Não... não pode ser!

Não hão de mancebos pondonorosos, a quem sobram brios, e aspirações, conscios da propria força, e provados nos misteres das letras, coitados de louros, não devidos ao favor, mas conquistados á força de trabalho desvelado, de vigílias, e sacrificios penosos em longas horas de martyrio, soffrendo todos os trances a que os expunha de continuo a injustiça dos homens; não hão de mancebos d'estes esquecer levianos quanto devem a si, aos seus, á patria, e a Deus para se deixarem cair descuidados nos braços de preguiçosa apathia, indigna dos seus animos elevados!... Não por certo!...

Conheço-vos bem, amigos condiscipulos; e companheiro constante nas fadigas que nos levarão pezado tributo de dissabores e pezares, pude avaliar ao justo o esforço d'animo, e vontade invencivel, com que superastes as difficeis luctas, travadas nas lides academicas: testem-nho authentico, e boa prova do muito que comvosco foi prodiga de seus dons a natureza: e assim tenho para mim profundamente convicto (e não receio ser propheta, quando a prophacia de si evidente se lê impressa nas altas fronte de subida intelligencia) que os nomes d'um Medeiros, d'um Lampreia, d'um Bivar, d'um Simão, hão de transmittir-se honrosos, e honrados á posteridade, como as primeiras intelligencias do curso do 5.º anno medico de 1858, verdadeiras summidades esperançosas, que têm de preencher brilhantes destinos, na republica das letras; e a fama d'um tal curso, que contava no seu gremio, já secundarios, mas ainda magestosos vultos, um Francisco Maria, Bellem, Firmo, Magro, etc., etc., mancebos das maiores esperanças, por seus talentos não vulgares, aos quaes por infortunio, para não serem contados entre os primeiros, faltou tempo a seu desenvolvimento, desembaraço ao seu acanhamento, audacia á sua modestia, faltou serem mais que homens; a fama do nosso curso — repito — fará um dia justiça a todos e a cada um de nós.

Portanto, amigos, não deixemos em meio o trabalho começado, perseveremos na empreza tão bem encetada, e por Deus! que será nosso o futuro, e grande a gloria de termos pertencido ao curso do 5.º anno medico de 1858. Todos aqui solemnemente protestemos não desdizer nunca da opinião conquistada, e unidas as almas, esperanças e desejos, demos-nos mutuamente a mão na carreira que vamos seguir; e embora dispersos por longes terras, não nos deslembramos da ajuda devida áquelles de nosos irmãos, com que a sorte fôr mais rigorosa nos seus caprichos. Eu por mim prometto (e praza aos céus caiba nas minhas posses fazer tudo, ou muito) sincera e cordealmente todos os sacrificios em prol do que tiver mais ao revez, os favores da fortuna.

Accetae pois os meus emboras e crêde que o coração, e alma vão comvosco, e eu fico saudoso carpindo amargamente a separação forçada, e entre alguns de nós talvez eterna!...

Adeus — amigos e queridos condiscipulos — lembrai-vos de mim, desculpai-me semrasões filhas do genio, e esquecei emulações que findaram aqui. Adeus! — levea gratas lembranças

só, e fique entre nós para sempre a pura e sancta amizade com as recordações e saudades dos tempos que não mais voltam... A quadra da vida de mancebos morreu infelizmente para nós hoje.

A. A. do Souto.

Cousas ha que em linguagem de homem se não exprimem, que o engenho mais fecundo, a penna mais eloquente debalde tentaria descrever... esboçar sequer!... taes foram as sensações, que nos impressionaram depois da leitura d'aquelle bello artigo!...

Se ainda uma ligeira nuvem de antigos resentimentos pairava entre nós, o sol brilhante d'aquelle energica expressão veiu dissipal-a de tal modo que as nossas almas não formaram senão uma só alma, os nossos corações, um coração apenas!..

Um abraço nos cingiu a todos!... Então é que era para ver como o delirio da amizade nos tolhia a falla, como nos estreitavamos mutuamente em apertado amplexo, sentindo as pulsações entusiasticas de nosso coração a responder ás pulsações violentas dos de nossos amigos, no reciproco cingir de nossos peitos! Que eloquente silencio!... poder-se-hiam escutar os movimentos de tantos corações pulsando accordes!... E depois.. não havia uns olhos só que se conservassem enxutos, não havia umas só faces onde o pranto não corresse copioso!..

Que lagrimas! meu Deus!.. era o rocio perfumado da madrugada da vida a aljofrar as petalas do coração dos mancebos!..

Nós, que talvez longos annos houvesse que não sentiramos uma lagrima sequer a humedecer-nos as palpebras; nós, que talvez longos annos passaremos, sem que uma nova lagrima nos venha annuiar a vista, nós, como crianças choravamos n'aquelle abraço extremo sem que o pejo nos corasse as faces!.. Que momento aquelle!.. Vida d'um seculo se viveu alli!..

Foi ainda com a voz entrecortada de soluções, que eu então li a seguinte despedida, que não era mais do que um resumo do muito que sentia, e que o sentimento mesmo me embargaria expressar, a não ser assim

Collegas! — Sóa a hora solemne da partida!.. Vae hoje talvez quebrar-se este laço de fraternal amor, nascido ao alvorecer da vida, quando juntos encetámos as lides da sciencia!.. Era o affecto sincero e verdadeiro como tudo o que nasce ao primeiro desabrochar do coração; era puro como a alma do mancebo e duradouro como o soffrimento do homem!.. Po-

derá elle florescer ainda, regado pelos prantos da saudade?... logrará a ardencia, que nos abraçava os peitos, transpor victoriosa os gelos d'uma eterna separação?.. Quem sabe?..

Este affecto, innoculado em nossas almas com o leite que a beber nos deu Minerva, este affecto, acrisolado pela doce convivencia de oito annos, entre os labores do estudo, entre o folgar do descanso, entre os prazeres e soffrimentos, que ora toldam, ora illuminam o horizonte de vida do mancebo, este affecto não virá elle fenecer no abraço extremo, em que mutuamente nos cingimos hoje?... Não!...

Estas creanças, desabrochadas ao vivificante sol da juventude, robustecidas pela seiva d'uma vida toda risonha e vecejante, não podem jámais pender na hastea, emmurchecidas, embóra violento simoun de soffrimentos nos venha crescer de todo os frescores de existencia!.. Atravez das nevoas densas d'um porvir tenebroso, ou do brilho deslumbrante d'um futuro todo encantos, este dia surgirá mago e feiticeiro com uma recordação de suave melancholia!.. este dia será o marco miliario do passado, a recordar á mente alquebrada talvez de soffrimentos, ou inebriada de ventura, que entre as lides do estudo havemos tido amigos; que depois de longos annos de tracto fraternal havemos visto alfim raiar esse dia apeteccido em que, despedaçados os laços da dependencia, esquecidas as proprias offensas para folgarmos todos 'num commum prazer, viemos dizer adeus a esta Coimbra, de que todos levamos recordações amargas e suaves recordações....

Collegas!... Eia!... o extremo abraço!... A hora da partida soa breve e nós, que tanto a havemos desejado, quando a phantasia nos pintava as scenas risonhas do porvir, nós hoje trepidamos ante o momento solemne do adeus extremo, que 'neste dia, em que juntos libamos a taça da amizade, nos apparece severo e magestoso a dizer que a mocidade acaba aqui!...

Adeus! collegas!... Possa a fortuna sorrir-vos graciosamente no porvir!... queira o destino que vós nunca olvideis o vosso collega, que eu por mim não vos esquecerei jámais!...

Novo silencio, novos abraços e novas lagrimas recompensaram bem todos os affectos que em tal leitura eu acabava apenas de exprimir!..

O Amigo Lampreia, entusiasta sempre de tudo o que são emoções grandes e sublimes, havia-nos convidado a assistir a um jantar, por

elle offerecido aos seus amigos no dia seguinte.

Foi outro dia bem passado! Além de nós, os condiscipulos de Lampreia, muitos e nobres convivas adornavam a meza!..

O curso do 5.º anno medico foi brindado u'uma saude especial; cada uma das suas primeiras intelligencias o foi igualmente e eu 'num brinde dirigido a Lampreia, agradecendo-lhe o haver-nos proporcionado o ensejo de nos reunirmos alli ainda uma vez, pedi licença para ler a seguinte poesia, que todos os convivas se dignaram victoriar, honrando-me com um brinde especial:

#### AINDA UM ADEUS.

NO JANTAR DE DESPEDIDA DADO AOS CONDÍSCIPULOS

Por F. J. S. Camello Lampreia.

Encore une heure de souffrance  
Encore un douloureux adieu!

LAMARTINE.

Amigo Lampreia! tu queres ainda  
Gozar os prazeres d'um ultimo adeus?..  
A esta amizade, que n'alma não finda,  
Vens hoje dar palmas de novos tropheus?..

Amigo Lampreia!.. não vês que as decuras  
D'extremos instantes hão tanto amargor...  
Que o goso, a expansão d'estas creanças tão puras  
Termina-se em pranto!.. converte-se em dôr?..

Amigo!.. já viste que fez um abraço  
As lagrimas puras nas faces correr!..  
Repete-o de novo! oh! estreita este laço...  
E o pranto quem pôde nos olhos conter?..

Mas venha!.. mas corra nas faces o pranto!..  
Collegas!.. amigos! o amigo abraçe  
Que o affecto d'amigo, este affecto tão santo  
Baptiza-o o pranto que d'alma nos sae!..

Collegas!.. amigos, ainda um abraço...  
Adeus para sempre!.. p'ra sempre talvez!..  
Parti... mas por Deus!.. não quebreis este laço  
Que tão apertado a amizade nos fez!..

Adeus... corra o pranto, leal, verdadeiro...  
Ninguem se aqui peje entre nós de chorar!..  
Que as lagrimas santas do adeus derradeiro  
Garantem que o affecto não pôde murchar.

5 de Agosto

A. M. da Cunha Bellem.

E assim se terminou essa festa de tão ardente entusiasmo; e assim cada um de nós se despediu da vida de mancebo, n'aquelle abraço extremo dado aos collegas que talvez não torne a ver e de quem apenas lhe restará uma saudade immarcessivel.

7 de Agosto de 1858. A. M. da Cunha Bellem.

# ESTRÊA LITTERARIA

JORNAL RECREATIVO

N.º 12.

Vol. I

1858 - NOVEMBRO - 15

Correspondencia de administração a José da Silva Porto, rua do Sargento-Mór, n.º 4.

Agradecem-se e publicam-se os artigos scientificos e litterarios, que á redacção forem enviados.

Assigna-se na Imprensa da Universidade e no escriptorio da redacção. — Publica-se duas vezes por mez.

Preço { Por trimestre . . 240 rs.  
Com estampilha 270 "

Redactor F. P. Santa-Clara.

## Relações da Igreja com o Estado.

### ORIGEM DO CHRISTIANISMO.

A Igreja, por excellencia, existe ha 1858 annos, pouco mais ou menos. Antes d'esta epocha de rehabilitação e principio fecundo de civilisação humanitaria, havia varias igrejas, devidas a differentes instituidores, que allegavam no acto da fundação tal ou qual auctoridade; porém a philosophia tem mostrado claramente, que a unica Igreja, que tem sido fundada com elementos de duração absoluta, é a de J. Christo, que expirará involta no fumo do dia tremendo, em que Deus tomará contas rigorosas, não só aos que seguiram o seu mandato, senão aos que lhe ficaram legalmente sujeitos. Outras igrejas foram fundadas depois; porém os seus fundadores foram movidos por inveja e não pozeram em practica os talentos do Homem-Deus, que se revelam no Novo Testamento.

### FUNDAMENTO DA SOCIEDADE RELIGIOSA.

Podemos distinguir no seu fundador tres naturezas: duas comprehensíveis, uma mysteriosa. As duas comprehensíveis são a humana e divina, que constituem dous elementos complexos, ambos penetráveis á luz da razão. A mysteriosa é formada d'um modo incomprehensível, mas não contrario á razão, da junção do elemento divino ao elemento humano, pela intervenção da omnipotencia, tendente a produzir as modificações indispensáveis, humanamente fallando.

A natureza divina não pôde ser o fundamento da sociedade ecclesiastica, porque esta é humana. Se a natureza divina do Homem-Deus fosse o fundamento da sociedade religio-

sa, era mistér admittir que o homem pôde e deve dirigir-se por principios essencialmente divinos; mas os principios essencialmente divinos requerem para a sua execução força infinita; mas a força infinita falta ao homem, logo a sociedade ecclesiastica não é fundamentada no elemento divino.

Os defensores da doutrina contraria, que fazem cair Deus 'numa contradicção, dirão: mas onde está a omnipotencia divina? Não terá ella ahí a competente intervenção? — Responedemos que a omnipotencia divina está em Deus, que não pôde usal-a para destruir-se; e a esta resposta acrescentaremos a seguinte pergunta: poderá Deus fazer com que deixe de ser o que é? Não, responder-nos-hão. Então como é, que a sociedade ecclesiastica se pôde fundar sobre um elemento essencialmente divino, elemento tal, cuja devolução practica ha de ter o caracter de infinidade?...

A omnipotencia divina só se dá em quanto se exerce dentro dos limites da verdade, typo do existente, que o proprio Deus não ha de inverter. Ha dois processos para estudar a omnipotencia divina: um, considerando-a na esphera do verdadeiro, e, 'neste sentido, é absoluta, porque Deus pôde fazer tudo, quanto é verdadeiramente factível; e é verdadeiramente factível tudo, quanto não se oppõe á razão, embora lhe seja superior. No segundo processo ou sentido a omnipotencia divina, encarada pelos homens, toma um character restrictivo, determinado pelo principio incontestavel — que Deus não pôde fazer o que é moral e metaphysicamente impossivel. Mas o que é physicamente impossivel, poderá tornar-se possivel em presença da omnipotencia divina? Alguem responderá — pôde. Nós, porém, como não sabemos combinar a essencia do eterno

com actos de arrependimento, que elle necessariamente ha de manifestar, quando transtornar a acção necessaria d'uma lei natural; como não podemos combinar o modo da sua perfectibilidade estranha, a que necessariamente attenderia, quando invertesse a ordem preestabelecida; como enfim, na essencia divina não colhemos idéa alguma de mobilidade, guardamos silencio.

Deus manifestaria actos de arrependimento, quando invertesse uma lei natural? Sim, porque Deus não pôde inverter sem motivo; e este motivo ou ha de indicar arrependimento, ou aperfeiçoamento na obra divina.

Se indicar arrependimento, que resulta? Que Deus está sujeito a paixões; mas não se admittindo tal proposição, succede que a sua omnipotencia no segundo sentido não se entende absolutamente. — Como é que a inversão d'uma lei da natureza por Deus indica aperfeiçoamento? Porque d'outro modo, ou Deus invertia sem motivo, ou para lesar os homens: no primeiro caso Deus não era um ente infinitamente sabio; no segundo seria injusto. — Mas que importa que a inversão d'uma lei natural indique aperfeiçoamento? Importa nada menos que a mutabilidade do ser infinito, ou a impossibilidade de ter exercido racionalmente a sua verdadeira omnipotencia. — Mas como se conhece pela razão um attributo infinito, que a creou? Muito bem, porque a razão é um verdadeiro reflexo d'esse attributo. — Ora, se a razão é um verdadeiro reflexo d'esse attributo, deve ella tudo reconhecer: e então não lhe escapariam, como escapam os mysterios? Não é assim, pois os raios reflectidos podem afastar-se tanto do objecto reflectidor, que este se torne invisivel; e por isso o objecto invisivel não é contrario á razão, mas sómente superior, porque o facto d'um homem não vê um objecto nas trévas não induz a impossibilidade da existencia d'esse objecto. Deduz-se d'aqui, que Deus é omnipotente na esphera do verdadeiro. — Logo encerra-se o infinito no finito, pois a idéa de esphera anda ligada á de finito? Não é assim; emprego a palavra esphera, por que sou forçado a fallar *more humano*; entretanto ligo-lhe a conveniente idéa, a noção do razoavel, que me representa o typo do possível, que a razão me faculta afferir. — E qual é o typo d'esse typo? Deus. Não indago senão até ao ponto humano, o acto da criação. — Mas como teve lugar a criação? Porque maneira Deus se determinou? É impossivel dizel-o; e então a omnipotencia divina deve entender-se

do modo predicto, d'onde se segue, que a sociedade ecclesiastica não se funda no elemento divino.

J. Machado Cabral e Castro.

Continúa.

Meu caro amigo Santa-Clara.

Não posso, nem quero por modo algum subtraír-me ao teu convite, deixando de escrever algumas linhas nas columnas da ESTREA, 'nessas poucas horas vagas que nos deixam os nossos trabalhos academicos. — Seria uma ingratição para com um amigo, que tanto preço, e eu nunca desejarei ser réo de tal crime.

Ahi te envio pois esse artigo; publica-o. É possível que elle desperte do silencio alguém, que profundamente tracte o objecto, porque o merece. Se isso conseguir, dar-me-hei os parabens, porque já muito terei feito.

Teu condiscipulo e amigo muito dedicado

M. J. Vieira, Junior.

#### A Indigencia merece séria attenção da sociedade.

— O charity! — thou principle of great souls! how glorious are thy works!... Thou preventest a deluge of indigence! Thou preventest a deluge of vice! Thou throwest an immortal guard round virgin purity! Thou recallest not the dead, but thou givest life and health to the diseased and the expiring! —

KIRWAN.

Hoje que nos achamos no meado do seculo dezenove, d'esse seculo chamado das luzes, não admire que sejamos tentados a dizer duas palavras sobre a questão de indigencia, questão que, sem duvida, deve ser considerada como muy importante, indo, como vae, com ella envolvido o bem-estar de toda uma nação, e com especialidade d'esses infelizes, cuja existencia tanto opprime as sociedades modernas. — Ainda ao coração mais duro, não pôde deixar de repugnar o espectáculo horrivel d'esses miseraveis, a quem fallecem os meios necessarios de subsistencia; para quem o proprio trabalho não é um recurso sufficiente; e cuja existencia tem necessidade do apoio d'outrem; sendo isto assim, quem ousará negar ter feito relevante serviço á humanidade aquelle, que, achando a solução d'um tal problema, a livrar d'esse cancro que tanto a atormenta? — Ninguem por certo.

Mas como alcançar esse *desideratum*? Eis o ponto que nós julgamos merecer séria discussão. — Não temos, não podemos ter aspirações a ser o novo Alexandre, que remova esta dificuldade; mas seja nosso garante a vontade e desejo profundo, que temos, de ver um dia realizado o que hoje só poderá ser tido, como meras utopias; de ver sobre solidas bases construído esse edificio, á sombra do qual repousará alegre a humanidade inteira.

É innegavel o progresso e as aspirações á perfectibilidade, a esse mais bello apanagio do homem sobre a terra, e que melhor revela a superioridade do seu destino; — as sciencias aperfeiçoando-se e desenvolvendo-se têm ido descobrindo novos mysterios, d'onde nos têm resultado innumerás vantagens e contribuído não pouco para chegarmos ao estado de adiantamento em que nos achamos. — A physica, entre outras muitas cousas, nos tem ensinado o aproveitamento do vapor e da electricidade; — a economia politica com as suas maximas demonstradas pela razão e confirmadas pela experiencia nos tem proclamado como dogmas a concurrencia, a liberdade do trabalho, o *laissez-faire*, e em geral todos esses principios, de cuja applicação temos tirado tantos lucros; — mas se é verdade que compramos o triumpho da civilização, da riqueza e da liberdade por um mal tamanho, como é a indigencia; se é verdade que, com a mira no interesse, vamos sacrificar uma boa parte de nossos irmãos; que, apenas debellada uma dificuldade, surge para nós outra maior, então anathematisemos esses inventos, desprezemos essa perfectibilidade tão desejada, consideremol-a como uma aspiração vã e inutil, como brincos d'imaginação, e nada mais.

Vejamos porém: deverão ser tidas como causas da indigencia, a civilização, a riqueza e a liberdade?

Se olharmos superficialmente para o que passa sob nossos olhos; se, examinando os diversos trabalhos estatísticos, compararmos o numero d'indigentes nos paizes civilizados com o que nos apresentam os incultos, veremos que a indigencia se nos apresenta com muito mais desenvolvimento nos primeiros. Na Inglaterra e na Hollanda a classe proletaria chega a um numero espantoso, ao passo que a Suissa e a Prussia, paizes incomparavelmente menos ricos que os primeiros, nos apresentam uma cifra muito inferior. — A conclusão pois a que naturalmente temos de chegar, é que uma cresce na razão inversa da outra, que quanto maior

é o auge a que sobe a civilização e riqueza, tanto maior é o numero d'indigentes e pobres: ao bem d'um segue-se o mal de muitos; a opulencia e bem estar d'este é compensada pela pobreza e miseria d'outro.

Pensando porém um pouco attentos, não julgamos que assim seja: não podemos comprehender, que a civilização possa ser considerada como causa da miseria, ella que prescrua todos os meios possiveis para a destruir. Não cremos tal; 'nisso não vemos mais que uma simples coincidência.

Queremos considerar a riqueza como uma das causas da indigencia, e portanto proscrever aquella, seria queremos incorrer na mesma pena, que soffreu esse celebre povo da antiguidade, os Spartiats, que se cobriram de ridiculo aos olhos da posteridade, banindo os metaes preciosos, repartindo fraternalmente as terras e limitando-se ao *caldo negro*.

A moralidade, a virtude, os bons costumes e a caridade dependem muito e muito da instrucção, da educação recebida no seio da familia, das instituições do governo e da religião, e todas estas causas longe de excluirem a riqueza, são-lhe subordinadas. Nem se infira que tenhamos como impossivel a alliança da pobreza com a virtude, não queremos dizer tal; a bondade, o amor do proximo, os sentimentos nobres reinam tanto sob o vestido d'estamenna, no coração do filho do pobre e do povo, como no do rico e aristocrata; — o que porém não nos será negado, é que a riqueza é um meio, pelo qual se torna mais facil a consecução de taes fins, por isso que; quanto mais rico fór um povo, quanto maiores forem os recursos d'um governo, mais espalhadas se acharão as boas instituições e por consequencia de mais facil accesso serão ellas.

« A liberdade, diz alguém, vae a par com a riqueza: a primeira traz consigo a segunda, e a segunda provoca a primeira. — A riqueza emancipa, e o homem livre enriquece-se mais facilmente.

A riqueza, a liberdade e a civilização são trez irmãs gêmeas que nascem, crescem, envelhecem e morrem ao mesmo tempo, entrelaçadas e inseparáveis. »

Embora pois os factos nos pareçam dizer o contrario, não o acreditamos; não queremos ja verificar a cifra d'essas estatísticas, mas dada a hypothese de ser verdadeira, ainda assim nada concluiríamos, porque então, por igual força logica, seríamos levados a crer que a civilização estava na razão directa da crimi-

nalidade, sendo que essas mesmas estatísticas nos indicam que o numero de crimes sobe de ponto nos paizes mais bem policiados.

A civilisação, a liberdade e a riqueza podem portanto, sem favôr, ser consideradas innocentes do crime, que se lhes quer attribuir; deixemos a sciencia economica, com razão actualmente tão cultivada pelo mundo civilizado, seguir seu caminho, que ella, auxiliada convenientemente, procurará sem duvida cortar pela raiz as verdadeiras causas da miseria, e d'outros tantos males que affligem a humanidade.— É esse o seu maior e mais bello fim!

Continúa.

M. J. Vieira, Junior.

**Auxilio e influencia das idéas religiosas sobre o homem na sociedade.**

No homem selvagem as faculdades intellectuaes dormem: sem o lume da religião, rude e solivago a seus appetites busca sómente satisfazer; desconhece prazer, que possa desejar, e pena, que deva temer; deita-se e repousa:

Onde a seus olhos lhe fenece o dia,  
Lança-se em terra, a languida cabeça  
A um tronco, quasi tronco, encosta e dorme.

Esta felicidade negativa desagrada ao homem civilizado. Exercendo suas faculdades, aspira sempre ao desenvolvimento progressivo, d'onde experimenta novas necessidades, cuja satisfação procura nas forças da natureza e no proprio e alheio trabalho; nos intervallos, porém, que nem o exercicio nem o descanso entretêm, mede as lacunas e vicissitudes da vida, resolve sobre os prazeres e penas do seu coração, e no escuro espaço do futuro vê bruxolear a esperança, que o consola e fortifica, — a vida sem fim, a immortalidade, firmada nas verdades religiosas e na luz da razão.

Certo da existencia d'uma intelligencia superior, cujo poder, fecundando o nada, creára os céos e a terra, sobre que sabiamente vigia, o homem obedece docemente ás leis divinas, como 'numa noite tenebrosa seguiria com arrôjo um guia, de cuja prudencia não duvidasse. Por estas leis reprimido, exulta o coração do homem na practica das boas acções; a virtude é amada.

Quando os prazeres ruidosos tumultuam no centro do coração, a voz da sabedoria apenas é ouvida; mas se a terrivel mão da desgraça o opprime, ostenta-se-lhe a sublimidade dos pensamentos religiosos e todo o seu encanto:

é nos dias da adversidade que a religião vem offerecer consolação, como o amigo fiel, que, despresado no nosso fausto, corre logo a socorrer-nos no infortunio.

A interesseira amizade, perfidias, traições, negros espectros frequentam o theatro do mundo, onde os interesses oppostos e prazeres enganadores perturbam os mortaes, e os excitam á desordem e devastação: á mingua d'estes males o homem religioso, cultivando as virtudes, lá vive em socegado retiro entre costumes são, e solidos prazeres. A divindade tutelar da paz conserva sua felicidade, defende-o, torna-o conhecido, qual a flôr, que, abrindo no fundo do valle, pelo seu perfume indica existir allí. De tantos bens é elle devorador á religião!

F. P. Santa-Clara.

Continúa.

**PUISQU'ICI BAS TOUTE AME... (V. HUGO.)**

Pois se o homem, se anjo e nume,  
Planta e flôr  
Dá seu canto, luz, perfume,  
Crença e amôr;

Pois se tudo sobre a terra,  
Que ame alguem,  
Rosa ou espinho, quanto encerra,  
Dá se o tem;

Se os carvalhos, nós, medonhos  
Veste Abril,  
Se inda a noite presta aos sonhos  
Gozos mil;

Se onde ha ramo, voz uma ave  
Desprendeu;  
Se onde ha folha, gôta suave  
Cáe do céu;

Se na praia, quando a onda  
Vem de lá,  
Beijos, antes que se esconda,  
Mil lhe dá;

Tambem, anjo meu saudoso,  
Dar-te emfim  
Ah! vou quanto de precioso  
Sinto em mim!

Dou-te o nectar que me acalma,  
Toma-o tu!  
Sim... meu pranto! mais uma alma,  
Que eu possuo!

Do que ha lindo, tudo, quanto  
Me seduz!

D'esta vida... riso e pranto  
Noite e luz!

Dou-te os sonhos meus ferventes  
Mais leaes!

Dou-te as notas mais cadentes  
Dos meus ais!

Dou-te o sopro meu, que á sorte  
Vês fluctuar

Sem mais vela, sem mais norte  
Que esse olhar!

Dou-te a musa que me inspiras,  
Sonho meu!

Que suspira se suspiras,  
Flór do céu!

Dou-te, acceita! tudo é santo  
Tudo, oh flór!

Dou-te uma alma, toda encanto,  
Toda amor! João de Deus.

#### A uma joven artista.

*Jouez, chantez, j'enne inspire!*  
V. HUGO.

Inda tão joven já nos sons divinos  
Moldas as trovas, que dos anjos são,  
Já nos accentos dos celestes hymnos  
Forjas encantos de immortal condão!...

Tu nos enleias co'a gentil cadencia,  
Que nos teus hymnos divinaes seduz,  
Que, inda na infancia, já te inflamma a ardencia  
Do amor da gloria, que em teu céu reluz;

D'um genio ardente já trajando as galas,  
És astro lindo de loução fulgor,  
Tu, que em torrentes de harmonia exhalas  
Os sons divinos de immortal primor!...

Avante, artista, a quem a gloria inflamma  
Nesses anhelos de um sonbar febril,  
A quem o estro nas canções derrama  
Das harmonias o condão gentil.

Avante, artista, que vens dar aos seios,  
Nesses teus hymnos, divinal prazer,  
A quem os peitos de entusiasmo cheios  
Simples grinalda vêm aqui tecer.

Avante!... e a gloria te dará a palma  
Do genio ardente que reluz em ti!...  
Dando-te a c'róa por que anhela essa alma  
Em que d'artista a inspiração sorri.

A. M. da Cunha-Bellem.

#### Uma recordação.

A bemaventurança já passada  
Diante de mim tinha tão presente,  
Como se não mudasse o tempo nada.  
CAMÕES, ELEG.

Apontava a manhã do dia 29 de Janeiro de 1855: clausurados 'num estreito cubiculo do Seminario Episcopal, não nos incommodava ainda a estrepitosa confusão e arruido, que seguem o dia; mas antes pesado somno, a que a roxa aurora, rompendo, déra novos poderes, vendava nossos olhos á observação d'um phenomeno, sobre maravilhoso, nos amenos campos de Coimbra raro, que a natureza, durante a vagarosa noite, operára manso e manso, em segredo.

Uso era 'nesta religiosa casa dar signal d'alvorada, quotidianamente, a horas certas, que, todavia, variavam nas quatro estações annuaes. 'Numa parede lateral do claustro, sobre braços de ferro estava suspensa uma sineta, cujo som, reboando pelos echos das abobadas, então silenciosas, feria, sem clemencia, os ouvidos dos estudiosos mancebos, cujas faculdades se refaziam pelo ligeiro somno; este, espantado de subito, fugia. — Ai d'aquelle, que o somno, voltando, investisse; pois adormecido a despeito dos preceitos da religião, alli rigorosamente observados, lá-o esperava o jejum, penitencia imposta aos infractores pelas auctoridades, denominadas *Prefeitos*.

Era a manhã do dia 29: grande claridade, escoando progressivamente através dos vidros da janella, e não impedida pela porta, que, a taes horas, ordinariamente lhe estava sobreposta, desfizera as trévas do nosso cubiculo, e o novo dia, arremecendo, afugentou o preguiçoso deos da noite para os silenciosos paços do Lethes.

Ou que o merencorio som da sineta não nos houvesse despertado, ou que o relógio, collocado na torre, retardasse a hora por descuido do dr. Silvestre, cuja inflexibilidade lhe dispensara a graça de servir a machina, indicadora do tempo, notavamos alteração no correr das cousas. Nem illusão era nossa, embora o motivo fosse diverso.

Em dia feriado pouco precisavamos de investigar causas e cuidar dos successos; mas infelizmente o dia era lectivo: a necessidade, vigilia e curiosidade expelliram-nos da cama, e, dirigindo casualmente nossa vista através da vidraça, vimos... scena encantadora!... os largos campos e cabeços das serras cobria a

neve, que em flocos mui alvos descia ainda, e cuja brancura adiantára a manhã e movêra nossos cuidados.

Admirando lindos e insolitos panoramas, que se extendiam, de fôrma diversa, sob a vista do espectador, segundo a collocação d'este em differente face do edificio, desejavamos um companheiro, que pelas suas reflexões e maduro gôsto, dando largos vóos á imaginação fertil, abrisse os encantos, occultos á nossa avaliação

'Neste intuito enfiámos a porta da cella do nosso antigo amigo Antonio João de França Bettencourt, que, 'nesta manhã de inverno, dormia ainda, ignorava tudo. O ruído lhe desgrudou as palpebras; olho já aberto, já fechado, parece sua senhoria ouvira o desalinhado aranzel, que lhe dirigimos, de palavras latinas, cujo todo, sujeito a medida, se dividia em disticos, onde o hexametro e pentametro alternavam assim:

Palladis arcem (\*), Lusiadumque albescere montes  
Cernimus: ex alto plurima nixque cadit.  
Campus, olivaeque, omnia subque jacentia divo  
Vix glaciem capiunt; frigore cuncta rigent.  
Aureae arenae, quas vicinis extrahit arvis  
Mondegus, tectae sub nive, Amice, latent:  
Illas vero fulvum inter medium fluere amnem  
Inflatumque undis cernere mirificum est.  
Vidimus in glacie pisces haerere ligatos,  
Cymbas subque nivis pondere scindere aquas.  
Hic volucres spatiantur, maestaque inter eundum  
Hic sua mirantur signa, pedumque notas;  
Quin etiam saliunt aliae, casu stupefactae,  
Non nullae alarum remigio alta petunt.  
Quam sumant, aqua; ubi sedeant, tellus; miserisque  
Esse deest: frustra quaeritur ore cibum.  
Una cum bubone diu latuisse Minerva  
Fertur, tecta gela turribus alta sedet:  
Quos docuit, juvenes glaciem autem tangere gaudent,  
Illam proculcant, atque alios lapidant.  
Caucasei juga montis, Sarmaticasque videres  
Rupes; surge oro: jam veni, Amice, veni.

Accedeu ao nosso pedido, saíu da cama, vestiu-se, e a sós eu e elle nos dirigimos á varanda cuberta, que estava proxima. Sem dizer palavra, olhos fitos no largo campo, soffrêra o nosso estimavel amigo as primeiras impressões: logo assentou-se no poial de pedra, que ladeava duas paredes, cortadas em angulo recto, e, *sorvida de esturro uma pitada*, o espirito philosophico, bem differente do fingido furor da velha Delphe, ou da Sibylla Cumense sobre a tripode d'ouro, lhe allumiou a mente: ouvimos então o oraculo descobrir-nos segredos da natureza sobre o phenomeno admiravel, que o sol,

(\*) D'este castello, que a historia nos aponta theatro da lealdade portugueza, só existe o chão.

pouco depois, desfez pelo poder dos seus ardentes raios. Do prazer, que gozámos então, só nos resta uma viva e grata lembrança.

F. P. Santa-Clara.

## SCENAS CONTEMPORANEAS

DA VIDA ACADEMICA.

Continuado do numero 10.

IX.

Começa a maledicencia.

— Quem será aquella madama de excentrico *toilette*, que além está com um vestido côr-de-rosa, tão curto, tão curto, que bem lhe deixa vêr o pronunciado tornozelo da tibia infiel, cingido com a impreterivel fitinha traçada? — Assim dizia Ricardo com os seus botões ao contemplar uma dama de soffrivel fealdade, com a cintura por de baixo dos braços, sem *bouquet*, sem enfeite de cabeça, sem carteira de baile, 'numa palavra, uma senhora, que pelo seu trajar e hediondez bem podia passar por uma criada grave d'algunha casa abastada!..

Não sei porque; mas, em se vendo uma mulher feia, dá logo vontade de a collocar na classe das criadas de servir; mórmente se ella traja de um modo duvidoso entre o de criada ao domingo e o de ama ao levantar!..

Effectivamente esta senhora só fazia notar que se achava 'num baile por calçar sapato de setim branco e por andar walsando com um furor indizivel. E o caso é que walsava menos mal!..

Ricardo prendeu-se-lhe insensivelmente a attenção áquella senhora, que elle nunca tinha visto em Coimbra, e por isso formou desde logo decidida tenção de lhe indagar as minucias da vida; para o que já tinha bispado, na outra extremidade do salão, um seu amigo, mancebo affamado na maledicencia, mas que se prezava de ser verdadeiro nas chronicas escandalosas, que com prazer assoalhava. Era homem que sabia a vida de todos, que seringava tudo, e finalmente que era impossivel que não dêsse noticia circumstanciada de quem era a senhora de côr-de-rosa; e por isso o nosso curioso Ricardo acenou-lhe para que viesse; mas elle, que, apezar do seu natural acanhamento e *gaucherie*, tinha encetado conversação com uma senhora, que ficava na extremidade da inexpugnavel linha, fez-lhe signal para que esperasse um pouco.

Ricardo então, para matar o tempo, passeiou a vista pela sala toda, e contemplou com desprazer aquella falta de gosto, que reinava por toda a parte. Uma escada estreita dá para o salão a entrada principal; esta escada, apenas alcatifada com alguns velhos tapetes de igreja, é absolutamente impossivel ser adornada com jarras ou figuras, visto o seu acanhamento, que é tal, que não deixa o cavalheiro dar o braço a uma senhora, tendo de subir a um de fundo como nas escadas da torre da Universidade!.. E as saias balões?.. Oh!.. essas vêem-se em torturas 'naquelles apertos. Esta escada, que tem tres pequenos lanços, cada um com a sua volta, dá sobre um patim de cinco ou seis palmos de largo sobre dezoito ou vinte de comprimento: a entrada para a sala fica em frente, á direita a entrada da orchestra, acanhada e miseravel porta de uma acanhada gaiola, como que imbutida na parede. Á esquerda, para onde o patim se estende em fórma de garganta, fica a sala de *toilette* e a casa do serviço; aquella é um apertado cochichôlo, onde duas ou tres aias dançam impreterivelmente o lundum depois de meia-noite: e a casa dos serviços?.. Oh! essa é uma adegas reles de um lavrador da Bairrada arruinado pelo *oidium*; é uma coisa de inexplicavel porcaria, indecencia e repugnancia! Taes são (afóra as casas de jogo, collocadas na outra extremidade do salão) os appendices da sala de baile em Coimbra, unica sala, que para tudo que ha 'nesta vida tem serventia, excepção feita de algumas de casas particulares. A sala em si é bastante comprida mas excessivamente baixa, pelo que sempre 'nella reina um calor insupportavel. Hoje está decentemente forrada a papel, ainda que muito escuro, e bem illuminada a gaz; mas, tanto agora, como 'noutros tempos, em que era caiada de branco, com illuminação de cotos de stearina em placas de folha de Flandres, pregadas pelas paredes, e o classico lustre de vidro no meio do tecto; nunca tive a dita de lhe vêr um adorno, uma bambinella, um festão de flores, uma qualquer outra cousa, que indicasse salão!.. Nada!.. sempre a mesma nudez, que apresenta 'num bazar de prendas para o asylo ou 'numa reunião de conselho do theatro!..

Assim reflectia Ricardo, descrevendo na sua cachimonia aquella chamada sala de baile, quando viu que o seu amigo, o maledicente, se havia affastado da senhora com quem fallára. Para o não perder de vista, Ricardo transpoz logo apressado a extensão da sala e

filou-se-lhe ao braço, dirigindo-lhe sem mais preambulos a seguinte pergunta:

— Quem é aquella pèga?

— Qual?..

— A mona còr-de-rosa, que acabou de walsar com o Lima...

— Oh!.. isso são contos largos!!!

— Pois então vamos ahi para um canto retirado...

— Para que?

— Porque pretendo iniciar-me nos contos largos.

— Deixa-te d'isso agora...

— Não quero! Quero saber!..

— O que?..

— Os contos largos da còr-de-rosa.

— Homem! estás curioso! Tambem te habilitas aos *contos*?

— Aos largos!.. como assim?..

— Não! aos oitenta. Passe o calemburgo!..

— Pois ella tem oitenta contos?.. Desdobra-me aquella vida, tim tim por tim tim, sem lhe faltar ponto nem virgula, mas não mintas!... resigna hoje o teu dom de invenção, e conta isso com verdade!..

— Tem oitenta contos!.. que mais queres?..

— Então consiste 'nisso os contos largos?.. não importa!!! vou-lhe fazer a còrte!.. Uma mulher com oitenta contos é sempre adoravel!..

— Não te precipites, homem, aquillo já tem dono!..

— E é por causa do tal dono dos *contos* redondos que ha os contos largos?.. Dá publicidade a isso, que estou impaciente!..

— Publicidade já o facto teve: agora pertence á historia; e eu apenas me prézo de ser o narrador! Contar a verdade não é ter má lingua!..

— Desembucha!.. maldito!.. houve algum acontecimento publico? Ein?

— Tal e qual!.. Mas aqui não estamos bem! Se não choveses fãmos alli para cima para o mirante.

Ricardo e o seu interlocutor caminharam para a porta do terrado. A trovoadá tinha-se dissipado e estava uma noite bella; porém a tempestade fustigára todos os arcos de buxo e loiro, e extinguiu todas as mortças lanternas, que abrilhantavam o tal mirante, especie de lingueta um pouco mais elevada do que a sala. A escuridão era completa.

Os dois amigos dirigiram-se para lá.

— Ao caso!.. vamos ao caso!.. — bradou Ricardo, começando a passeiar ao lado do seu amigo — vamos!.. quero saber donde veiu aquillo, quem é!..

— Ouvi dizer que é um brigadeiro.  
 — Quem? ella?..  
 — Não!.. o pae!.. Um brigadeiro, que, depois de fazer fortuna lá 'numa possessão ultramarina, viera para aqui disfructar os seus rendimentos, trazendo duas filhas com oitenta contos cada uma, e uma soffrivel fealdade ambas!..

— Mas d'onde vieram?..  
 — Não sei ao certo!.. Ouvi dizer que lá d'uma cidade onde esteve desterrado um poeta nosso.

— Então havia de ser de Gôa! Foi Gôa onde esteve o grande Bocage? Não é isso?

— Não sei!!! Mas, em fim, Bocage ou Camões, ou outro qualquer, pouco importa! Vamos ao caso!..

— Onde figura o tal, que já é dono dos oitenta?..

— Tal e qual!.. um alfenim de chapéu ás costas e oculos azues, que veiu de Lisboa aqui só para vêr a sua Amalia!..

— Oh! venturoso, que possues o affecto de uma mulher com oitenta contos!.. Oh! meu rival!..

— Não te afflijas, homem, que a historia reza que o negocio está tremido.

— E é isso que deu causa á publicidade?

— Pouco mais ou menos...

— Nesta occasião um outro individuo entrava no mirante. Um charuto recém-acêso indicava que aquelle senhor escolhêra este sitio para fumar, e que por isso promettia ter demora alli. Ricardo ficou contrariado em não ouvir aquella historia, que tanto o interessava, e que talvez não fôsse mais de que uma mentirosa invenção do seu amigo (e era até o mais provavel). A musica acabava de entoar os preludios de segunda contradança, e ambos os nossos estudantes partiram apressadamente para o salão; mas Ricardo, como verdadeiro filho de Eva, disse no meio do caminho para o seu amigo:

— Rosa! não me escapes logo, que eu quero saber a tua historia.

— Pois sim! lhe replicou este. — E entraram-se ambos por entre a multidão.

Continúa.

A. M. da Cunha-Bellem.

### RÉBUS.

Sa belle voix donne au cerf des alarmes 1  
 Tremble á sa voix le jeune homme étourdi 2

Et en cachant d'une femme les charmes  
 La rend plus belle au regard ébloui.

C. B.

### EXPEDIENTE.

A *Estréa Litteraria*, cuja publicação fôra interrompida, reaparece sob a responsabilidade de novo redactor, cumprindo-se assim a promessa, que no n.º 11 d'este jornal fizera aos srs. assignantes o sr. dr. A. M. da Cunha Bellem, que pela gloriosa conclusão de seus trabalhos academicos deixava Coimbra.

A intelligente direcção e profundos conhecimentos d'este senhor, a quem a *Estréa Litteraria* deve sua corôa mais brilhante, encontrarão, sem dúvida, fraco representante em nós, que um dever — o pedido d'um amigo e o desejo de muitos — obrigára a saír da situação retirada, em que nossa inutilidade nos conservava. Certos do pouco que valemos, mal poderíamos alimentar o nosso jornal com cabedal proprio e acipipes variados; a necessidade nos admoestára justa recusa, se o primitivo redactor tivesse esquecido a obra sua; mas não: elle, embora distante e sobrecarregado pelos seus trabalhos clinicos, que desempenha com subida reputação, nutre generosas esperanças pela sustentação d'este jornal, cujas columnas continuará a revestir o magestoso adorno de seus eminentes escriptos, que, embuídos no gosto da bella litteratura, offerecerão aos nossos leitores subido interesse, e a nós, sobre este, protecção e soccorro pela nossa inopia.

Se a alguns dos srs. assignantes a redacção dever o n.º 10 e 11, pedimos nos mandem aviso; e para o diante empregaremos os meios de evitar egual falta.

Do 1.º de dezembro em diante sairá a *Estréa Litteraria* regularmente duas vezes cada mez: e um distincto academico, nosso condiscipulo, tomará connosco parte na redacção.

Aos srs. assignantes pedimos, queiram renovar suas assignaturas para o 3.º trimestre, para não soffrêrem interrupção na remessa do jornal, o que succederá, se não recebermos aviso até ao dia 15 do proximo Dezembro: e se por falta de correspondente tiverem difficuldades sobre a remessa do importe da assignatura, como este é diminuto, lembramos (segundo o pensamento da primeira redacção) — o poderão fazer em estampilhas de 5 réis, remetendo a corespondencia ao administrador d'este jornal.

Errata neste numero — Na pag. 6, col. 1.ª, lin. 53, onde se lê — Delphe, lêa-se Delphos.

# ESTRÊA LITTERARIA

JORNAL RECREATIVO

N.º 13

Vol. I

REDACTORES { J. M. Cabral e Castro.  
F. P. Santa-Clara.

Assigna-se na Imprensa da  
Universidade e no escriptorio da  
redacção. — Publica-se duas vezes  
por mez.

Preço { Por trimestre . . 240 rs.  
Com estampilha 270 .

1858 — DEZEMBRO — I

Correspondencia de adm-  
nistração a José da Silva Porto,  
rua do Sargento-Mór, n.º 4.

Agradecem-se e publicam-se os  
artigos scientificos e litterarios,  
que á redacção forem enviados.

## O fundamento da sociedade ecclesiastica.

(Resposta ao artigo inserto no n.º 12 —  
*Relações entre o Estado e a Igreja.*)

Accedendo ao convite, para nós assás  
lisongeiro, que nos foi feito por um con-  
discipulo, por quem professámos a mais  
subida consideração, eis-nos em publico,  
confiados, por certo, na insignificancia pro-  
pria, que, como tal, não receia a procella  
da tempestade critica, que, de ordinario,  
mais accintosa que cordata, procura ferir  
posições invejadas.

Hoje, que os escriptos sobre todos os ra-  
mos do humano saber são tantos, que se  
póde dizer com certo escriptor — a riqueza  
me faz pobre, — ao novel neste mistér é  
difficil escrever cousa, que mereça lêr-se.  
Bem enleados pois nos achavamos na esco-  
lha de assumpto para desempenhar nossa  
palavra, quando a fortuna nos deparou azo  
para sair do apêrto.

Logo que nos foi entregue o n.º 12 da  
*Estrêa*, ao lêr o primeiro artigo d'este jor-  
nal, occorreu-nos que, para cumprir a pro-  
messa, em que nos empenháramos, bastava  
mostrar que estavamos em desaccôrdo com  
o pensamento que ahí se exprime.

Com effeito, a proposição ahí enunciada  
— a natureza divina não póde ser o fun-  
damento da sociedade ecclesiastica — cau-  
sou-nos uma d'essas impressões, que expe-  
rimentamos, quando uma idéa predilecta,  
por largo tempo elaborada, tópa com um

desmentido, mórmente se este ostenta apoiar-  
se em legitimos principios.

Para nós já d'ha muito é axioma, que  
ao homem, na enfermidade de seu debil po-  
der, fóra impossivel erguer-se do abysmo,  
a que com a queda do primeiro paé fóra  
arrojado, se uma omnipotente mão não en-  
chesse o abysmo immenso, entreposto en-  
tre o homem, afeiado pela culpa, e o Ser,  
infinitamente perfeito.

É isto o que á evidencia leva Gioberti  
na sua excellente obra, intitulada — *Intro-  
duction à l'étude de la Philosophie* — de-  
monstrando esta proposição: « Cette restau-  
ration (a do estado primitivo do homem),  
ayant pour but de guérir la nature et de  
la ramener vers ses principes, devait s'effe-  
ctuer par un acte semblable à celui qui  
donna l'existence à cette même nature,  
c'est-à-dire, par un acte de création. »

Nem nos digam que tal convicção é o  
fructo d'uma educação religiosa; sendo  
que na mais tenra idade nossas mães, es-  
meradas pela educação, nos infiltram mui-  
tas vezes idéas, que, partindo d'uma pie-  
dade exagerada, se conformam pouco com  
a sã doutrina.

Raciocinando sobre a natureza da Egre-  
ja, mesmo o leigo na sciencia propria sem  
grande esforço divisa desde logo duas fa-  
ces — divina e humana, correspondentes,  
aquella ás verdades dogmaticas e móraes,  
que *semper, ubique et ab omnibus* foram  
professadas no gremio do Christianismo;  
esta á disciplina que, accómmodada ás cir-

cunstanças variaveis do homem em seu progresso indefinido, admite uma variedade que em nada vulnera o attributo da *eternidade*, inherente ás verdades catholicas.

E na verdade, se o fim do homem fóra terrestre, circumscrevendo-se na esphera acanhada, que percorre nesta morada de exilio, não repugnaria ás nossas convicções, que o ser sociavel por excellencia chegasse pelos principios do justo a uma organização, que facultasse a coexistencia social; se bem que no nosso entender a moral é garantia segurissima do direito, assim como a religião o é da moral.— *Quid leges sine moribus vanae proficiunt?*

Porém, suppôr que a tão pouco se limita o fim do homem, é irrogar revoltante injuria á natureza de nossas aspirações, que mesmo instinctivamente nos arrastam para o infinito; é,—quem sabe?—execravel heresia; sendo que o bom Deus não manifestaria os thesouros infinitos de sua bondade, condemnando-nos a uma existencia, qual a da vida terrestre, em que o bem é só a furto gozado; em que um instante de prazer é compensado com horas de pungeões magoas; em que, finalmente, como diz o Mantuano, virtude e vicio se acham 'numa informe mistura:— *Quippe ubi fas versum atque nefas!*

Não podendo portanto admittir, um momento sequer, que as nossas aspirações ao infinito sejam um flagello, que inutilmente nos torture, é convicção nossa—que ha de corresponder-lhe uma felicidade infinita.

E, como a Igreja é uma sociedade, constituida por seu fundador, pelo modo mais adequado para attingir-se esse bem supremo, o unico, que a consciencia reputa capaz de saciar o coração; segue-se, que na organização da sociedade religiosa, seu instituidor não podia deixar de regular por principios seus o que á razão humana fóra vedado descortinar.

Confessamos que as expressões « a sociedade religiosa não póde ter fundamento na natureza divina » não nos apresentam uma idéa clara; mas, se, como é provavel, se entende que não foi como Deus, que o

instituidor da Igreja a organizou, figurase-nos que tal opinião, por absurda, não póde sustentar-se.

Se Christo é o fundador da Igreja, claro está que a natureza não só humana, mas também divina, são o fundamento da sociedade religiosa, visto que em Christo ha a junção dos elementos divino e humano.

A opinião opposta encontra, a nossa vér, os principios mais triviaes de direito ecclesiastico.

Com effeito, dizendo Christo—« Data est mihi omnis potestas et in coelo et in terra »—e 'noutra parte—« Sicut misit me pater, et ego mitto vos »—quem duvida que a Igreja docente dispõe de poderes divinos?

E quem dirá que Christo forneceu á Igreja taes poderes só como homem?

Por conseguinte ou negar que Christo é o Homem-Deus, ou admittir que a sociedade ecclesiastica tem por fundamento também a natureza divina.

Finalmente, se é não só pela unidade da fé e obediencia ás legitimas auctoridades, mas também pela participação dos mesmos Sacramentos, que se estabelece a unidade, característica da Igreja christã, ou ha de cair-se na heterodoxa doutrina de dar aos Sacramentos um instituidor humano, ou confessar que só os Sacramentos bastam para plenamente provar, que não é só na natureza humana de Christo que se funda a Igreja.

M. Moreira da Fonseca.

Continúa.

#### Estadística e sua importancia.

Na expressão — sciencias sociaes — formadas da combinação dos differentes principios, que o genio da philosophia tem desentranhado d'esse thesouro de relações incommensuraveis, que prendem e harmonisam maravilhosamente a natureza moral e sentimental do homem com o elemento — sociabilidade, — comprehende-se, occupando incontestavel lugar, a Estadística, a qual, auxiliada pelas sciencias mais affins, como são — a historia, economia politica, e politica, propriamente dicta, promette relevantes serviços á humanidade, dispondo-a a acceitar, espontaneamente e de bom grado, a acção sempre proveitosa e incessantemente creadora da lei do progresso.

A Estatística é a sciencia, que se occupa de nos pintar, por intervenção d'uma linguagem particular, o quadro da humanidade, de uma nação, ou mesmo uma porção importante d'este quadro, em uma epocha dada. Passando do mundo real para o abstracto, ella, em consequencia de uma feliz combinação, de confrontações bem entendidas e sabiamente applicadas, chega a revelar-nos os principios primordiales e organicos, que presidem á formação da situação social, que desenha debaixo d'um aspecto geral mas analysavel; e então transcende-se, tomando com justa razão o nome de philosophia da estadística. Encarando os factos e phenomenos pelo lado material, a estadística só os pretende distinguir e classificar, para poder constituir grupos homogeneos, embora sendo ella complexa, a materia seja heterogenea, donde dispensa descer á causalidade d'estes factos e phenomenos, domínio proprio da philosophia de estadística. Como os factos e phenomenos, que compila, são privativos do mundo moral, e do physico só tanto, quanto importa para o desenvolvimento d'aquelle, segue-se que nós, com excellentes estadistas, podemos reduzir as fontes do seu objecto a trez: povo, governo (factos), e territorio (phenomenos).

A complexidade d'estes elementos, que só o são em referencia á estadística, facilmente se conhece: variadissimas são as faces, que nos offerece a acção governamental, e milhares são os factos e phenomenos, que as leis moraes e physicas estão constantemente vivificando e reproduzindo sobre o povo e territorio. Assim, ainda que á primeira vista pareça circumscripto, o objecto da estadística é extensissimo; e pôde dizer-se que comprehende tudo, que com o homem tem mais ou menos pronunciadas relações.

O governo d'uma nação é o governo de uma grande familia: em ambas estas sociedades, igualmente dictadas pela natureza, no desenvolvimento e necessaria applicação de suas leis harmonicas, ha os mesmos principios, os mesmos factos, e identicos phenomenos; todavia no governo são mais extensos e complicados, offerecendo por isso mais largo campo ao estudo, e exigindo mais séria attenção, pois que a ruina da sociedade politica importa a destruição de muitas familias. É aqui, ao governo, que a estadística presta innumeradas vantagens; as quaes, aproveitando á solidez e boa direcção do organismo politico, são simultaneamente causas de principios fecundos, que,

espalhados na sociedade e insinuados em cada homem debaixo da possante auctoridade de uma convicção intima, favorecem o desenvolvimento do patriotismo e virtude, e collocam o homem á sombra da frondosa arvore do progresso. A estadística do governo faz conhecer ao cidadão, ainda que pouco instruido, a despezas e receita do Estado, com a justeza precisa para o convencer radicalmente do bom emprego das contribuições do povo, cousa que muito concorre para lhe transfundir a confiança respectiva e evitar as revoluções, que, posto terem por fim a destruição de um preponderantismo lesivo, não deixam de se traduzir e transformar alfim em um estado anarchico.

A estadística criminal, mostrando em relance os crimes commettidos em uma epocha dada, a idade dos criminosos, a natureza e gradação dos mesmos, etc., e confrontando a criminalidade activa em diferentes epochas, etc., etc., indica o estado moral de uma nação, que importará remover ou animar, segundo os homens tenderem para o progresso, ou apenas dêrem passos lentos, e tanto, que não transponham illesos os precipicios de uma vida caduca. Quantos beneficios resultam d'este ramo de estadística, digam-o os legisladores, que com a lista dos crimes na mão fabricam as leis, tendo em attenção remover as causas provaveis, senão verdadeiras, das precedentes situações, que a estadística apresenta.

A estadística do povo, bem como a do territorio, são egualmente importantes.

Quantos individuos ha em Portugal, maiores e menores, d'uns e outros homens e mulheres, quantos infantes, quantos casados e solteiros, quantos, que possuem certa renda, e quantos que não, quantos exercem certas profissões, etc., etc., são outros tantos objectos de estadística do povo, e dos quaes, bem tractados, segundo as regras respectivas, podemos tirar incalculaveis vantagens. É aqui aonde recorre o homem d'Estado, para dar congruente solução aos problemas da administração publica, e politica; para medir as forças e influencia moral da nação; e o economista para conhecer até que grau é possível o desenvolvimento industrial, auxiliando-se ainda este pela estadística do territorio.

A estadística do territorio é de todas a mais importante no estado actual, em que o desenvolvimento da industria, assás acanhada, importa o progresso e independencia social. Até aqui, que as nações se enriqueciam pela conquista, o mundo industrial, philosophicamente

fallando, apenas era conhecido; o trabalho era a occupação dos homens pouco prestadios: hoje, porém, tudo mudou de face; o trabalho é uma occupação honrosa, o trabalho é o homem honrado e patriota, é o esteio da sociedade e da virtude. As sciencias, que criam, defendem e favorecem a industria, são estimadas e tidas em primeiro lugar. Neste caso está a estadística do territorio, a qual, ou ainda está mal limitada, duvidando até do seu dominio, ou então é tão extensa, que vem a absorver outras sciencias (ou a ser por ellas absorvida).

No estado de desenvolvimento, porém, que possui, já muito nos utiliza. e é digna do estudo do jurisconsulto e estadista.

Mais que a estadística, mas para fins remotos, que se perdem, pela imperfeição dos nossos conhecimentos, no porvir dos tempos, deve ser respeitada a philosophia da estadística, verdadeira sciencia e parte da philosophia social. É esta sciencia, que verdadeiramente confronta os dados estadísticos, que observa a sua apparição, estuda a sua deducção, e por estes processos fere as leis, que os regem. Mas, tal é a importancia d'estas leis, que não bastam limitadas observações logicas, nem deducções pouco rigorosas, feitas em curtos periodos, para obter um resultado seguro sobre a sua acção: são mistér ao contrario muitos factos e phenomenos, oriundos de determinados principios, bem coordenados e escrupulosamente confrontados, para se descobrir a verdadeira lei ou leis, de que procedem.

Como todo o effeito tem necessariamente uma causa, de que emanou, se nós observarmos esse effeito nas suas variadas reproduções sempre com os mesmos caracteres predominantes, embora hajam singularidades, filhas, sem duvida, da influencia das circumstancias da actualidade, que mais ou menos o modifiquem, podemos formular, por via do raciocinio, uma lei infallivel, que actua incessante em conformidade com o caracter geral encontrado. Assim a philosophia da estadística, olha para o futuro, exforçando-se por nos fazer antever o que lá se passará; é uma sciencia d'alto alcance, que ao conhecimento do passado e do presente accrescenta o dominio intellectual do futuro: é, emfim, esse precioso prisma, gerado no seio do genio do progresso, pelo qual vemos com satisfação e indissolvel contentamento a nossa posteridade, triumphando dos obstaculos, com que ainda luctamos.

J. Machado Cabral e Castro.

Publicamos a seguinte ode saphica a rogo do auctor:

**Ad Franciscum a Paula Santa-Clara**

**ODE.**

Te cano ignotus (a), tua miror omne  
Extitura aevum citharae latinae  
Dona, quae Phoebi decus, atque gentis  
Lusidium sunt.

Seu in modos contracta, vel et soluta,  
Dulce musa scribis acute quaevis,  
Barbiti semper latii et rotundi  
Dignus amator,

Tu recordaris vetus et suave  
(Hoc enim diris abolevit armis  
Postera aetas) colloquium et melos, quae  
Jam bene noscitis.

Euge! camenae serere haud recusent,  
Frontem ut exornes, hederæ coronam:  
Nectite, exoro, juveni poetae,  
Nectite, musae!

Te quidem ventura videbit aetas  
Tumque gaudebunt merito posteri  
Vatibus te aequare latini agri, te  
Dulce canentem.

Perge, linguamque excole, quam scis usque;  
Patriam extolles, tibi comparabis  
Nomen, aevi quod minime obteret vis  
Omnia edentis.

Parce, Lusorum decoramen ingens,  
Te meis auso memorare parvis  
Versibus, sed carmen item latinum  
Est mihi cordi.

Conimbricæ, pridie Calendas Decembris, anno 1858.

A. Lopes dos Sanctos Valente.

Com previo consentimento do nosso estimado condiscipulo Alfredo de Carvalho, estampamos nas columnas do nosso jornal a poesia intitulada—A tempestade. É ocioso encarecê-la, visto que da sua leitura nasce o elogio e re-

(a) O auctor não conhecia pessoalmente o individuo; cantado na ode.

putação do engenhoso e joven poeta, cuja mimosa producção, fazendo echo no estrangeiro, merecera ter cabimento entre alguns dos melhores cantos portuguezes, collegidos e publicados, ha pouco, no Brasil.

### A TEMPESTADE.

Ruge nas trevas! — O exterminio e a morte  
Voam contigo no teu gyro insano!  
De Eterno sopra, como o Eterno é forte:  
E treme á tua voz o proprio oceano!

Deus te creou assim — tu és sublime  
Quando passas de raios coroadas,  
É a voz que aos pés de Deus só Deus comprime  
Brame solta no sopra da rajada.

Deus te creou assim — Silenciosa  
A terra inhabitada ia no espaço,  
Quando nasceste negra e magestosa  
É fuzilaste um raio em cada passo.

Então ergueste na amplidão infinda  
O teu primeiro canto d'exterminio:  
Então o oceano, que dormia ainda,  
Sentiu ao despertar o teu dominio.

E tu passaste rapida e sombria,  
Em teu orgulho despresando o solo,  
E ao som do bravo oceano que bramia  
Revoaste d'um polo a outro polo! —

Oh! tu és bella e grande, ó tempestade,  
Quando teus raios pelo céu derramas;  
Quando, estendida pela immensidade,  
Em cada nuvem um vulcão inflammas.

Tu és sublime! — Out'ora temerario  
O globo erguera a Deus fatal injuria:  
Tu deste-lhe o oceano por sudario,  
E sorriste feroz á sua furia.

Quantas vezes depois, quantas solveste  
Dos raios teus a fulminante cometa!  
Quantas, á voz de cima, a comveste,  
Até soar a hora de Sodoma!

Mas a hora soou! — Transpondo os mares,  
De trevas e d'hórror passaste envolta:  
E revoando na amplidão dos ares,  
No valle de Siddim registe solta!

E Gomorra e Sodoma, as reprovadas,  
Que dormiam nos leitos da impiedade,  
Estremeceram de pavor geladas,  
Á fatidica voz da tempestade! —

Depois — quando se erguia no oriente  
O primeiro arrebol do novo dia,  
Em muda solidão o sol fulgente  
Pelas vagas do Aspháltite batia...

Então por largo espaço adormeceste,  
Como o leão da preza saciado,  
E só alguma vez, em sonho, ergueste  
Pelos eccos do céu teu longo brado.

Por seculos assim adormecida  
Tu não viste dos homens o delirio:  
Nem os viste cuspir na cruz erguida,  
Nem soubeste do Golgotha o martyrio.

Mas tu has-de acordar! — Deus, que te envia,  
Dirá — «O mundo é teu — acorda ó forte!» —  
E tu, rugindo o canto da agonia,  
O mundo envolverás d'horror e morte!

E revoando pelo espaço ingente,  
De tuas nuvens derramando a lava,  
C'um sopra apagarás a chamma ardente  
Do sol que a pobre terra alumia...

E da noite sem fim nas densas trevas  
Passarás sobre a terra, ó tempestade,  
E á luz sinistra que no seio levás  
Verás por toda a parte a soledade!

Então, erguendo a voz que o mundo aterra,  
Seccarás os abysmos do oceano!  
E com teus raios calcinando a terra  
Proseguirás no gyro soberano...

E o mundo que será? — chaos gelado,  
Que nem mesmo alumia um clarão baço,  
Ao sopra de teus ventos dispersado  
Em pó inutil nas soidões do espaço!

E tu, farta de sangue e de ruínas,  
Acabarás essa missão do inferno!  
E ao bravo som do canto que terminas  
Irás adormecer aos pés do Eterno!

Coimbra. Outubro de 1854. Alfredo de Carvalho.

### Amigo Saneta-Clara.

Cedendo ao teu pedido ahi te envio algumas linhas para a *Estréa Litteraria*.

Ninguem, melhor do que tu, conhece a repugnancia que eu tinha em escrever para o publico, quando apenas se começa a levantar para mim o denso véo, que encobre aos olhos do ignorante a solução das importantes questões d'ordem social.

Accresce, a esta mais que justa razão, a necessidade de cumprir as minhas obrigações academicas, a que dedico o tempo, que de bom grado poderia dispensar, coadjuvando-te na redacção do teu jornal, quando mesmo tivessees uma reputação litteraria, que me tornasse recommendavel.

Não resolves a publicação d'essas linhas sem as leres com attenção, que assim o exige o credito de teu jornal, e a reputação d'um estudante desconhecido,

que só se resolve a escrever para satisfazer um dever d'amizade. Teu amigo e condiscipulo

Pereira de Bettencourt e Athaide.

### O Divorcio.

Toute association ne peut durer, qu'autant que dure le consentement, de rester associée. Tandis qu'elle dure, quandiu consensus. Le divorce est nécessaire aux civilisations avancées.

MONTESQUIEU.

O amor, approximando o homem e a mulher pelos caracteres oppostos da sua organização physica e intellectual, é a origem da familia, germen e principio de todas as associações humanas.

Se ao homem, ser dotado, pela munificencia da providencia, d'uma intelligencia superior e de sentimentos elevados, cumpre moralisar todos os actos da sua vida para conservar a sua posição superior; obedecendo á lei geral que governa todos os seres vivos, e os leva a completarem-se unindo-se, não deve ser dominado por um amor puramente phisico, commum a todos os animaes. Partilhando-o, porém, deve manter a sua dignidade de ser intelligente e livre, elevando o matrimonio humano, pelas relações que deve crear, muito acima do matrimonio natural.

O matrimonio deve pois estabelecer, na fusão das duas personalidades — o homem e a mulher — uma vida commum de corpo e espirito, que só a morte se supponha poder dissolver.

Já os Romanos, esse povo que tanta admiração nos causa, quando ao estudar a sua legislação encontramos já principios que a philosophia moderna tem sancionado, desfilam o matrimonio:

*Conjunctio maris et faeminae, consortium omnis vitae, divini et humani juris communicatio.*

Se o fundamento do matrimonio deve ser o amor reciproco, não pôde suppôr-se nas pessoas, que pretendem unir-se por tão doce laço, outra intenção que não seja a de contrahir uma união por toda a vida — *consortium omnis vitae*; e por isso o matrimonio se deve considerar como indissolúvel na sua intenção, não se podendo prevêr a principio as causas de dissolução (a).

Podem porém dar-se causas tão fortes, que justifiquem a dissolução do matrimonio, indissolúvel na intenção com que se contrahio?

Parece-me poder responder-se que as sociedades actuaes, ainda as mais civilizadas, nos apresentam infelizmente innumerous factos escandalosos, que a propagação d'uma moral retemperada nos principios do Christianismo não tem podido extinguir ainda, e por si mais que sufficientes para justifiarem o divorcio á luz dos saos principios da Moral e do Direito.

(a) Expressões de Napoleão, defendendo a admissão do divorcio por mutuo consentimento.

Para tractarmos esta materia julgámos dever distinguir entre o sacramento e o contracto.

Se a religião julgou com razão necessario sanctificar o matrimonio para o tornar mais respeitavel, não devemos esquecer que, considerado como instituição social, não deixou de ser um contracto, cuja liberdade a lei deve garantir, deixando emboira á consciencia de cada um junctar-lhe as cerimoniaes religiosas que julgar conveniente.

Só assim se respeitará a liberdade de crenças, um dos primeiros elementos do progresso social!

Abstrahindo pois de toda a questão religiosa, não discutiremos se a indissolubilidade do matrimonio é um dogma, ou foi imposta por leis disciplinares da Igreja, cuja modificação o interesse da sociedade possa causar; é nosso intento só provar que existem na sociedade causas, que, tornando necessario o divorcio, o justificam, segundo a Moral e o Direito.

Continúa. Pereira de Bettencourt e Athaide.

### Auxilio e influencia das Idéas religiosas sobre o homem na sociedade.

Continuado do n.º 12.

As affecções generosas e ternas, que a munificencia do Eterno depositára no coração do homem, a aliança das idéas religiosas une novo encanto e duplo vigor: assim a arvore florida e o verde prado, já bellos por si, ostentam delicado matiz, quando o astro do dia, assomando no horizonte, despede seus raios dourados. — Experimenta a piedade filial dolorosos sentimentos no mancebo, que, confiado na virtude d'uma devota e ingenua oração, recorre aos attributos do supremo poder: justiça e clemencia; exora-lhes saúde e vida para seus paes enfermos, entes queridos, cuja supervivencia lhe poupara futuras e acerbas saudades. — Desconsolada e pálida donzella, que opprime a dôr e saudade, vencedoras do tempo, cahê junto da sepultura, onde repousam os restos maternos, seu mais doce penhor; negreando em roda esguios cyprestes, a solidão exalta seu pensamento; alli, sozinha, em sentido pranto entôa os suspiros de Job e as queixas de Jeremias, como a viuva solitaria rola em sons carpidos apiedando as selvas. Pela sentença

Da morte a ferrea lei não se derroga!  
Nas paginas fataes é tudo eterno!

seu coração afflicto está condemnado a misera e funesta sorte; 'nesta conjunção... ah! a religião lhe aponta eterna vida: além da sepultura, d'onde surge esperanza consoladora, qual a do naufrago, que, entre as ondas, devisa a terra. Então o pensamento elevado acompanha ás eternas moradas esse ente querido, e de lá julga ouvir o adeus d'amizade, pronunciado sobre a campã do tumulo. — Por piedosa coragem fortalecida, a mulher caritativa visita as moradas da miseria e soffrimentos; pelo zelo, junto da enxada

do pobre, e pelo dever, a par do leito do rico, supporta fadigas e desgostos para minorar os males e penas do moribundo; anjo consolador apresenta a imagem d'uma aurora boreal nas vagarosas noites dos pólos, e sua voz, revocando as esperanças religiosas, cala no coração do enfermo, que esquece o mal para abençoar a caridade d'uma alma pura, que cumpre missão celeste na terra. — Do sentimento religioso recebe a virtude seu melhor caracter.

Socrates, Platão, Marco-Aurelio, Fenelon, Franklin e outros, contemplando o modelo infinito da perfeição na Divindade, cujas leis d'ordem e harmonia respeitavam, constantemente inclinaram para o bem suas acções e pensamentos, d'onde mereceram a sabedoria e reputação, que a humanidade, honrando-se, eterniza.

Idéas religiosas, que ás nossas faculdades dão uma direcção tão conveniente, fecundam o genio e a virtude. A moralidade fugiria da terra, onde sómente fosse reconhecida a materia, combinações fortuitas, e a dissolução dos seres. Apostolos do atheismo! vossos calculos ferrenhos contristam a vida; ás vossas palavras desaparece o bello ideal!

O destino dos diferentes seres, que nos cercam, termina-se, sem duvida, sobre a terra: o arbusto, não reflectindo sobre a sua existencia, nasce, cresce e perece; e o animal, exemplo de vicio e incapaz de virtude, desconhece pesar e esperanças na sua destruição. Ao homem sómente durante sua vida agitada, deprime o vicio, honra a practica das acções boas; na hora extrema aparta-se com pesar dos seres, que lhe promettem uma eterna lembrança; perseguido por sua virtude, proscripto por sua coragem, olha ao céu para achar confiança e esperança. Restar-lhe-ha só morrer? Terá a natureza esquecido sua justiça para com a obra mais perfeita da criação?... Nossa immortalidade é uma consequencia necessaria da existencia de Deos.

Em vão as enfermidades, erros e faltas demonstram ao homem sua fraqueza, pois uma voz interna lhe revela seu destino: contemplando as maravilhosas obras do Eterno, o homem conhece ser superior a todas; occupando um ponto do globo, seu vasto pensamento abraça o Universo, vê o tempo devorar os objectos de suas affeições, desfazer os monumentos, e destruir as obras da natureza: sentado no resto de tantas ruínas, o homem aspira á immortalidade, a vida sem fim, onde suas acções boas serão recompensadas.

A existencia de Deus e a immortalidade da alma são verdades, firmadas na religião (o Christianismo), d'onde surgem as esperanças religiosas e doutrinas necessarias ao progresso da humanidade, e sua conservação. A religião christã, possuindo o maior gráo de verdade e representando a unica revelação completa de Deus ao homem, é o unico principio poderoso e verdadeiro do progresso humanitario; a revolução moral (longo seria descrevel-a) produzida na terra, assás o comprova. O homem, obedecendo aos principios d'uma religião tão sublime, torna a morada terrestre menos differente da celeste, para onde eleva seus pensamentos: procura minorar os males dos

outros seres racionais, remover-lhes as privações, acalmar-lhes os odios; entretem sómente relações de paz e amor.

F. P. Santa-Clara.

O poeta.

O poeta é toda obra da natureza, é a sua obra prima, porque é ella quem lhe dá uma alma forte, sensivel e energica, que contém em si as fontes vivas do sublime e do bello; é o poeta quem verdadeiramente sente a natureza, por isso que vae pintal-a com todos os seus encantos, adornada com todas as suas galas. Elle, e só elle, cheio d'um vivo enthusiasmo, arrebatado pelo seu genio, vae seguindo os vãos da imaginação e assim, descobrindo e revelando-nos talvez os mysterios mais insondaveis da criação, notando ordem, belleza e harmonia, onde só veriamos um chaos.

Como não admirar pois esse ente privilegiado, como não tributar a mais pura de nossas affeições a esse que vive só da poesia e para a poesia, a primeira entre todas as artes? — Poesia!... nome magico e magestoso; nome que comprehende tudo o que ha de mais bello na natureza, por qualquer lado que esta seja encarada, e que, não contente em prescrutar tudo aquillo de que o mundo é theatro, desprendendo-se d'elle, vae até as regiões do infinito! — Oh! como és grande, poesia!

Usando do poder immenso de que dispões, fazes por toda a parte resoar teus sons harmoniosos; a tua voz vae tirar do esquecimento a acção generosa para dar ao seu auctor um nome brilhante,

E por mais que combata o tempo avaro  
Contra as virtudes dos sublimes peitos,  
Tu lhes dás fama egregia e nome claro;

fazes com que a sociedade submissa e respeitosa vá ajoelhar perante um nome, que talvez detestava; cravas o punhal no coração do tyranno, que faz a desgraça do seu povo e ri das miserias d'elle; ensinás-nos a olhar a morte como um bem, quando trocanda a vida pela patria; espalhas por entre todos o germen fecundante da virtude, que exaltas com teus cantos, germen, que, poisando ocioso e tranquillo sobre o coração, lá fica até que uma occasião propicia, venha fazel-o brotar cheio de viço; — então sentimo-nos inclinados ao bem, porque temos á vista mil exemplos generosos que nos apontas; e amamos a humanidade, porque nos commoveste o coração e nos esclareceste o espirito.

Quando o que te cultivava comprehende a sua missão; quando elle tem no seio uma alma em que predomina não menos a reflexão, que a paixão; quando possui uma imaginação fecunda, que facil apanha as formas da natureza para as desenhar em toda a perfeição, e a tudo isto reúne o sentimento religioso, o culto ao ser absoluto, immutavel e eterno; — então é elle um teu verdadeiro apostolo, um filho carinhoso, que deves receber em teu regaço, e docemente aca-ricial-o.

E quem não será tocado de sympathia para com esse mimoso da fortuna? Como, ao vê-lo descrever as vastas solidões do deserto, e o ruído das cidades turbulentas, o pequeno mas limpido regato correndo mansamente por meio do valle, e a torrente impetuosa que se despenha do alto d'um rochedo; e quando, já misturando a sua voz ao sibilo dos ventos,

ao bramir das tempestades, ao fuzilar do raio, elle nos faz recordar a Divindade, enchendo-nos d'um profundo respeito e temor por ella: quem não ambicionará o ir depôr mais uma flor na corda brilhante que lhe adorna a frente, como em paga das emoções suas que lhe fez experimentar?!

Ninguem por certo. V.



Vae-se a tarde despedindo,  
 Vae fugindo,  
 Vae levando a luz do Céu...  
 Vem-se a noite approximando,  
 Desdobrando,  
 Desdobrando o negro véu...

Horas são... Desce, ó mysterio...  
 Sonho aereo...  
 Mysterio do meu amor!  
 Surge, surge, aerea sombra!  
 Não me assombra  
 Teu phantasma — encantador.  
 Do sepulchro te desprende,  
 Surge, accende  
 Em minh'alma vida e luz!  
 Essa luz, que em tempo ainda  
 Viva e linda,  
 Me juraste aos pés da Cruz.

Morta mesmo, nada importa,  
 Se é que morta  
 Tua alma não jaz aqui...  
 Morta mesmo, ai! vem sorrir-me,  
 Repetir-me  
 «Não me esqueço, não, de ti!»

Vem dizer-me: «falsas juras,  
 Vãs perjuras  
 Nunca em vida te jurci;  
 Que os meus prantos, meus sorrisos,  
 Cantos, risos,  
 Noites, dias, te votei!»

Vem dizer-me: «só contigo,  
 Terno amigo,  
 Meus sonhos sonhei — em vão! —  
 Só por ti senti que a morte  
 Desta sorte...  
 Me gelasse o coração!»

Mas, não digas, não, mysterio...  
 Sonho aereo...  
 Mysterio do meu amor!  
 Não, não surjas, negra sombra,  
 Que me assombra  
 Teu phantasma — assustador!

Faro, Novembro de 1854.

## PHANTASIA.

Não te cances, que me canças,  
 Não gemas, que me entristeces,  
 Não chores, porque enterneces  
 Um pobre sem esperanças.  
 Prêso estou: não basta isto  
 Para soffrer de sobejo?  
 Entre grilhões eu me vêjo,  
 Entre ferros me contristo.

Estas paredes são tinctas  
 Da côr da minha tristeza:  
 Aqui, oh! não me desminto!  
 Traja lucto a natureza.  
 D'esse tecto assás sombrio  
 De Damócles pende a espada;  
 Apenas um ténue fio  
 Demóra a extrema estocada.

Tu olhas! Vê, que é verdade  
 O destino, que me espera;  
 O que um culpado assevera,  
 É funesta realidade.  
 'Naquelle canto não vês  
 A tumba dos enforcados?  
 Esses móveis malfadados  
 Inspiram terror; não crês?

Tu choras! Convem, que chores;  
 Porém, ah! não chores tanto,  
 Que augmentes com esse pranto  
 De meu coração as dores.  
 Cada instante de tormento  
 Dilacéra uma alma forte:  
 É mais cruel, que essa morte,  
 Que dá calma ao pensamento.

O juiz, que só desêja  
 Multiplicar a tortura,  
 De fazer mal não se pêja,  
 Retardando a sepultura.  
 Mas o prêso desgraçado,  
 Que evitar isto não pôde,  
 Sofrerá o raio irado,  
 Que a injustiça lhe sacode.

E tu, que me vês morrer  
 'Nesta crise tão terrível,  
 Fôge d'aqui, se é possível,  
 O meu fim não queiras vêr.  
 Escuta essa ave agoureira  
 'Naquelle torre sombria;  
 Ella em gritos me annuncia  
 Minha hora derradeira.

(Z)

Acção dos acidos, como refrigerantes,  
na economia.

Continuado do n.º 9.

Havíamos nós tentado responder á opinião de Bouchardat e de todos os outros, que, baseados na theoria erronea de Lavoisier, consideram a respiração como a principal fonte do calor animal, e o effeito refrigerante dos acidos como resultado da acção chimica, que estes medicamentos exerciam 'naquelle funcção.

Erronea a considerámos á face das luzes hodiernas que illuminam a sciencia!.. erronea a considerámos, pela mesma razão, como filha da theoria que julga ser a acção dos medicamentos — uma acção meramente chimica já apreciada, já desconhecida em virtude do atrazo dos nossos meios de analyse — (Bouchardat).

Confundir a acção chimica, ou os actos physicos e mechanicos do medicamento com o seu modo de obrar dynamico, com esse que caracteriza a substancia medicamentosa e que é o effeito da sua acção primitiva, é não vêr a differença, que vae, por exemplo, da força desorganizadora d'um alcali ou d'um acido em contacto com os tecidos, para a modificação que caracteriza o effeito pharmacologico.

Este não se dá onde ha desorganisação; e medicamento é a substancia, que, convenientemente preparada, e só pela absorpção levada ao interior da economia no estado physiologico, ahí produz uma modificação, por uma virtude ou força, que lhe é propria!..

Em nosso auxilio invocaremos dois exemplos bem frizantes.

O arsenico ministrado em pequena doze produz a morte sem alteração alguma chimica, e tomado em grande quantidade produz esta alteração e não a morte.

Qualquer veneno, tomado em não elevada porção, debaixo da fórma solida, não occasiona a morte e só uma ligeira alteração na mucosa intestinal, e esta mesma porção diluida trará necessariamente a morte.

Se d'aqui se não infere que a acção do medicamento não é chimica, attendamos ao que se passa na ingestão do sublimado corrosivo!..

Este energico agente mata sem produzir a menor alteração chimica no estomago, e só depois da morte é que começa de atacar as suas membranas: donde se conclue que com a força vital existia uma força que impedia a acção chimica do veneno, e que, paralyzada esta pela morte, o veneno obra então livremente como

agente chimico!.. E nem se diga, como Bouchardat, que é em virtude d'um verniz de muco do epithelio que os acidos não atacam o estomago durante a vida, porque esse verniz lá deveria ter ficado segregado para depois da morte, e a acção chimica manifesta-se immediatamente, depois que a força medicatriz ou resistencia que o principio vital oppõe á destruição do organismo se extinguiu!..

Não queremos negar, que existam na economia acções chemicas, como tambem as ha mechanicas: quizemos apenas discriminall-as do modo de obrar dynamico, que constitue a essencia de acção medicamentosa.

Continúa.

A. M. da Cunha-Bellem.

#### Noticia das antiguidades d'Elvas.

Não se sabe com certeza, quando, nem por quem, fôra Elvas edificada: o que pôde asseverar-se, é que já existia seculos antes da fundação de Roma. Pelos annos 212 antes de J. C., accommettendo os Romanos a provincia Terraconense para a conquistar, penetrou o capitão Cayo Elvio na Lusitania pela parte da Bética, e, passando o rio Anas, hoje Guadiana, se accommodou nas suas frescas e delectosas margens, e depois, ou por força, ou por affagos, de que muito usavam os Romanos, tomou Elvas aos Celtas. Dizem que do seu nome se deriva o do rio Caya, e o do seu sobrenome o nome d'esta cidade. Supplantados os Romanos pela invasão dos povos do norte, no anno de J. C. 409, caiu Elvas em poder d'estes, e depois, em 714, em poder dos Sarracenos, que a dominavam, quando D. Affonso Henriques lh'a conquistou, pouco mais ou menos, pelos annos 1166, em que os expulsou d'esta provincia.

Quer os Mouros recuperassem Elvas, quer, tendo aqui ficado, recusassem pagar o tributo imposto, ou D. Sancho 1.º a conquistasse tambem, é certo que no principio do estio de 1226, veiu D. Sancho 2.º novamente conquistall-a.

D. Pedro, mestre dos Templarios, D. Rodrigo, prior do Hospital, D. Sueiro, bispo d'Evora, muitos fidalgos, cavalleiros e mais gente de guerra, coadjuvaram a el-rei 'nesta empresa.

Aquartelou-se el-rei na parte do sul, no sitio, em que se edificou depois (1642) o forte de Santa Luzia: D. Rodrigo acampou-se no

lado do E., D. Pedro no do N., e D. Sueiro no do O.: eis o sitio que formaram.

Bem seguros se julgavam os Mouros, por terem Elvas (então villa) mui bem fortificada e abastada, quando, no dia 8 de dezembro, investindo o bispo D. Sueiro com a sua gente ganhou a porta, por isso chamada do *bispo*, e, avançando cento e vinte passos, fez alto, e levantou altar, em que celebrou missa da *Immaculada Conceição*. Foi aqui, que depois se erigiu a primeira parochia, hoje cathedral erecta por el-rei D. Sebastião em 1570, mudando-se o *orago* de Conceição em Assumpção.

Famosas eram as escaramuças, que havia no valle, que ficava entre a villa e o quartel da córte, quando no dia 6 d'agosto de 1227, carregando os nossos sobre o inimigo, o fizeram precipitadamente recolher á villa, aonde, ganhando os nossos sessenta passos, pararam, fortificaram-se, e celebraram missa da gloriosa Transfiguração do *Senhor*: foi a segunda parochia, denominada do *Salvador*, e não de S. Salvador, como vulgarmente lhe chamam, hoje inteiramente demolida, fazendo-se todas as funcções ecclesiasticas na igreja de S. Tiago, templo dos jesuitas, de que fallaremos.

Accommettendo os nossos, em 29 de Junho de 1229, a porta *de ferro*, ou ferrada, a ganharam, não sem grande perda; e juncto ao muro, por não poderem avançar mais, levantado altar, celebraram missa do Principe dos Apostolos, e depois edificaram igreja, que é hoje a terceira parochia, com a denominação de S. Pedro.

Os cavalleiros do Templo, accommettendo a villa pela parte em que estavam aquartelados, ganharam uma rua, e, parando em frente da porta dos *Sanctos*, 'neste logar edificaram depois uma igreja á Magdalena, que chamaram = o *Templo* = arrogancia da sua primeira fundação: tanto esta porta como o Templo, não existem actualmente, e a ermida, que vemos, da Magdalena, é distincta d'aquelle mencionado edificio, que se julga fôra levantado, pouco mais ou menos, no logar, que occupa hoje o mosteiro das freiras de S. Domingos. A mesma fortuna tiveram os cavalleiros do Hospital, que, penetrando na villa, ganharam o terreno, em que edificaram a ermida de S. João Baptista.

Encerrados os mouros no castello, 'nelle se defendiam, até que algum os nossos se apoderaram d'esta ultima cerca; e para purificar a mesquita, que os Mouros tinham 'nesto alcáçar, a dedicaram á Natividade da Santissima Virgem: é hoje a 4.ª parochia, denominada

de *Sancta Maria d'Alcaçova*. Não falta quem affirme que foram degolados todos os Mouros, que havia em Elvas; outros, porém, negam, dizendo que aos que ficaram se lhes concedeu, para habitação, o sitio do almocovar, hoje intra, e então extra-muros.

Conquistada Elvas, e dando-lhe el-rei foral, houve duvida sobre quaes seriam a devisa e armas, de que deveria usar: resolveram pedir que fosse o mesmo rei a cavallo, na forma em que ganhou a villa, com lança e estandarte nas mãos, e na orla d'este se lessem as palavras do Real Propheta, Ps. 16 — *Custodi nos Domine, ut pupillam oculi*: — armas, que el-rei D. Sancho 2.º concedeu, e os Elvenses se gloriam muito de que, tão honrosas, a sua tão chara patria as possua.

Continúa.

M. J. Pires.

## SCENAS CONTEMPORANEAS

DA VIDA ACADEMICA.

Continuado do numero 12.

X.

A segunda contradança.

Ricardo tinha ainda tirado a sr.ª D. Constança para par da segunda!.. Nisto porém não houve mais do que mero acaso!..

Esta senhora era bella. Os seus olhos pretos, bem pretos, escondiam-se debaixo das mais finas sobranceiras, cercando-se d'uma aureola azulada, que lhe dava novo realce: a sua bocca era breve e rosada; o seu nariz, do typo das mulheres arabes, condizia com a sua tez morena de mulher andaluza. Infelizmente porém esta donzella, em quem pareciam concorrer todos os dotes da formosura, era menos favorecida dos dotes do espirito!.. A sua conversação era tibia e pouco animada; não tinha essa exaltação do sentimento do bello, que o seu typo parecia querer indicar; o seu coração não se commovia com as doces emoções, que costumam fazer vibrar as cordas mais intimas do sentimento ás filhas da península.

Ricardo contemplára extatico aquella formosura!.. desde que entrou no baile notára a elegancia d'aquella mulher. D. Constança absorvêra-lhe todas as outras impressões!.. e no fim da noite para Ricardo havia uma senhora só no salão.... em Coimbra.... talvez no universo..... Era D. Constança!..

O nosso amigo julgava-se feliz ao lado d'ella! Queria fallar, mas não atinava com a expressão. Fazia *in mente* ensaios de adocicar a voz para lhe render uma fineza!.. mas, nada!.. não desembuchava!.. E a contradança seguia o seu caminho... e os pares da cabeceira já começavam a executar a sua terceira marca... e o nosso Ricardo nada de novo a respeito de abrir bico!..

Estava em torturas! Já cem vezes tinha tirado o lenço da casaca, outras cem tinha como que enxotado com elle o calor, que lhe assombrava a frente... mettia-o na algibeira (o lenço, não o calor)... tornava-o a tirar... assoprava profundamente... affagava o cabello, com grave detrimento de sua luva branca... e os órgãos vocaes emperrados, sem deixarem escoar nem uma syllaba!..

Entre estúpido e amoroso ha apenas leves differenças!..

Finalmente o nosso embatucado amigo olhou para o tecto, e, como que havendo alli deviado o fulgor das estrellas ou os prateados reflexos da lua, exclamou sentimentalmente:]

— Está hoje uma linda noite!.. Não acha, minha senhora?..

Esta expansão mais parva da mais parva semsaboria foi logo festejada por uma estridentinha gargalhadinha d'um sujeito que estava em pé atrás de Ricardo!.. O nosso amigo fizeram-se-lhe as orelhas como duas azas d'um pote de Estremoz!..

D. Constança virou-se para elle com um riso de insipidez engatilhado nos labios, e fez um signal de assentimento. Era a segunda parte da semsaboria!..

Ricardo precisava ganhar terreno; e por isso, affectando o tom de voz mais affavel que se pôde imaginar, voltou para D. Constança:

-- Eu amo o baile! E v. ex.ª?..

— Eu! assim, assim!..

— Talvez prefira o theatro?

— Conforme!..

— Um drama sentimental, em que vibram todas as fibras d'alma!..

— Eu já gostei mais do theatro. Antigamente os fatos eram muito mais bonitos!.. Hoje apparece tudo de casaca, que é coisa que não tem graça nenhuma! São fatos que se vêem todos os dias.

— É verdade!.. mas!..

— Ora diga-me!.. aquelle drama de *Luiza de Carvalho* não era muito mais bonito se fôsse com o vestuario da *Cruz de Malta* ou do *D. Affonso III?*..

— Mas isso hoje está em desuso!..

— Hoje é tudo casaca e mais casaca. Para ver isso, então antes quero vir ao baile.

— V. ex.<sup>a</sup> tem razão! O baile é d'um interesse mais palpitante! Cada conviva é o protagonista de muitas scenas, em que se põem em acção os mais doces affectos do coração... é....

— Olhe que é o senhor a fazer *en avant*.

Esta senhora era um verdadeiro apagador de conversas sentimentaes!..

Ricardo cumpriu os seus deveres dançantes: esperou que D. Constança fizesse o mesmo; e atou o fio das suas expansões amatorias, sempre interrompidas por mil samsaborias d'aquella dama.

Em fim fallou-se de amor!.. Ora, por mais insipida que seja uma senhora, em se lhe tocando na tecla amor, é um gosto ouvil-a fallar. Advoga logo a causa do seu sexo com uma erudição admiravel!.. São mil factos... mil exemplos para corroborar uma opinião! são mil bocadinhos bonitos apanhados nos romances da *bibliotheca economica*... é toda a metralha!..

Fallaram primeiro do amor em geral. D. Constança sustentou que o homem é sempre mais volúvel do que a mulher, e que por isso era um perfido em que se não devia crer!.. Disse cobras e lagartos contra a fidelidade, ou antes, infidelidade dos homens; comparou-os a tigres, a leões e não sei a que bichos mais!.. Foi uma *Demosthenisa*!.. Ricardo, por uma admiravel theoria creada alli *ad hoc*, e que talvez mesmo lhe explicasse certos factos com elle, ou melhor, nelle succedidos, demonstrou por uma serie de raciocinios com os seus *adqui* e os seus *ergo*, com a sua *maior* e *conclusão*; demonstrou, digo, ou antes discutiu com todo o apparato de dialectica sabbatinal, que o homem não é mais inconstante que a senhora, o que é porém é menos mentiroso... mais sincero. Ora, sendo da ordem da natureza que o coração humano seja volúvel, segue-se, por necessaria illação, que homens e senhoras tudo é volúvel — e aqui, como quem tinha a faca e o queijo na mão, decidia o nosso estudante a questão a seu favor, levando á evidencia que o homem, arrebatado pela admiração, tributava reverencia, culto, amor a essa mulher que elle suppunha o typo ideal do bello, e que se acaso outra mais bella lhe apparecia, adorava-a sobre todas, não por inconstancia para a primeira, mas levado a isso apenas pela dedicação absoluta ao bello!..

Este ponto foi muito debatido com egual força sophistica da parte de ambos os conten-

dedores, que só largaram as armas d'esta peleje para se empenharem noutra mais doce e discutida mais em segredo: a saber — o amor em especial.

D. Constança não tinha 'nessa occasião preenchido o quadro dos seus admiradores. Havia um logar vago, e esse logar foi portanto dado logo alli ao nosso amigo Ricardo.

O derriço proseguia os tramites do costume e a contradança acabava. Acabe-se com ella o capitulo....

Continúa

A. M. da Cunha-Bellem.

### CHARADA.

Eu sou o torrão dos lirios,	2
A expressão d'amizade;	1
Fui roubada por Sichem,	} 2
Quando fui ver a cidade.	

Corro, corro, e umas taes voltas	} 2
Eu dou até me perder:	
Vou espargindo frescura, Dou alegria, prazer.	

É doentio, achacoso,  
Quem tal attributo tem:  
A quem padece, sómente  
Este nome lhe convem. M. J. Pires.

EXPLICAÇÃO DO RÉBUS. — **Corsage.**

### EXPEDIENTE.

Em nome da redacção transacta, roga-se aos srs. assignantes de Viana, que porventura não tenham satisfeito a importancia da sua assignatura do 2.º trimestre, o queiram agora fazer, remettendo-a ao administrador d'este jornal.

### AVISO

Roga-se a todos os senhores, que receberam prospectos das Scenas Contemporaneas, queiram devolve-los com brevidade ao sr. Administrador da Imprensa da Universidade.

# ESTRÊA LITTERARIA

JORNAL RECREATIVO

N.º 14

Vol. I

REDACTORES } J. M. Cabral e Castro  
F. P. Santa-Clara

Correspondencia de administração a José da Silva Porto, rua do Sargento-Mór, n.º 4.

Agradecem-se e publicam-se os artigos scientificos e litterarios, que á redacção forem enviados.

Assigna-se na Imprensa da Universidade e no escriptorio da redacção. — Publica-se duas vezes por mez.

Preço { Por trimestre . . 240 rs.  
Com estampilha 270 "

1858 — DEZEMBRO — 15

## Relações da Egreja com o Estado.

Continuado do n.º 12.

### FUNDAMENTO DA SOCIEDADE RELIGIOSA.

Sendo incompativel por natureza o elemento divino para fundamentar a sociedade religiosa, resta analysar os outros dous, e, usando de identico processo, fixar um delles para o fim, que temos em vista.

O elemento humano-divino, existente sem duvida, mas incomprehensivel e superior mesmo á lenta penetração do sentimento racionalisado, facultada esta que se avanta a todas as outras pelo seu poder real e acção investigativa, é essencialmente incompetente para bazear uma sociedade, que, humana como quantas existem, absorveria, modificando e submettendo a todas as contingencias e alterações do finito, o infinito. Os elementos divino e humano, ainda que não contradictorios, quando separados, são insociaveis e improcedentes, quando se tente unil-os.

Se a sociedade religiosa tivesse por fundamento o elemento humano-divino, havia de dar-se forçosamente uma d'estas hypothese: a regularisação dos actos do homem pelo elemento puramente divino, ou pelo elemento puramente humano, ou por um mixto, formado na absurda operação de uma transfusão paradoxica d'ambos os elementos, finito e infinito.

Admittida a primeira hypothese, segue-se que o infinito podia transformar o finito

na sua *substancia*, elevando-o á sua categoria, o que é um absurdo, pois em tal caso o infinito deixaria de o ser pelo simples facto de poder consubstancialisar o finito. Demais, o infinito está para o finito como o increado para o creado, *como a realidade para o nada*, o que, em outros termos, equival a consagrar o principio incontestavel, de que uma assimilação indeterminada de elementos finitos, embora se prolongasse pela eternidade, nunca chegaria a dar existencia ao infinito. Tambem da admissão da primeira hypothese poderá gabar-se algum myope intellectual, fundando a sociedade ecclesiastica no elemento puramente divino; mas a esse lembramos a demonstração respectiva, da qual argumentos infundados, dilemas, que só provam contra a intelligencia de infieis racionadores, sentimentos *fundos*, que, surdindo a custo ao mundo das bellezas, despenham-se, pela exinanição propria, no dominio da philosophia, onde um sópro de espirito logico os recolhe com sofreguidão pelos umbraes do nada, e sarcasmos, que, por sua natureza, sujeitos ás leis da reflexão, recaem sobre quem desapiedadamente os projectar, não poderão desviar algum pensador, que prescruta com prudencia, distingue com discrição, fluente e facil nas suas demonstrações leva a convicção aos espiritos mais preocupados. Brincar com o que excede o *caput humanum* é um disparate, bem o entendemos; mas maior disparate ainda é imprimir ao que é divino

feições humanas, e para o evitar convém estudar nos objectos as suas qualidades. Com effeito, suppôr o elemento humano suffocado no divino, consubstancialisando-o, é um absurdo, e portanto admitir a primeira hypothese é uma inconsequencia.

A segunda hypothese ou tornaria desnecessario o elemento divino para fundamentar a sociedade ecclesiastica, excluindo-o, e então recairiamos no conhecimento da verdadeira base d'esta sociedade, ou fundiria o elemento divino no humano, o que é improcedente por duas principaes razões: sendo absolutamente differentes, e occupando graus extremamente remotos na genealogia metaphysica do universo.

A terceira hypothese é intuitivamente inadmissivel, a não querer provar-se que o fundamento da sociedade ecclesiastica é um mysterio.

A primeira vista parece, que nós 'nestas trez hypotheses encaramos a analyse toda da materia em questão; não é assim, pois que consideramos o elemento divino absorvendo o humano até o extinguir, ficando em si e sua influencia, sobre o mundo moral, puramente divino (1.ª hypothese); o humano, absorvendo o divino, ficando em si e sua influencia puramente humano (2.ª hypothese); o mixto, formado pela degradação do divino e elevação do humano (é troca) até se nivellarem (3.ª e ultima hypothese, terceira e a maior das anomalias.)

Entendido assim, que a sociedade religiosa se não funda nem no elemento humano, nem no humano-divino, e supposta exacta a enumeração dos elementos, segue-se por exclusão de partes, que se funda no elemento humano. Nem outra coisa podia ser, visto ser humana toda a sociedade, e ser mais que contra-senso o dar ás cousas humanas um fundamento divino. Para nós é mais que axioma, é uma verdade eterna, cujo typo somos nós mesmos e a natureza, que se patentêa constantemente aos olhos do espirito, que o homem não mais poderá erguer-se do abysmo, em que o precipitou a desobediencia primeira; verdade eterna, que a philosophia, habil-

mente dirigida por Gioberti, consigna nas seguintes palavras: « Cete restauration, ayant pour but de guérir la nature et de la ramener vers ses principes, devait s'effectuer par un acte semblable à celui qui donna l'existence à cette même nature, c'est-à-dire, par un acte de création. » Este insigne philosopho formûla em poucas palavras o grande principio da nossa doutrina. J. CHRISTO veio remir a humanidade, a sua missão foi restaural-a, os seus esforços tenderam todos a conciliar-a com o principio supremo do bem, com Deus. Foi assim que elle por si e por seus apóstolos desvaneceu em toda a parte as trevas do paganismo, despedaçou os laços da corrupção moral, que os excessos do homem haviam tecido na prática das mais eccentricas anomalias, e submetteu a esta regeneração moral por um acto semelhante (mas não identico, note-se) ao que creou a mesma natureza, e é por um acto de criação, o qual consistia (rigorosamente) no exercicio da força repulsiva do vicio e consolidativa da virtude, força que o homem já antes tinha, pois se assim não fosse, nem J. CHRISTO o poderia regenerar, porque não tinha que, nem elle era imputavel, nem, em fim, teria sido creado uma só vez.

J. M. Cabral e Castro.

Continúa.

#### A indigencia merece séria attenção da sociedade.

(Continuado do n.º 12.)

O que porém é um facto digno de lastima, mas irrecusavel, é o augmento progressivo da mendicidade a tal ponto, que tem dado origem a graves receios, que por toda a Europa se têm espalhado. Alguns escriptores, aliás mui respeitaveis, querendo animar os que elles chamam amigos da humanidade, pretendem não vêr em tudo isto mais que um terror exagerado, um espanto não justificado pela experiencia.

Effectivamente é querer levar mui adiante o principio da segurança, sempre que se pretender fazer da pobreza um delicto, e da mendicidade um crime; mas se attendermos a que essa mesma mendicidade chega a constituir um verdadeiro ramo d'industria, se notarmos o

abuso que essa pobre gente é levada a praticar, chegando a estabelecer escholas e clubs, como nos affirma M. de Morogues, não deixaremos de reconhecer fundamento na opinião dos que vêem na miseria um ameaço á prosperidade pública. — O mendigo em Paris ganha 9 a 12 fr. por dia, isto é tres vezes mais que o industrial. Em 1838, em Lendem, o mendigante Thomaz Humm deixou uma fortuna de 42,500,000 fr.

D'estes e outros exemplos temol-os mui frequentes mesmo entre nós, e mostram-nos elles bem claramente a necessidade de apontar os remedios possiveis para a extincção de tamanho mal. É esta uma tarefa a que se não devem eximir os homens dignos da epocha actual, e a que com effeito se não têm subtrahido, existindo já hoje uma variedade immensa de systemas, taes como: — a abolição da propriedade, dos impostos, do salario e do capital, a divisão agraria, a emancipação do operario etc., que, como diz Chérbuliez, são ainda uma enumeração mui incompleta dos absurdos, filhos da ultima crise revolucionaria.

O exame de cada um d'elles seria um trabalho improbo sobre inutil, e por isso só fallaremos d'alguns mais importantes e sem duvida mais dignos de serem considerados, terminando por indicar aquelle que, para nós, temos como preferivel.

Um objecto que muito tem attrahido a attenção, e a que em grande parte se têm attribuido as proporções gigantescas que toma o pauperismo, é o excesso de povoação, é o numero demasiado d'homens para os quaes o torrão natal, ainda que explorado o mais cuidadosamente possivel, não lhes fornece o necessario para o sustento da vida. O remédio prompto a este inconveniente julgam encontrar-o mui commodamente no emprego d'esses braços, explorando o solo e recorrendo em ultima analyse á emigração, sendo que assim se vae dar completa sanção ao preceito divino — *crecite, et multiplicamini, et replete terram, et subjicite eam* — povoando esses vastos paizes desertos, ainda não pizados pelo rei da criação.

É este na verdade um meio bastante facil, mas que nunca deverá servir senão como meio excepcional; querer fazer d'esses pobres homens conquistadores d'um novo mundo, a quem faltam os recursos materiaes e moraes, instrumentos estes absolutamente indispensaveis para conseguir tal fim, seria uma obra arrojada, que poderia ter por desenlace uma decepção fatal.

A igualdade das riquezas é um principio que altamente tem sido proclamado e adquirido

grande numero d'adeptos, mas a que nós não subscrevemos, porque o olhamos como uma simples chimera. A impossibilidade da permanencia d'essa igualdade conseguida pela applicação de tal principio, a variante das capacidades physicas e intellectuaes, que seriam assim tidas na mesma conta, e ainda a mesma natureza das cousas, são de certo a maior condemnação de taes idéas, que, levadas á prática, teriam a singular propriedade de conseguir um fim diametralmente opposto ao que se pretende, generalizando o mal em vez de o supprimir.

Continúa.

M. J. Vieira, Júnior.

Ad Emmanuel Justinum Pires

ODE.

SINCERA AMICI LAUS.

Te quibus curis studiisve credam  
Posse lassari cerebrumque tantum,  
Clare florentis domitor juventae,  
Caudide Pires?

Non satis vestro puros docere  
Litteras, Lusasque palam loquendi  
Regulas, et Grammaticae severas  
Tradere leges:

Non satis vestro fuit edidisse  
Quidquid addiscentibus esset usui,  
Scripta doctrinis elegantibusque  
Non spoliata?

Et satis ne Grammaticam quidem, olim  
Inclyta forma insolitaque scriptam,  
Tum nota lustrasse recentiori  
Versibus auctam?

Pallida de morte epicum poema,  
Et modi dulces, numero carentes,  
Non valent explere animum: sed ecce  
Carmina rursum

Nectis, et, munus Cereris canendo,  
Floribus vulgas variis repleta.  
Quisque virtutemque decusque honorat,  
Scripta legendo.

His juventus permanet instituta,  
Te duce: insignisque alitur per urbem  
Ex libris, Clarissime, sana morum  
Mella premendo.

Nuncque fidus quid canit Helviorum  
Incola, omnes et juvenes, eorum  
Et parentes? Nunc tibi quidque debent,  
Candide Pires?

Civitas ore eximio fatetur  
Quod sit aeternis meritisque multis  
Vincta, nec dignis valeat labores  
Pendere donis.

Si meis dignos lepidae Camenae  
Auribus versus canerent, Amice,  
Tunc foret cunctis manifesta virtus  
Et decus ingens.

Helviis adis memores precamur,  
Nulla te terris rapiet vetustas,  
Et tibi rex, qui arva regit, qui Olympum,  
Quique fretum, adsit.

1857 Francisco Paula Sancta-Clara.

#### ● Rochedo.

AO MEU AMIGO FRANCISCO RODRIGUES PEREIRA D'ALMEIDA.

Si fractus illabatur orbis,  
Impavidum ferient ruinae.  
Hor: Od. 3.<sup>o</sup> lib. 3.<sup>o</sup>

Vêdes além um rochedo  
Sobre as agoas debruçado,  
Sorrindo, cheio d'orgulho,  
Ao furor do mar irado?

Vêde-o altivo, soberbo,  
Olhando o mar com desdém;  
Despreza a vaga espumosa,  
Que a seus pés quebrar-se vem.

Quando a tormenta estala  
E no céu fusila o raio,  
O rochedo inda constante  
Ergue-se impavido — olhae-o!

Embora soprem os ventos  
Com estampido medonho,  
Embora brama o trovão,  
Vêl-o-eis sempre risonho.

Quando da lua ao pallór  
O mar 'stá calmo, sereno,  
E apoz a tempestade  
Vem tempo bello e ameno;

Quando as vagas socegadas,  
Indolentes, preguiçosas,  
Com murmúrio vêm bater  
Junto ás fragas alterosas;

Ou quando o mar se levanta  
Em medonhos escarcéus;  
Ou quando em noite serena  
Reflecte o anil dos céus:

O rochedo, inalteravel,  
Ergue seu collo alteroso,  
E ao furor do mar, dos ventos,  
Sorrri-se sempre orgulhoso.

Homens do mundo, aprendei!  
Imitai-o se podeis;  
Ao mundo mesquinho e vil  
A frente nunca curveis!

Deixai passar a desgraça,  
Olhai-a com indiferença!  
Respondei ao infortunio  
C'o sorriso da descrença!

Coimbra, 10 de dezembro de 1858.

Antonio Rodrigues de Sousa e Silva.

#### Impressões da noite.

Versez sur moi, versez vos ombres,  
Rendez les ténèbres plus sombres  
Et le silence plus épais!

LAMARTINE.

É-me importuno o teu brilho, ó bello astro da noite!.. Essa luz incerta, tão mysteriosa e seductora, essa luz, que inspira em tantas almas a suave melancholia d'uma saudade pungente e delectosa, não me desperta um só dos sentimentos adormecidos em meu peito!..

Saudades não as tenho!.. e de que as poderia eu ter, se o meu passado me foi tão indifferente como o é o presente... como o será talvez o futuro?.. Que me póde dizer o brando susurrar das florestas, se me não desperta uma só lembrança... uma recordação risonha da aurora de minha vida?.. Que diz o suspirar das fontes, se eu não comprehendo as suas melodias?..

É muda para mim a natureza, porque não encontra no meu peito um ecco a responder aos seus hymnos de harmonia, porque não tem uma voz que me faça vibrar as fibras do coração, tão frouxas como as cordas de que-

brada lyra!.. É-me importuno o teu brilho, ó bello astro da noite, porque a tua luz duvidosa derrama nas campinas a seducção e o encanto, porque emprestas á lympha os teus prateados brilhos, porque dás a todos os objectos mentirosas côres, que se esvaem apenas vaes reclinar a fronte detraz de visinhas cordilheiras!.. E então desaparece todo o encanto, e a natureza, como que envergonhada de ter-se adornado com os falsos ouropéis de uma seducção ephemera, apparece mesquinha e desornada, qual a face do traidor depois de rasgada a mascara dé hypocrisia!..

O teu brilho é-me importuno, porque eu diviso 'nelle da falsidade o emblema, que dá ao coração humano reflexos mentirosos, que se apagam logo que o prisma do fingimento deixa de nol-o mostrar decorado assim de emprestados adornos!..

A magnetica influencia, que a tua luz feitiçeira derrama em dois amantes felizes, não me seduz tambem; a mim, coração alquebrado nos transeos do soffrer, e a quem a descrença tem impresso o seu gellado sello!.. Não me seduz a mim, porque não tenho uma donzella, cujas faces pareçam mais formosas ao reflectirem teu argenteo raio, cuja respiração anhelante pareça embalsamar a brisa das campinas, e cujo olhar encantado como que deslumbre o brilho que desprendes sobre a terra!.. O teu raio não me torna mais graciosa a existencia, e as trevas, que enlutam a minha alma, não se dissipam ao despontar de teu pallido clarão na immensa planicie de Saphyra!..

Para esses, que, em horas de infindo gozo, sentem palpitar o coração de uma donzella sob as impressões do amor nascente, e que, comprimindo esse coração contra o seu peito, lhe sentem as pulsações violentas e anhelantes, casadas ao anheio e á violencia das suas proprias pulsações; para esses, a quem o sentimento indefinido do amor, tem feito aspirar os perfumes de uma inebriante ventura, é doce a tua luz; porque, seductora sempre e mentirosa, mergulhando-lhe a existencia 'nesse lethargo de brandas illusões — chamado felicidade, lhe embriaga ainda mais os sonhos da imaginação com as encantadas chimeras d'um devaneio d'amor.

Oh! como será doce o viver então assim! Credo na affeição de mulher e na sua propria affeição, namorando a brisa das campinas e o perfume das florestas, extasiando-se 'numa sensação deliciosa e indefinida, ao ouvir

a mulher pronunciar mentidas fallas de amor, e amando a tua pallidez, ó lua, que lhe embellèzas os encantos de tão deleitoso sentir!.. Como então deve ser bella a saudade, que, em horas de melancholia, vem na mente reproduzir celestes gozos d'uma passada ventura!.. Quanto esse *delicioso pungir de acerbo espinho* deve então mergulhar 'num sentimento vago e indizível, que partilha ao mesmo tempo da seductora illusão que passou, e da cruel incerteza que tem de preceder o despertar gellado e frio nos braços da descrença! Como será bella então a lua!.. Ella, que foi testemunha de nossos fervidos transportes; ella, que parece haver sorrido á elevação extatica das nossas almas; ella agora tambem, pensativa e merencoria, parece compartilhar a nossa saudade!.. E o coração, que sózinho vagara nos ermos de recordações saudosas, encontra 'nella; que presenciou os seus primeiros devaneios, 'nella que illuminou as suas primeiras emoções, 'nella que escutou os solemnes juramentos que traduziam esse sentimento de impressão ardente que a mulher nos fez sentir, o coração encontra 'nella uma companhia como nós a temos na sombra, que ao seu clarão projectamos!..

E a vida corre ligeira!.. e a existencia se escôa descuidosa, como a florinha arrastada na placida corrente!.. São as margens juncadas de açucenas, voluptuosos perfumes lhe beijam a superficie, é de perolas e coraes seu brando leite, e as suas aguas são os diamantes da corôa do omnipotente, fundidos pelo raio d'um sol brilhante e puro!.. E a florinha vae correndo enlevada nos encantos da existencia!.. ama a frescura das agoas, namora as estrellas do firmamento, extasia-se com o verdor das margens, e deixa-se arrebatada com o murmuro suave de tantas harmonias, sem que lhe lembre que a voragem d'um pelago profundo e tempestuoso, segue o doce balouçar de corrente mansa e crystalina!..

Tal a vida tambem se escôa deleitosa entre as illusões do amor! Embriaga-se de mil sensações de voluptuoso gozar, sem que lhe lembre que apóz corrente placida de mentirosa ventura, vem revolto oceano de acerbo soffrimento. Enamora-se dos encantos que adornam a fronte da donzella, sem prevêr que hão de murchar uma por uma todas as flores d'essa corôa vecejante! Extasia-se ao aspirar os perfumes que exala o seu seio palpitante, sem presentir que esse odor inebriante asphyxia e mata como o aroma das plantas venenosas!

Esgota a longos tragos a taça dos prazeres, sem que o amargor do fel, que hade encontrar na ultima gota, lhe venha perturbar o gosto delectoso da sua libação inebriante. Quão bello é viver assim!.. A mulher, que ao depois veremos na sua mesquinha nudez, apparece-nos então adornada como todo o encanto que a imaginação lhe possa dar!.. e nossa alma se acurva idólatra perante a imagem celestial, que em sonhos de acordado nos apparece a sorrir!..

Oh! vae!.. esconde os teus pallidos raios detraz da nuvem que se emballa brandamente nas azas da viração, ó bello astro da noite!.. Não dês a tua luz mysteriosa e seductora senão aos que comprehendem, aos que sentem as magias do amor, d'esse amor puro e verdadeiro, archivado pelos anjos no céo, abençoado por Deus e acceto á natureza e ao coração humano. Então será doce o teu fulgor, ó facho luminoso das noites, os teus raios se reflectirão puros e sem mancha na face afogueada da donzella, que estremece á doce impressão d'este affecto, e a fronte pallida e carinhosa do mancebo receberá tambem esse teu brilho, sem que o teu raio luminoso o venha importunar!..

Mas hoje és-me importuno, ó bello astro da noite! hoje o teu brilho não pôde achar reflexo nas trevas que me annuviám o coração!..

Vae!.. esconde a fronte detraz da collina adornada da mais luxuriante verdura! — vae repousar alli em somno de magia, que eu quero as trevas da noite para se casarem com a procella que me vae no fundo d'alma!..

E se, no porvir, tiver acaso uma doce emoção de amor, talvez então busque o teu brilho, que hoje, ó gentil alampada celeste, não pôde deixar de me ser importuno.

185...

A. M. da Cunha Bellem.

### O amor do solo natal.

Deu leis á natureza, e as leis subsistem.

J. A. DE MACEDO, *Meditação.*

Para a belleza e harmonia do universo concorrem todos os entes, que, dentro de determinada esphera, hão de cumprir a vontade do omnipotente, que os creára. Jámais algum pôde encontrar seu destino ou subtrafr-se ás leis conservadoras, que a suprema-intelligencia legistrou.

Pela obediencia passiva ou pelo instincto

guiados, tendem ao fim prescripto o ser insensivel e o animal irracional, cujo movimento e progresso encerram limites, além dos quaes o menor desvio é vedado. Assim os planetas, buscando o astro, seu centro, reflectem á luz emprestada e gyram nas orbitas prescriptas; as nuvens, levadas nas azas do vento, percorrem o espaço e regam a terra; os vegetaes e animaes irracionaes, povoando-a, habitam cada um sua zona e vivem sob differentes climas: é que o dedo do Eterno lhes marcára fim e logar na criação, leis que cegamente cumprem.

Na face da terra sómente o homem possui a razão, dom de apreciar a bondade de suas acções; todavia esta facultade, que, em qualquer acto de interesse individual, lhe concede liberdade, não pôde calar os sentimentos innatos, que Deus depositára no coração humano.

O sentimento ou amor do solo natal é uma lei geral, imposta ao mundo; lei que subsiste vigente na intimidade dos seres, independentemente de qualquer vontade creada. Este amor domina a natureza viva, que se curva reverente sob o seu poder; a propria razão só tende a fortifical-o e dirigil-o.

### II.

Na orla d'esse horizonte crepuscular do passado avullia-se-me a capelinha da habitação da infancia ao dia sancto.

A. HERCULANO, *Monge de Cister.*

As plantas e animaes irracionaes, vivendo em regiões determinadas, obedecem por necessidade. O homem, rei da criação, a quem Deus confiára poderes superiores, cuja natureza se accomoda aos differentes climas, goza o arbitrio de escolher, segundo seu capricho ou commodo, um ponto na terra, onde verá correr os dias da sua existencia.

Quando, abandonando o patrio lar, buscou longes terras, lá o accommette um amor invencivel, a saudade do logar da sua infancia.

Varias circumstancias fortificam esta affeição: alli recebeu a vida; alli seus paes, adorando-o, lhe ladearam o berço, e abriram os thesouros de seu carinho e cuidados; qual a flor, que a planta extremosa, recorrendo ás forças da vegetação, provê de succos, protege e adereça de folhagem luxuriante.

No seio da familia experimentára os primeiros pensamentos, e pela presença dos objectos creára as primeiras imagens, que lhe

adornaram a intelligencia e moveram a curiosidade. Foi alli que ouvira pela vez primeira a voz da moral, da religião e da virtude, cujos preceitos profundamente pousaram no seu coração, deixando principios indeleveis e conservadores, a despeito dos perigos da educação pública e vicissitudes, que, no correr da vida, perturbam as paixões.

O logar das impressões da sua infancia guardam eternas memorias. Lembra-se do esmalte e viço do verde prado, onde, apenas rompessem os raios da rociante manhã, folgação buscava a companhia d'outros jovens, e, longe dos ruidosos cuidados, em correrias e simples brinco consumia o tempo. — Vê os pictorescos quadros, que admirava sob o apparecimento da aurora, cuja luz purpureava o horizonte, ou quando os primeiros raios do sol caíam no cume da collina, e vinham descendo pelo declive até ao valle. — Figura-se-lhe ouvir o suave susurro da cascata, que se precipitava de alcantiladas rochas sobre o prado, d'onde tortuosos regatos se derivavam fugitivos por entre seixinhos, fazendo surgir a violeta, cujo perfume seduzia e encantava.

— Ouve o trinar e doces arpejos do rouxinol, que sobre o verde myrto, ao assumir pelo horizonte o mimoso crepusculo da tarde, exprimia canções de extremo amor, que escutava elegante serrana, a quem os pastores do logar prestavam toscas finezas e naturaes requebros. — O balador rebanho, e o ladrido dos cães e o mugido dos bois, não deixam de soar constantemente ao seu ouvido.

Longe... mui longe ouve, vê, como se presente estivesse: tão profundas e preciosas foram as impressões, que lhe infundiram no coração os logares, adjacentes ao berço da sua infancia!... Por certo não envelhecem através dos annos os pensamentos, caros á memoria! Caros, na verdade, pois causam consolação em todo o tempo, e nunca perturbam a consciencia.

Poderemos acaso, sem commoção, lembrarnos d'esse lar patrio, onde á noite, juncto do fogão, escutavamos religiosamente os contos e historias do tempo passado?... Poderemos já-mais esquecer o templo da aldeia, e idosas torres, em cujas grimpas, durante a noite, piavam agoureiras aves; os sinos, cujo repique saudava a manhã; os altares, onde aos domingos e dias sanctos nossa mãe nos conduzia para invocarmos o nome de Deos, testemunhas do dia solemne, em que, trajando candidas vestes, sem temor e escrúpulo recebemos, pela vez primei-

ra, da mão do sacerdote o corpo do Homem-Deos?..

Não; já-mais esqueceremos o tempo da infancia, a casa paterna e os logares, onde passáramos a verde idade. Então seríamos tão felizes, teríamos tanta tranquillidade e confiança no futuro! Hoje cuidadosos guardaremos na memoria as circumstancias d'essa idade encantadora, os sorrisos de todo o mundo, e as illusões, sob que, ao principio da noite, adormeciamos!

Continúa.

F. P. Santa-Clara.

### A mulher.

(IMITAÇÃO DO HESPERIDOL.)

### SONETO.

É a mulher um mar, sempre agitado,  
Bandeira, que se muda a qualquer vento,  
De p'rigos quasi sempre um instrumento,  
No rosto, sol; no coração, nublado.

É de inimigo fé; mas sem tractado:  
Breve descanso e immortal tormento;  
Ligeira, mais que o mesmo pensamento;  
E de soffrer um fardo bem pezado.

É, mais que um aspide, arrogante e feroz;  
P'ra seu gosto, de cera derretida;  
P'r'o alheio, peor que uma panthéra.

É um doce veneno, e tão fingida  
Como astuta raposa, e.... mais dissera;  
Mas, sem ella, ai dos homens 'nesta vida!

M. J. Pires.

### 'Num Album.

Ouve, Emilia: se a ventura  
Pouco dura,  
Tambem dura pouco o mal;  
D'esta vida o passo leve  
Corre breve,  
Corre breve e corre igual.

Eis porque, quando em meus sonhos,  
Tão risonhos,  
Pinto ás vezes gozos mil,  
Me não punge, da verdade  
Que a fealdade  
Rasgue o quadro meu gentil:

Rasgue embora e embora a vida  
 Võe despida  
 De prazer, de crença e amôr;  
 Tão curto é da vida o termo,  
 Que 'neste ermo  
 Não distingo o espinho e a flôr.  
 Não distingo, ah! mas se ainda  
 Visão linda  
 Ha que importe descrever;  
 Se uma cousa ha que eu deseje,  
 Que eu inyeje,  
 Ouve, Emilia, vou dizer:

Era em gruta bem selvagem  
 Linda imagem  
 Ver em ti da que eu amei,  
 Ter contigo a mesma sorte,  
 Vida e morte  
 Ter, Emilia!... o que eu não sei!

#### Sumptuosidade Romana.

Para se fazer idéa da magnificencia, com que eram feitas as habitações do povo rei, dominador do mundo, que chegou a ser a mais poderosa nação do universo, conservando tributarias e debaixo do seu dominio muitas outras nações, que não poderam sacudir o pesado jugo, debaixo do qual se viam opprimidas; apresentamos a seguinte noticia, que extrahimos d'uma excellente obra, como são todas as que sahem da penna do religioso e eloquente J. Gaume, ornamento do clero Francez, e auctor de muitas obras de reconhecido merito, como do Cathecismo de Perseverança, da Profanação do Domingo, e ultimamente das Tres Romas — d'onde extrahimos em substancia o que vae ler-se, relativo á sumptuosidade das habitações romanas.

Entre a rua e a fachada do edificio estava um logar chamado *Area* ou *Vestibulum*, onde esperavam aquelles, que vinham pela manhã saudar o dono da casa. No meio do *vestibulum* elevava-se ordinariamente uma estatua representando o proprietario. Uma porta dava para o *Prothyrum*, passagem que conduzia da porta exterior á porta interior; á direita e esquerda estavam situadas as *Cellae*, ou quartos do porteiro (*ostiarius*) e do cão. A extremidade do *Prothyrum* communicava por uma porta interior com o *Atrium*, vasto pateo quadrado, todo cercado de columnatas de marmore. Chamavam-se *Cavaedia* os porticos encostados á habitação; a parte

vasia do pateo, *Implivium*; a bacia de marmore, que occupava o centro, *Complivium*, porque nas casas que não tinham aguas nativas, ella recebia as aguas da chuva, vertidas pelos *Cavaedia*.

Os porticos eram enriquecidos com estatuas de marmore e bronze, e ornadas de muitas e primorosas pinturas a fresco; e o *Implivium* coberto d'um toldo de purpura para abrigal-o dos raios do sol.

Ao *Atrium* seguiam-se tres salas; a do meio, chamada *Tablinum*, continha os archivos da familia: as outras duas, situadas á direita e esquerda, encerravam os retratos dos antepassados. Cada retrato estava collocado 'num nicho separado, a que davam o nome de *Armarium*. Era um signal de respeito e veneração, que estes orgulhosos senhores do mundo prestavam ao poder paternal.

Em torno do *Atrium* estavam situados os *Triclinia* ou salas de festim. Havia *Triclinia* de verão, d'inverno, de primavera e outomno. Nos *Triclinia* d'inverno os leitos eram incrustados d'oiro e marfim; nos de primavera e outomno ornados de chapas de prata, ou conchas de tartaruga; nos de verão eram de madeira de bordo e de *cetiro*, com embutidos de prata, como referem Plauto, Varrão e Plinio. Os colchões eram de pennas de cysne; as almofadas de seda e purpura, e as cobertas de *Babylonia*, algumas das quaes chegavam a custar cem mil sestercios, quasi trez contos de réis; eram bordadas de diversas côres, e representavam caçadas, paizagens, etc. Além d'isso os *Triclinios* eram ornados de columnas de marmore ou alabastro, e decorados d'estatuas de grande preço, que serviam de candelabros para as comidas de noite.

As mezas dos festins não eram menos custosas, nem desdiziam da grandeza, que reinava naquellas habitações douradas, onde tudo respirava luxo, voluptuosidade e riqueza. Eram de prata, marfim, bronze, ou das madeiras mais raras, decoradas com os mais custosos labores d'esculptura. As mais apuradas eram de *cetiro*, arvore que cresce na Mauritania. A primeira d'estas mezas, que appareceu em Roma, comprou-a Cicero por um milhão de sestercios, perto de trinta contos de réis. Imagine-se a magnificencia de tão custoso traste, e a riqueza do orador romano.

Os *Triclinia* communicavam com dois corpos de casas, situadas nos lados exteriores do *Atrium*: eram á esquerda a cosinha, com os *Careces* e os *Equilia*, cocheiras e cavallari-

cas; á direita a *Pistrina*, logar onde se cozia o pão.

O que temos dicto constituia a parte pública da casa, accessivel aos clientes; vinha depois a parte privada onde se penetrava por dois corredores chamados *Fauces*, dispostos de cada lado do *Tablinum*, e que conduziam ao *Perystilum*. Este portico, mais comprido que largo, e sustentado por columnas, recordava a forma do *Atrium*; mas aqui se desenvolvia mais magnificencia e apuro. Erguia-se uma estatua diante de cada columna, e caixões de marmore, onde se cultivavam flores, enchiam os intercolumnios,

Nas extremidades do *Perystilum*, estavam situados os quartos das mulheres.—*Oeci*. O mais exquisito luxo reinava 'nestes camarins da molleza, se é facil de imaginar se seriam proprios para despertar a voluptuosidade os objectos que se encerravam 'nelles. As mulheres romanas, inclinadas aos prazeres e á molleza, achavam nas riquezas de seus maridos com que satisfazer seus licenciosos prazeres, e atolar-se no lodaçal d'um requintado sybaritismo.

Depois, seguia-se a bibliotheca com a *Exedra*, grande galeria para a recepção dos sabios; a *Basilica*, salão do palacio; os *Banhos*; o *Spoeristerium*, ou jogo de pella; os *Alearia* pequenas salas, destinadas aos jogos pacíficos; os *Cubicula*, quartos de dormir e de trabalho, com ricos leitos de madeiras raras, onde as maravilhas da esculptura se reuniam á riqueza dos estofos de seda e purpura. Seguia-se o *Sacerarium*, especie d'oratorio; e por fim o *Solarium*, soberbo terrado, que cobria todo o edificio, e servia de passeio.

Taes eram em Roma as casas dos ricos. Imagine-se por aqui a grandeza d'aquelle povo, a sua riqueza, e, como diz o erudito Goume, a *fabulosa belleza d'estas mansões encantadas*.

Antonio Rodrigues de Sousa e Silva.

#### Noticia das antiguidades d'Elvas.

Continuado do numero 13.

#### II.

*Da fundação da ermida de Nossa Senhora dos Martyres, e das doações, que el-rei fez ás egrejas militares.*

Quieto o bulicio da guerra, tractou el-rei de dar sepultura aos portuguezes, que, com tanta honra, morreram 'nesta conquista, e em

uma eminencia, que ficava entre a villa e o quartel da corte, mandou edificar uma ermida, e 'nella collocou uma imagem da Virgem Santissima, lavrada em pedra com grande perfeição; dizem que era da sua real capella, e presentemente se venera no altar mór do extincto convento de S. Domingos, aonde os religiosos a puzeram, recolhendo-a do logar aonde estava sobre a porta da cidade, que ficava juncto ao dicto convento, e era a porta chamada *dos Martyres*.

'Nesta ermida mandou el-rei sepultar os corpos dos valentes portuguezes, que 'nesta conquista tão gloriosamente perderam as vidas: já antes d'esta ermida havia outra em Lisboa, que pela mesma razão tem igual nome.

Annexou el-rei a esta ermida algumas terras para sustento de quem a servisse, e nomeou para seu reitor a Estevam Gonçalves, que devia ser sujeito benemerito.

Sepultados os mortos, e feitas as exequias, cuidou D. Sancho 2.º em remunerar os serviços dos que, em tão feliz empresa, tão denodadamente trabalharam.

Assignou ao bispo D. Sueiro, e ao cabido d'Evora, a villa d'Elvas e seu territorio, com a terça parte dos dizimos, e uma herdade, que foi, tempos depois, doada pelo cardeal rei ao collegio dos padres da companhia de Jesus, com declaração de que, extinguindo-se o dicto collegio, tornaria ao cabido d'Evora, e entretanto o reconhecessem com este direito, pagando-lhe mil réis por anno.

Á igreja matriz, e a cada uma das parochias, deu parte dos dizimos e algumas terras, que, por incultas, se aforaram.

Aos Templarios fez mercê do sitio, em que se aquartelaram, juncto á ribeira de Chinchês (hoje Cêto) e a rua, pela qual entraram na villa, até onde levantaram altar, e depois igreja, e juncto a ella fizeram casas, em que viviam, e o restante da rua deram a colonos: doou-lhes mais as herdades do Torrão, Monte do Outeiro, Aguiar, Commenda, e Alfarofe, que eram grandes e rendosas, e outras terras, que aforaram.

Aos cavalleiros do hospital deu o sitio por onde entraram, e o, em que fundaram a ermida de S. João Baptista, e algumas casas particulares, que reconheciam com fóro áquella religião: tambem lhes deu el-rei a quinta d'Uveda, que depois aforaram aos ascendentes d'Afonso da Gama Palha, que vivia em Elvas no anno de 1709: esta quinta se tornou de-

pois muito conhecida em toda a Hespanha pelos desposorios, que na sua capella celebrou o serenissimo duque de Bragança, D. Theodosio, com a senhora D. Anna de Velasco y Giron. Deu mais el-rei aos mesmos cavalleiros uma herdade no sitio de Sancto Ildefonso, que possuiu depois Lopo de Sequeira, capitão de cavallos, no principio da aclamação d'el-rei D. João IV, natural d'esta cidade, soldado que procedeu e morreu com distincto valor: deu-lhes mais outras propriedades, que os ditos cavalleiros aforaram. M. J. Pires.

Continua.

#### A fidelidade, heroico tymbre de Portuguezes.

O espirito de fidelidade foi sempre, entre nós, a baze de grandes virtudes. Quando milhares de Heróes da nossa terra se espalhavam pelo Mundo, e principalmente pelo Oriente, alli poderá qualquer d'elles bem facilmente trocar pela obediencia um dominio absoluto: mandavam-nos vencer; podiam vencer, mas para si; um só d'elles porém não houve, que quizesse ser Rei, a troco de deixar de ser bom Portuguez: todos conheciam que a fidelidade é um dever e origem de nobres virtudes.

O homem mais esforçado, que vio a Asia; o domador de Ormus, Goa e Malaca; aquelle Heróe, que fez soar com espanto o seu nome desde o Golfo Persico até ao Estreito de Sunda, desde Sues até Java; este homem, que, apesar de quanto pensem os desdenhosos Politicos dos nossos dias, juntava um coração de Heroe a um genio de Povoador e de Politico; em fim Affonso de Albuquerque, quando sobre as ruinas de Góa barbara acabava de fundar uma cidade Portugueza para capital do nosso Imperio da Asia, recebe a triste nova, de que a inveja se tinha atrevido a arguir a sua fidelidade ante o seu bom Rei. A infamia, que involvia uma tal suspeita; o horror, com que um Portuguez olhava ainda para a sombra do crime de deslealdade, é mais poderoso que as armas de toda a Asia. Albuquerque triumpho de trinta mil homens e tres mil peças de artilharia em Malaca; não o assombram todas as forças e todos os ardís da Persia em Ormuz; vence-os com quatrocentos homens; vê rendida ante si, abatida do seu ferro, a maior cidade da India; atropela todos os perigos; injuria a mesma morte como Heroe; se visse vinte seculos antes, lhe chamariam Semi-Deos, e o reputariam immortal. Este mesmo homem ouve que ao seu Rei era sus-

peita a sua lealdade; e quasi de repente uma violenta paixão lhe tira a vida: envolto nos ultimos suspiros, elle fez soar o doce nome do seu bom Rei. Que exemplo, capaz de assombrar todas as Nações! Nós porém não nos admiramos: assim pensava então o commum dos Portuguezes.

### SCENAS CONTEMPORANEAS

#### DA VIDA ACADEMICA.

Continuado do numero 13.

#### XII.

#### Primeiros arrufos domesticos.

Garrett, o poeta de grande e popular memoria, Garrett, o auctor do *Arco de Sant'Anna* e das *Viagens na minha terra*, faz menção d'esse sentimento que se experimenta, quando, depois de havermos longo tempo convivido com uma mulher, olhando-a com indifferença, um bello dia, sem mais nem menos, a achamos amavel, linda, encantadora, chegando a pasmar até de nossa completa cegueira, que até alli nos não tinha feito ver todas as sedueções d'aquelle rosto, que tantas vezes encarámos a sangue frio, toda a magia d'aquelle espirito, que jámais admirámos, d'aquelle olhar e d'aquelle sorriso, cuja influencia magnetica jámais tinhamos experimentado!

Garrett era um perfeito conhecedor de toda a physiologia e pathologia do coração humano!!.

Este facto, mil vezes succedido talvez mesmo como algum dos meus leitores, acabava de se dar com o nosso heroe!..

Ricardo por mil vezes tinha visto D. Constança no passeio ou no theatro, á janella ou no salão; Ricardo já tinha mesmo conversado com ella; mas ou então os seus olhos estavam cegos, ou viam agora as coisas por um prisma enganador, que lhes dava muito differente aspecto... Qualquer das duas hypotheses explica a mudança, que se tinha operado no coração do nosso amigo a respeito de D. Constança.— Qual d'ellas será porém mais verdadeira?.. Deixo a discussão d'este ponto aos espiritos sublimes que se occupam de ninharias, e, preferindo ás parcialidades absolutas um eclectismo racional, vou guiar o muito benevolo leitor á casa de Ricardo Pereira de Aboim, na *rua dos Grillos*, ás onze horas da

manhã seguinte á noite do baile, onde o nosso estudante ouvira em segredo a continuação da talvez mentirosa historia do seu amigo Rosa, a qual, por ser de murmuração das vidas alheias, o bom de Ricardo, que tinha uma lingua d'anjo, nunca até hoje nos revelou! Como é bello o despertar de um somno ainda agitado pelas emoções da *soirée*, quando nos parece escutar ainda as harmonias, ou mesmo as desharmonias da orchestra, quando ainda aos nossos ouvidos soam as ultimas expressões, que uns labios femininos fizeram vibrar suavemente até irem encontrar echo em nosso coração!!..

Ricardo effectivamente acabava de se espriguiçar com todas as pandiculações de um homem, que dormia menos que o costume: o seu espirito porém não acompanhava as demonstrações de indolência, expressas pelo corpo, nos profundos bocejos, que acompanharam o primeiro abrir ou antes piscar d'olhos... o seu espirito voava pelas regiões do ideal, ora compondo as sensações de harmonia da orchestra, que, apezar de detestavel, agora, perdendo as desafinações que tivera no mundo positivo, parecia á imaginação de Ricardo de uma melodia seductora, ora phantasiando um salão rico de bellezas e adornos!!.. Era como uma pintura grosseira, que, vista a distancia, fazia um effecto admiravel!!..

E D. Constança?..

Oh! essa apresentava-se á mente do nosso amigo, bella como a Venus de Medicis, espi-rituosa como Staël, e até talvez pudibunda como Eva no momento de nascer!! Ricardo estava namorado!.. mas namorado de um dia, periodo de incubação do amor, em que uma febre... um delirio inflammatorio se estabelece no coração, e que depois abranda ao passo que o virus amoroso se vae inoculando em todo o organismo, a ponto que não haja um pensamento, uma palavra, um gesto, que não venham impregnados de amor!.. Mas ah!.. o nosso amigo ia cair do zenith das suas idealidades no positivismo material da actualidade!!.. Carlota, a cuja entrada no quarto fôra devido o despertar um pouco anticipado do seu amante, Carlota, que não podéra na vespóra vencer o somno impertinente, para esperar pelo seu Ricardo, estava agora impaciente por saber novidades do baile!.. Levantou-se de manhã cedo, esperou, que Ricardo acordasse, até ás oito... até ás nove... até ás dez... e nada!.. Logo que ouviu dar as onze horas perdeu todá a paciência, e entrou com um

estardalhaço incrível pelo quarto dentro, indo abrir a janella que ficava fronteira á barra em que Ricardo resonava o melhor somno possível. Tanto barulho produziu o desejado effecto, e a mente de Ricardo, assaltada de tantas idéas risonhas, caiu de chofre na realidade severa ao deparar com Carlota!.. Esta mulher, que via sempre um riso nos labios do seu amante, pela primeira vez lhe encontrou ao despertar um desdem glacial!.. Terrível indicio para uma mulher ciosa no dia seguinte a um baile!..

— Então s. ex.<sup>a</sup> divertiu-se muito?.. disse ella, querendo affectar uma expressão doce, mas que saía amarga como fel, coada por aquelles labios, em que se derramava o veneno do ciúme.

— Alguma coisa, replicou Ricardo, acompanhando a sua resposta de um profundo abrimto de bocca.

— É de crer!.. recolheu-se tão tarde... Então conte-me cá!.. o que é que por lá fez?.. quantos namoros arranjou?.. Ricardo estremeceu involuntariamente!..

Estas mulheres imaginam, ou fingem imaginar, que num baile se arranjam namoros a fluxo, que se conquistam então corações aos centos, e finalmente estabelecem o quadro symptomatico dos seus *bem calculados* ciúmes na proporção imaginada dos adquiridos namoros. São uns entes incriveis estes!!..

— Então você não responde?.. Parece-me que sim!..

Ricardo não sabia que responder!.. Carlota insistia. Emfim, para a apasiguar, phantasiou-lhe uma descripção do baile, em que, já se vê, elle fazia apenas papel de expectador, mettido a um canto, ou passeando no salão de espera com as mãos nas costas. As senhoras tiveram todas o epitheto de feias e desairosas, e assim com tão piedosas mentiras acalmava Ricardo a tempestade de máu humor, que lhe estava eminente. Carlota sorria!..

— E como ha de ser isto da batina, se precisares sair? — disse ella depois d'uma pausa.

Um homem, que repentinamente fosse mordido por uma vibora, não dava maior pulo que Ricardo deu á inesperada pergunta da sua amante: sentou-se na cama com os cabellos hirtos, os olhos desvairados, e, depois de um momento de reflexão, exclamou:

— É verdade!.. Ha de ir logo o teu vestido de riscas para o prego, para vir a minha batina.

— O que?.. que pressa tens tu da batina?..

— Preciso-a hoje absolutamente, bradou elle angustiado!..

A coisa era clara... Que Ricardo devia de passar por debaixo da janella de D. Constança, 'naquelle tarde, isso era dos livros... que elle tinha boa tenção de o fazer, tambem não padece duvida: agora o que é certo é que o nosso amigo, embriagado pelas doces sensações do amor nascente, nem sequer se lembrava que não tinha batina para saír, e é bem de vêr que não podia ir só de capa.

Ricardo tinha perdido a cabeça, e, em vez de inventar nova tramoia com que armasse á credulidade de Carlota, assaltado por aquelle repentino choque, esqueceu a prudencia, denunciou na sua afflicção mais do que devia, e a sua amante, por uma reacção muito natural, corroborada com a circumstancia de ella andar já com a pedra no sapato, declarou-lhe cathegoricamente, que a batina não se desempenhava antes do dia 27, e prohibiu-lhe expressamente de saír 'naquelle dia, com batina ou sem ella.

Se Ricardo não estivesse allucinado, talvez lograsse apasigual-a, levando-a por bem; mas, no estado do exaltação de espirito, em que se achava, rompeu todos os diques á prudencia, e declarou arrogante que havia de saír!..

A tempestade feminina desabou com toda a sua força, e os ditos mais insolentes se trocaram; Ricardo estava no extremo da paciencia, cegou-se, e pôz tudo em pratos limpos... Então o furor d'aquelle mulher não conheceu limites!! Das imprecações mais violentas passou ás vias de facto, e depois de se lançar ás barbas do nosso pobre amigo, só se deu por quieta do insulto, que o seu affecto acabava de soffrer, depois de lhe ter esmorrado o nariz com um bom sócco!..

Então, acompanhando de um *kiries* de praguejo as apostrophes menos lisongeiras, safu para a rua, para ahi, alto e bom som, continuar a torrente oratoria do seu resentimento.

Foi este o primeiro resultado do baile!..

Continúa. A. M. da Cunha-Bellem.

### LOGOGRIPHO.

A primeira é uma coisa  
Precisa a todo o mortal,  
E, juncta com a terceira,  
Faz uma còr festival.

A segunda não se encontra  
No que não presta real;  
Mas no homem caridoso,  
Compassivo, liberal.

A terceira co'a primeira  
É obrigação moral.  
O todo expressa uma idéa  
D'emanção divinal. M. J. Pires.

### CHARADA.

Na primeira se encontra a segunda, — 2  
A segunda nos leva á primeira: — 2

Póde o todo cozer a segunda,  
Se a segunda apar'cer na primeira.

A. Barata.

### DECLARAÇÃO.

Causou-nos extremo prazer o artigo do nosso particular amigo e condiscipulo, o sr. M. Moreira da Fonseca, ainda que tendente a demonstrar principios contrarios ao nosso, a que responde. Reconhecemos a força dos seus argumentos, a lucidez das suas idéas e a convicção dos seus principios; entretanto, ou porque encarassemos o seu artigo por um lado secundario, ou porque não estamos ainda ao nivel de suas bem elaboradas theorias, nada aberramos da nossa, que por emquanto julgamos em pé; por isso, e porque suppomos, que s. s.<sup>a</sup> de bom grado acceita defeza, prometemos-lhe resposta satisfactoria, sem nos posuirmos da vaidade de colher um athleta para a nossa opinião.

J. Machado Cabral e Castro.

### EXPEDIENTE.

Rogamos aos Senhores assignantes, que estão além d'esta cidade, queiram mandar satisfazer o importe das suas assignaturas ao sr. Administrador d'este jornal, o que poderão fazer commodamente remetendo o importe em estampilhas de 25 réis.

# ESTRÊA LITTERARIA

JORNAL RECREATIVO

N.º 15

Vol. I

REDACTORES { J. M. Cabral e Castro  
F. P. Santa-Clara

Correspondencia de administração a José da Silva Porto, rua do Sargento-mór, n.º 4.

Agradecem-se e publicam-se os artigos scientificos e litterarios, que á redacção forem enviados.

Assigna-se na Imprensa da Universidade e no escriptorio da redacção. — Publica-se duas vezes por mez.

Preço { Por trimestre . . 240 rs.  
Com estampilha 270 .

1859 - JANEIRO - I

## DECLARAÇÃO.

Pretendi demonstrar as relações da Igreja Catholica, Apostolica, Romana; Igreja, por excellencia, a que pertenco de corpo e alma, porque estou convencido das verdades do Evangelho, e nunca tive em vista descrever da fé e orthodoxia de meus antepassados; e, analysando o fundamento da Igreja predicta, só tive o intuito de mostrar as relações de superioridade d'ella sobre o Estado, segundo é convicção minha.

Todavia, por haver grande opposição ás minhas idéas, orthodoxas, mas já havidas por heterodoxas, não continuo por emquanto; e, não mudando de pensar, darei publicidade por outra via aos meus principios sobre o objecto em questão.

J. M. Cabral e Castro.

## Noticia do commercio na antiguidade.

É ocioso, mais que ocioso, descer aos mysterios da philosophia, para ferir as causas do desenvolvimento da industria commercial, transportadora, etc., etc. Dizemos ocioso, porque ninguem ha, que ignore ser a necessidade a causa immediata da troca, e a natureza humana em todas as suas inevitaveis oscillações a causa fundamental, o principio geral, que determina a philosophia do commercio.

Antigamente o commercio fazia-se pelas vias mais naturaes, por terra. O oceano só gemeu debaixo dos pesados navios mer-

cantes, quando a civilização europea e a descoberta da America offereceram ao mundo um emporio de riquezas. Entre os mares, que o commercio mais ennobrecu na sua primitiva devolução, foi o Mediterraneo, em cujas costas se levantaram os prototypos das praças do commercio, que hoje diffundem, como órgãos centraes de produção utilitaria, abundante e bem depurado sangue por todas as arterias do grande corpo social.

As materias commerciaes e o aspecto lucrativo do commercio fez os negociantes. Em quanto a Europa jazia inculta e inerte, a Asia e a Africa, agigantando-se, abriam um vasto campo ás especulações. Vivia o commercio principalmente nas margens do Indo. Os antigos Persas, como os Arabes e Mongas modernos, ornavam de prata, producto então do commercio, seus palacios, thronos, e até utensilios dos usos mais communs. Recolham com a maior sollicitude o ouro, que na Asia menor o Meandro e Peutilio lançavam ás praias. Começaram a facilitar-se as permutações, e o commercio graduou vigorosamente o seu desenvolvimento. O principio da circulação, operada em todos os sentidos, tomou seu character natural, até alli comprimido por idéas desfavoraveis, productos espontaneos da verde infancia da humanidade. Brilhou a aurora do commercio, e com ella a luz da civilização penetrou em todos os povos, especialmente nos que eram secundados por sua excellente posição geographica.

Foram, porém, grosseiros e informes os primeiros rebentões d'esta industria, porque não cresciam, ainda sob uma atmosphera, cujo principio fecundante fosse a razão. É assim que os Phenicios começaram suas expedições nauticas pela pirataria. Com a exaltação de Rhodes por Homero, com a opulencia de Corintho, e esplendor d'Orchomenes, enriquecida pelo commercio, coincide exactamente a abordagem dos Phenicios ás costas da Grecia, onde vendiam joias e bagatellas, e roubavam rapazes e raparigas, que vendiam nos mercados da Asia!

Pôde, porém, mais que os costumes selvaticos, fortalecidos pela negligencia do homem, a lei incessante do progresso, e a necessidade do desenvolvimento da industria. As aspirações d'Ulysses, aos infundados conselhos de Menelao a seus filhos, e mesmo á sciencia de Solon, Aristoteles e Platão, oppoz-se o heroismo grego, que se pronunciou abertamente contra a piratagem. Então os Phenicios recuaram deante do roubo, e abraçaram uma profissão commercial licita e trabalhosa. A Arabia e India, a Assyria e Babilonia, a Armenia e o Caucaso houveram-se muitas vezes com o lidar affanoso da industria phenicia. Muitos povos os olhavam com inveja, principalmente quando viam a magnificencia de seus navios, que parece quasi fabulosa; mas não é, sirva de testemunha Ezequiel. Usavam, diz a traducção vulgar, de ancoras de prata, os seus navios eram construidos dos pinheiros do Lenir, as antenas dos cedros do Libano, os remos dos carvalhos de Basar, os bancos do marfim da India, as camaras e armazens das madeiras das ilhas da Italia, as velas do fino linho, bordado, do Egypto, o jacintho e purpura das Ilhas de Elisa decoravam os seus pavilhões. Nelles navegavam os habitantes de Sidon, e Arado; os sabios dos Phenicios eram os seus pilotos, e os velhos de Gebal concertavam-os, quando já cançados no serviço mercante da republica.

Continúa

J. M. Cabral e Castro.

© Diorela.

Continuado do numero 13.

Um amor terno e honesto, dirigido pela razão, devia ser sempre a causa dos casamentos; infelizmente porém o casamento é algumas vezes o effeito immediato d'uma paixão desordenada, que, filha dos sentidos, termina com a saciedade; outras vezes, e não poucas, é motivado pelo interesse.

Nos casamentos, contrahidos sob o dominio d'uma paixão que não attende aos dictames da razão, os esposos suppõem entre si uma identidade de genio e modo de pensar, capaz de manter a duração do laço conjugal; esta identidade porém nem sempre existe, e, quando o amor resfria com a saciedade, a razão, dominando então, lhes mostra o erro, desgraçadamente já tarde, porque a indissolubilidade do casamento os prende por toda a vida, fazendo inimigos aquelles que podiam separar-se amigos, e tornando-se assim a causa de males e immoralidades, que só terminam com a morte d'um dos esposos.

Este erro sobre o genio e modo de pensar dos contrahentes ataca o casamento na sua essencia, porque vicia o consentimento, tendo sido uma das causas que o determinaram. N'este caso de incompatibilidade, que obsta a continuação da vida conjugal, os esposos são naturalmente os juizes competentes; por isso não podemos deixar de admittir com Ahrens o divorcio por consentimento mutuo.

Ao legislador porém só compete prevenir os abusos, não permittindo o divorcio senão depois de passado o tempo sufficiente para os esposos pensarem maduramente 'num acto, que, pela sua importancia, não deve ser o resultado d'um capricho momentaneo.

A admissão do divorcio por consentimento mutuo tem tambem uma grande importancia, se a considerarmos como meio (a) d'encobrir ao publico uma causa escandalosa — o adultério.

Muitos esposos, a quem repugnaria a publicidade do adultério, lançariam mão d'este meio para romper uma união, que aliás soffreriam em prejuizo seu e da sociedade, que taes exem-

(a) Na discussão do Codigo Civil Francez foi esta uma das razões que mais concorreram para a admissão do divorcio por consentimento mutuo.

Como se sabe, toda a legislação do Cod. Civ. Franc. a este respeito foi revogada a 8 de Maio de 1816 por motivos que seria longo mencionar aqui.

plos contamina; e ninguém ignora que a violação da fidelidade promettida tem sido sempre considerada como a mais grave offensa á união matrimonial, e reprimida na antiguidade com graves penas, que a influencia dos costumes tem modificado nos paizes civilizados.

Este mal, que mina escandalosamente a civilização moderna, é, pela maior parte das vezes, a consequencia necessaria, inevitavel, dos casamentos d'interesse, que dominam a actualidade, e que, na phrase apropriada d'um dos nossos litteratos, não passam d'um contracto commercial, uma especulação agiotica, ou, quando muito, um tractado diplomatico entre o nascimento e a riqueza, entre a vaidade e a cobiça.

Nestes casamentos a mulher, levada algumas vezes pela vaidade d'um nome, ou pelos prazeres que antevê num futuro de opulencia, se une ao homem que não ama, porque já espera encontrar nos braços d'um amante a compensação das horas enfadonhas, passadas juncto do marido, de quem só desejou o nome ou a riqueza.

A vida em commum de taes esposos é uma prostituição, porque só os corpos vivem unidos; o coração da mulher pertence ao amante, e o adulterio é certo.

É necessario que a lei não obrigue o marido á continuação da vida em commum com uma mulher, que, em troca da posição e da fortuna, que lhe offereceu o desgraçado que a amava, falta assim á obrigação mais importante da esposa — a fidelidade. É necessario ainda que a pena do adulterio não recaia sobre o marido, condemnando-o a uma viuvez, que durará tanto quanto a vida da mulher adultera!

Quantas vezes porém a mulher, favorecida pelo nascimento e fortuna, desejando só unir-se ao homem que o seu coração escolher, julga ter encontrado o ideal dos seus sonhos queridos n'um d'esses homens não raros, que sabem encobrir por magnificas apparencias os seus defeitos, representando facilmente o papel da virtude, ou d'um profundo arrependimento do vicio passado; homens a quem o amor nunca sorriu, porque são incapazes d'um sentimento elevado, e que só fazem do casamento uma transacção commercial, que tem por fim obter uma posição elevada ou uma fortuna importante!

Não tardará muito que a esposa infeliz conheça o homem a quem se uniu; conseguido o casamento findará a comédia que tão habilmente se representou; deposta a mascara, o

marido apparecerá com todos os seus defeitos.

A esposa resigna-se algumas vezes, porque amou, e soffre muito de ver morrer assim todas as suas risonhas esperanças de felicidade conjugal; mas a vida em commum póde ainda ser supportavel; quando porém a saciedade chega ao marido, homem só de gozos materiaes, elle procura na variedade, a custo quasi sempre da fortuna da mulher, os prazeres que já não encontra nos braços d'esta, para quem começa então um segundo periodo de longo martyrio a soffrer, mais insupportavel ainda, se o adulterio é commettido debaixo do tecto commum.

A pobre sabia já que o marido, satisfazendo as necessidades dos sentidos, nunca satisfaria a necessidade ainda mais imperiosa para a mulher de sentimento — o amor; agora accresce o maior insulto, que a esposa possa soffrer, a resignação torna-se quasi impossivel, ou quando exista, tem outro nome...

Deverá o direito positivo obrigar a mulher a continuar uma vida commum, impossivel moralmente, porque o amor não existe, porque a fidelidade promettida não foi cumprida?

Deverá ainda prohibil-a de ligar-se a outro homem, que realise as esperanças de felicidade que uma mulher virtuosa póde ter no casamento? Ficar á privada, durante a vida d'esse homem, que póde ser mais longa que a sua, de occupar na sociedade a posição de esposa querida, de mãe respeitada, de que se torna digna pelas suas qualidades moraes?

Dar-se-ha num paiz civilisado, á sombra da lei, o exemplo d'uma mulher virtuosa soffrendo uma vida de martyrio, que só deveria soffrer aquelle que, illudindo-se, fez do casamento uma especulação, e, não respeitando o juramento sagrado, fez pelo adulterio da vida commum um inferno?

Continua. Pereira de Bettencourt e Athaide.

o amor do solo natal.

Continuado do n.º 14.

III

A fructa lhe daria  
O ramo, agoas a fonte, o campo flores.

F. A. DO ORIENTE, L. transformada.

A este generoso amor e dedicação adorna ás vezes a mocidade, que, accompa-

nhando-se de diferentes paixões, vae influir na primitiva indole do homem.

Ou que as aventuras lhe dirijam o coração, ou que a imaginação seja desencaminhada por projectos de dourada fortuna e gloria, abandona seus amigos, seus paes e patria, para voar após os bens, que se lhe antolha hão de competir-lhe em o futuro, cujos segredos vã esperança soe revelar, sempre seductores.

Correm alguns annos, e deixando as altas regiões, onde vagára, vem cançado pousar entre as duras realidades da vida; é que se approxima a idade madura, cujo aspecto venerando afugenta as illusões e revoca os sentimentos adormecidos.

Embora a caprichosa fortuna substituisse uma condição poderosa pela pobreza e obscuridade, qual coube a Dionysio, Syracusano; embora, estendendo um véo sobre os primeiros annos, nos exaltasse ao mais alto grau de gloria, como experimentou Tullo Hostilio, que, deixando os rebanhos a pascer o pingue prado, subiu ao Capitolio para dirigir o povo romano, sempre as impressões da primeira idade nos recream: sempre se ostenta sympathica a imagem da casa paterna e solo natal.

Durante dezeseis dias, exercera Cincinato o cargo de dictador, depois abdicou para tornar, além do Tibre, á casa rustica e trabalhos agricolas, donde os embaixadores o chamaram para salvar Roma, já vacillante sob o instante poder dos Equos.

Nem a gloria de governar, nem a corôa d'ouro, que o povo lhe decretára pelo triumpho, nem a saudação de patrono universal podem captivar-o em Roma; corre, e sómente pára no pequeno campo de quatro geiras, d'onde cuidadoso fazia abrolhar os preciosos fructos, que lhe sustentavam a vida quieta e pura; só alli, no seio da familia, vivendo pacamente, sentia prazer e achava felicidade!

Acontece que, elevados pela arbitrariedade da fortuna, esqueçamos, por intervallos, a primitiva condição, frugalidade e costumes da vida campestre.

Buscam os homens no luxo as seducções dos sentidos, decretando, muitas vezes, banquetes esplendidos e sumptuosos, onde exquisitas iguarias e delicadas viandas, quaes nos consta cobriam as mezas de Vitellio e Helio-gabalo, desafiam o appetite d'uma sociedade, talvez desconhecida e indifferente. Voluptuosos sybaritas, nos braços da molleza e sob tectos dourados, obedecem á sensualidade: os cristaes, flores e perfumes, lhes embriagam a

alma, e tudo significa alegria... É então que o rouxinol e outras aves encerradas, exprimindo cantos de sentimento, lhes despertam a idéa do solo natal, que surgirá encantadora e saudosa.

Quanta de differença não encontrarão nos accentos da ave solitaria, que, d'antes, escutaram, quando, ao descer a luz duvidosa, que precede as densas trevas da noite, a fresca brisa movia um leve cicio por entre as bulçosas folhas do verde bosque, que lhes cercava a casa paterna?!

Como lhes reverdecerá igualmente a memoria dos frugaes banquetes, dados em determinados dias festivos do anno?!.. A familia, no regaço da paz e da abundancia, reunia-se á sombra dos verdes ramos; a natureza decorava a sala; e os convivas, sentados na relva mimosa e florida, saboreavam as comidas campestres: alli as arvores lhes dariam fructos, o crýstallino arroyo limpidas agoas, e o formoso campo flores. — Entretanto as avesinhas, reunidas em córos entre a folhagem, com seus gorgeios alternados alegravam os instantes do banquete.

Quanto estes convivas seriam felizes no seio da innocencia, e rodeados dos fructos e flores, onde viam a formosura da natureza e liam o nome do Creador!

Continúa.

F. P. Santa-Clara.

### A Mulher.

PARODIA.

É a mulher um mar nunca agitado,  
De paz bandeira que não fere o vento,  
De gozos mil é sempre o instrumento,  
No meigo rosto sol jámais nublado.

É fé nunca mentida 'num tractado,  
Descanço perennal, jámais tormento;  
Seu riso nos enleva o pensamento,  
Nunca seu terno jugo foi pesado!

É mais do que anjo... e só nos zelos fêra  
E em ternuras de cera derretida,  
Sómente p'r as rivaes será panthera!..

É uma doce magia, e não fingida...  
É fada, é anjo, amor... e mais dissera;  
Mas ai do homem que lhe consagra a vida! (a)

(a) Pedimos perdão ao auctor do soneto da nossa divergencia de opinião. Mas, a final de contas, tudo vem a dar no mesmo: a mulher é boa porque é má, e é má porque é boa!

**Deus!**

A MEU TIO O ILL.<sup>mo</sup> SR. BALTHASAR VELLOSO DE SEQUEIRA.

Dixit Deus: Fiat lux. Et facta est lux!  
Dixit autem: Fiant luminaria in firmamento coeli, et dividant diem ac noctem, et sint in signa et tempora, et dies, et annos, ut luceant in firmamento coeli, et illuminent terram. Et factum est ita.

GENES. C. I.

Do mar na immensidade eu reconheço  
A presença d'um Deus Omnipotente;  
Adoro o Creador, e a seus designios  
Submisso me curvo, e reverente.

Deus é grande! infinito o seu poder!  
Do cahos fez sahir o universo,  
E com saber divino harmonisou  
O que na confusão jazia immerso.

Reinava a mais completa escuridade;  
Mas elevando a voz Deus ordenou,  
Que se fizesse a luz: a luz foi feita,  
E logo o mundo todo allumiou.

Os astros collocou no firmamento,  
E sabio deu-lhes leis que os regressem;  
Ordenou-lhes depois que um gyro eterno,  
Em roda um dos outros descrevessem.

Eternidade! abysmo incomprehensivel  
Á fraca intelligencia dos humanos!  
São baldados de todo os seus esforços,  
Se o homem sondar tenta os teus arcanos.

Na terra poz o homem, que, esquecido  
Das sabias prescripções do Creador,  
Ousou comer o fructo prohibido,  
Transgredindo os preceitos do Senhor.

Jazia o mundo inteiro sepultado  
Na escuridão do erro mais profundo;  
Appar'ceu entre os homens o Messias,  
Que derramou p'ra logo a luz no mundo.

Salve, salve! Senhor Omnipotente!  
Perdoae aos humanos desvairados,  
Que, cegos em seu erro, negar tentam  
Os vossos attributos mais sagrados.

Perdoae-lhes, Senhor! quiçá um dia  
Aos pés da vossa cruz se prostrarão,  
Pedindo arrependidos e contritos,  
Com lagrimas de dôr, o seu perdão.

Coimbra, 25 de Dezembro de 1838.

A. R. Sousa e Silva.

**Epigrammas.**

Se rico tu ser pretendes,  
(Aconselhava Platão)  
Resiste mui fortemente  
Da cubiça á tentação.

Qual é a cousa no mundo  
Que mais depressa envelhece?  
O beneficio, por quanto  
Recebido logo esquece. M. J. Pires.

**Mosteiro e a Sombra.**

Como em erma e funda gruta  
Góta e góta filtra e cáe,  
Sem que saiba o que isso escuta  
Quanto lá por dentro vae;

Como, ao longe, incerta e baça  
N'uma igreja alveja a luz,  
Que da lampada esvoaça,  
Que a vidraça reproduz;

Eu — volátil borboleta  
Que uma lagrima aspirou,  
Sem saber quem a violeta  
D'essa lagrima orvalhou:

Mal te vi! — moira encantada!..  
Mas á luz dos olhos teus,  
Murcha a lampada sagrada  
D'um altar do nosso Deus!

Mal te ouvi! — mas as suaves  
Lindas notas que te ouvi  
São de moira a sette chaves!  
São de fada! são de hurí!

Que eu nem preso, ao menos, viva  
Nas prisões que te algum deu!  
Preso a ti, linda captiva...  
Se inda é livre um escravo teu!

Fada! os cofres do thesoiro,  
Com que ha muito sonho em vão,  
Li eu n'alma, em letra d'oiro,  
Que os tens tu no coração! João de Deus.

**Á Lua.**

Como és linda, como és bella,  
Meiga lua, meu amor!  
Como brilhas, tão formosa,  
Como encanta o teu pallor!

Quem te póde vêr no céu,  
Sem que bemdiga o Senhor!  
Quem te póde vêr tão bella,  
Sem que n'alma sinta amor!

És a rainha da noite,  
És um astro fulgurante,  
Não ha no céu uma estrella,  
Que mais brilhe, mais encante!

Como passas tão saudosa,  
Por esse espaço sem fim!  
Pareces dama formosa  
Divagando em seu jardim!

Quem me dera, lindo astro,  
Como tu, no firmamento  
Vaguear sózinho e triste,  
Viver só do pensamento!

S. A.

Na Fonte dos Amores, em Dezembro de 1858.

Crê!!!

À EX.<sup>ma</sup> SR. D. M. G. A. G.

Quem nunca amou eme agora,  
Quem amou torne hoje a amar.  
CASTILHO.

Mulher!.. que é a vida, se o peito é vazio  
Das crencas ardentes que gera o amor?  
É lousa funerea de marmore frio,  
É lampada triste de triste pallor!..

Mulher! que é a vida? tu sabes acaso  
O que é a existencia sem crencas, sem fé?  
É astro sem brilho nas trevas do occaso,  
É flôr já sem viço marchada no pé!..

Bem sabes!.. Que tu já viveste de ardencia  
D'um peito abrazado, que o teu compr'endeu,  
Já viste um sorriso de meiga innocencia  
Morrer em teus olhos, trocar-se c'o teu!..

Cingido a teu peito na terra já viste  
D'um peito os anhellos aos teus responder  
Um rosto carpindo, se o teu era triste;  
Risonho, se o teu lhe dizia prazer!..

Mulher! que é a vida de crencas vazia?  
Tu sabes de certo que a vida é o amor,  
Que d'alma a flôrinha que n'alma se cria  
Só vive das crencas ao doce calor!..

Mulher! se o teu peito, de affectos passados  
Ainda recorda a suave impressão,  
Não deixes morrel-os!.. renova abrazados  
Os fogos ardentes de extincto volcão!

Não deixes morrel-os... que o peito emmurchece  
Se acaso lhe falta das crencas o ardor,  
E a vida, sem brilho, sem viço fenece,  
Pois — tu bem o sabes — a vida é o amor!

E a crenga de infancia em tua alma arreigada  
Não deixes no peito para sempre morrer!..  
Revive!.. renova-a com fé mais provada  
Que as crencas são vida — que amar é viver!..

A. M. da Cunha Bellem.

o projecto do Código Civil Portuguez  
por o sr. Antonio Lutz de Seabra.

Le vrai bien est immuable. Toute loi ordonne ou défend; mais que peut-elle ordonner si ce n'est le bien? Et que peut-elle défendre, si ce n'est le mal? La vraie raison du respect dû à la loi est donc dans le bien qui lui sert de fondement. Otez-lui cette base, ce point d'appui, elle devient un ordre arbitraire dépourvue de tout droit à notre déférence.

LADEVI-ROCHE — Eléments de Philosophie Morale.

Uma das necessidades mais imperiosas da nação portugueza é, sem duvida, a d'um Código Civil, em que com toda a clareza se reduzam a um corpo systematico os principios da philosophia de direito, mais ou menos modificados pelas circumstancias actuaes.

As leis humanas devem ser, em quanto á sua essencia, immutaveis, como é immutavel a humanidade, a quem ellas obrigam. Infelizmente porém não tem succedido assim: comparando as differentes legislações, vê-se claramente que as doutrinas, que estabelecem, são diversas, oppostas e contradictorias em objectos, que pediam a maior uniformidade.

Como não acontecer assim, se a philosophia, cujos preceitos as leis civis devem sancionar, tem soffrido os mesmos contratemplos?!

D'este estado vacillante de legislação provêm tres funestos inconvenientes: 1.º não serem as relações sociaes governadas como cumpria; o que necessariamente deve resultar de não terem as leis positivas o character de permanencia, em quanto ao seu fundamento philosophico, como é permanente a mesma sociedade, cuja natureza deve constar dos mesmos characteres da natureza dos individuos, que a compõem; 2.º não haver ligação nos povos, com grave prejuizo para seu desenvolvimento moral e material; 3.º não serem as leis obedecidas, como cumpria. A força das leis não provém tanto do legislador, como da justiça em que se fundam (a); não vindo a ser o poder legislativo mais do que um órgão por onde as leis justas se manifestam; por isso nos diz o illustre auctor do Projecto no art. 5.º — A lei civil reconhece e regula todos estes direitos e obrigações, etc.: definição que nós entendemos ser fundamental, não só pela razão já dada, mas tambem porque 'nella se dá uma exacta

(a) Sr. Ferrer, Philosophia do Direito, § 39.

definição do direito civil, que se torna necessaria para sua apropriada applicação (a).

Não deve porém a legislação ser sómente fundada nos principios da justiça absoluta, mas tambem nos principios da justiça relativa.

O estado do homem e da sociedade, sendo sempre um e o mesmo em quanto á sua essencia, não deixa comtudo de diversificar, segundo diversifica o elemento objectivo de seus direitos, e principalmente as suas circumstancias particulares e sociaes; e ainda segundo o seu grau de desenvolvimento intellectual e moral.

Um povo instruido e moralizado não deverá ser governado pelas mesmas leis, que um povo ignorante e barbaro. E ao passo que vai caminhando na estrada da civilisação, seguindo a lei da sua natureza, precisa que as leis o acompanhem em seus progressos; assim como lhe concedam mais liberdade d'acção, do que na época anterior, em que seu atrazo de illustração e moralidade lhe não permittia que se dirigisse e regulasse em todos os seus actos (b).

Finalmente as leis positivas, álem d'estas condições internas, devem, para o preenchimento dos fins a que são destinadas, ser simples e claras, aliás resulta a divergencia nas opiniões, a arbitrariedade nos julgamentos, e a incerteza dos direitos (c).

Estabelecidos estes principios universaes e absolutos, cumpre saber se com elles se harmonisa a nossa legislação.

Podemos dizer, que as leis, que na actualidade nos regem, não possuem em grande parte nenhum d'estes characteres mencionados: nelas não se encontra, em grande numero de casos, justiça, simplicidade, nem clareza. O nosso direito civil acha-se disseminado pelas Ordenações Philippinas, Reforma Judiciaria, Leis Extravagantes, Assentos da Casa da Supplicação, Direito Romano, Canonico, Consuetudinario, e principalmente nos escriptos dos nossos Praxistas. A simples perspectiva da nossa legislação, faz desanimar os amantes do estudo do direito civil.

As leis positivas não são leis, em quanto não são conhecidas por aquelles a quem se referem, para o que é necessario, que se resumam tanto, quanto fór compativel com suas disposições e clareza.

Esta qualidade, indispensavel em toda a legislação, não se encontra na nossa, pois que os livros, em que se acha dispersa, são tantos,

(a) Apostilla do illustre auctor do Projecto, n.º 22.

(b) Ladevi — Roch., Philosophie, paginas 368.

(c) Apostilla n.º 1, paginas 8 e 9.

que só á custa de insano trabalho se poderiam ler e entender, e só á custa de avultadas sommas, se poderiam obter; inconvenientes estes, que se remediariam, se o corpo legislativo fizesse uma compilação das leis que actualmente estão em vigor.

Clareza, debalde se procurará nas nossas leis; sendo esta a principal causa de serem mais os casos duvidosos, que os decididos, resultando d'aquí um manifesto prejuizo nacional.

Sendo tal a confusão da nossa legislação, confusas devem ser as relações sociaes, que esta governa; porque, uma de duas, ou se admite a ignorancia do direito (no sentido lato), ou não: no primeiro caso a lei quasi nunca tem applicação, e veremos reduzida a sociedade a um estado, em que cada um dos seus membros, é um legislador; se não se admite, admite-se e sanciona-se a maior das crueldades, qual é castigar a quem não foi causa da illegalidade commettida, pois é certo que só os actos illegaes practicados com liberdade, podem ser castigados; mas para a existencia de liberdade, é necessario o conhecimento da lei; ora este conhecimento, attenta a miscellanea da nossa legislação, é impossivel obter-se as mais das vezes, d'onde resulta necessariamente que os cidadãos, que se encontrarem nestas circumstancias, não devem ser punidos na sua propriedade ou pessoa pelas illegalidades commettidas.

Continúa. Bernardo de Albuquerque e Amaral.

## SCENAS CONTEMPORANEAS

### DA VIDA ACADEMICA.

Continuado do numero 14.

#### XIII.

#### Collisão entre dois amores.

Ricardo, por um acaso feliz e inesperado, recebeu 'nessa tarde uma carta do correio, em que seu pae, sabendo que elle devia fazer acto por aquelles oito dias, lhe mandava o dinheiro necessario para o seu regresso a Lisboa, o qual o bom do velho desejava que fosse logo que os deveres academicos de seu filho o deixassem livre!...

O nosso estudante, que não esperava o dinheiro tão cedo, ficou louco de contente!... Mandar desempenhar a batina, sair, comprar dois charutos de pataco, e ir passear para debaixo das janellas de D. Constança, foi obra

de poucos minutos!.. Viu-a, complimentou-a... ella sorriu-se... e elle julgou-se feliz: andou para baixo e para cima, desandou, parou, conversou com todos que passavam defronte da morada da sua bella, e por fim a tarde escoou-se, chegou a noite, D. Constança retirase da janella, e o nosso heroe dispoz-se a caminhar cabisbaixo para sua casa.

Entrou!... e achou-se sosinho!... Por um singular effeito do habito, fez-lhe falta não ouvir as impertinencias parvas de Carlota!... Baniu aquella idéa como uma offensa ao amor puro, que então o consumia!... Foi para a cêa, e faltou-lhe o appetite ao achar-se só... finalmente, ia para se deitar e perdeu toda a coragem!... Carlota era uma necessidade na sua existencia!... Mil vezes a imagem pura de D. Constança lhe veio querer riscar do pensamento essa Carlota tão fundamente gravada 'nelle... mil vezes, porém, encontrou reacção forte e tenaz. Outras vezes era ella... era a propria imagem de Carlota, que tomava a superioridade; e 'neste luctar intimo em que ora predominavam os sonhos puros do pensamento, ora as reclamações do positivismo material, Ricardo, debatendo-se com estes dois colossos da sua imaginação, passeava agitado no seu quarto!... Assim passou horas, esquecido do presente, esquecido talvez de si proprio, quando o som da porta, rangendo ao abrir-se para a sr.<sup>a</sup> Maria saír, o veio despertar d'esta excitação apathica do sentimento.

O corpo dominára o espirito! Carlota podia cantar victoria!...

O sr.<sup>a</sup> Maria!... — bradou Ricardo freneticamente.

Maria voltou acima. O que entre elles se passou ninguem sabe... mas Carlota veio dormir a casa.

No outro dia pela manhã não se fallava em D. Constança. Depois de grandes tormentos, vem sempre completa bonança. Ricardo e Carlota viviam vida de anjos, — esta sem lembrar as infidelidades do seu amante, este sem cuidar em saír!... Ricardo havia contado tudo a Carlota, promettêra-lhe não mais vêr D. Constança, tinha-lhe tambem fallado na recepção da carta com dinheiro — vara magica para comover aquillo a que Carlota chamava o seu coração!... e finalmente promettêra comprar-lhe umas bot'nhas de elasticos. Quem poderia resistir a tanto?... Carlota de certo não!!.. a sua alma era muito sensivel para não deixar de se impressionar com a promessa de umas botas!... Desde esse momento era toda ter-

nura para o seu Ricardo, e este quasi que dava razão á pobre rapariga, queria detestar D. Constança, e beijava gostoso os grilhões, com que o manietava essa mulher abjecta e vil!

Infelizmente na vida dos rapazes assim ligados a estas harpias do sentimento, ha occasiões taes, em que tudo promettem, tudo esquecem, e 'num instante destroem todas as chimericas resoluções, que algum resto dos sentimentos nobres lhe houvessem feito tomar!... 'Num d'esses momentos em que nada se occulta, Ricardo contára tudo, pedira perdão, jurára não tornar, e postas as coisas 'nestes termos, reinava ao outro dia a mais doce tranquillidade na casa da *rua dos Grillos*.

Mas o démo, que não dorme quando se tracta de perturbar a paz e o socego dos corações, prevaleceu-se logo de novos ardis para lograr seus intentos!... Ricardo devia fazer acto no dia 25 ou 26; mas, como estavam concluidos os actos de todos os outros annos, creou-se uma meza supplementar para concluir mais breve os actos do quarto anno, e, por esta nova disposição, Ricardo devia tirar ponto no dia seguinte.

Estas instrucções, que o seu condiscipulo Julio, por fraternal sollicitude, lhe veio dar ás duas horas da tarde, perturbaram completamente o socego de Carlota. Ricardo tinha de saír essa tarde para implorar protecção. E por obra da fortuna, um dos lentes, que lhe havia de ir ao acto, morava na rua de D. Constança!...

A tão grande mágoa só tinha Carlota o lenitivo de saír tambem a comprar as suas bot'nhas de elasticos!... E foi!...

Continúa.

A. M. da Cunha-Bellem.

Explicação do logrogrifho do numero antecedente — **Verdade.**

Explicação da charada — **Cassarola.**

### ALMANACK DE COIMBRA PARA 1859.

VENDE-SE EM COIMBRA E NAS PRINCIPAES TERRAS DO REINO.

Agradecemos ao illustre auctor os dous exemplares, que teve a bondade de remetter á redacção do nosso jornal. A leitura do Almanack interessou-nos, principalmente pelas noticias historicas, que nos appresenta, de Coimbra e da Universidade.

# ESTRÊA LITTERARIA

JORNAL RECREATIVO

N.º 16

Vol. I

REDACTORES { J. M. Cabral e Castro  
F. P. Santa-Clara

Correspondência de administração a José da Silva Porto, rua do Sargento-mór, n.º 4.

Agradecem-se e publicam-se os artigos scientificos e litterarios, que á redacção forem enviados.

Assigna-se na Imprensa da Universidade e no escriptorio da redacção. — Publica-se duas vezes por mez.

Preço { Por trimestre . . 240 rs.  
Com estampilha 270 .

1859 - JANEIRO - 15

## LIBERDADE D'OPINIÃO.

A mais nobre faculdade do nosso espirito, da nossa natureza moral, consiste no poder de exprimir vocalmente, ou por meio de escriptura, os principios, que a actividade intellectual tem formulado no aturado estudo do homem e das suas relações com os seres que o cercam.

Homem e liberdade são dous termos, que a philosophia emprega conjunctos, para poder avaliar o mais favorecido producto da criação. Razão, sentimento e liberdade é a trilogia de origem divina, de existencia real, e de natureza harmonica, sem a qual o universo nem ao menos seria uma entidade, porque não haveria quem o ideasse, a não ser Deus, que elle exprime, como o termo a idéa, o signal a cousa significada. Adstringir, pois, algum d'aquelles elementos é a pretenciosa loucura de dar ao viver humano uma esphera facticia, cuja illusoria utilidade os espiritos desalinhados, que em consequencia da sua pouca perspicacia se perdem no labyrintho das relações sociaes, pensam achar nas chamadas conveniencias sociaes.

Não ha conveniencias contra leis organicas; pensar o contrario é insultar a verdade, e ataviar a mentira em despeito da mais generosa das virtudes sociaes.

O homem é racional e pensa; é sensível e fraternisa com os seus semelhantes, procurando viver na vida d'elles; é livre e põe em practica o pensamento, que reveste então um caracter material, positivo e benefico, fazendo ao mesmo tempo actuar o sentimento, que, como um laço que prende em todos os corações, liga a humanidade e a dirige pacificamente para os fins racionais, temporaes e espirituaes.

É assim que a liberdade vem dar todo o valor á razão e á sensibilidade; sem ella estes importantes elementos do sêr-homem seriam inuteis e desnecessarios.

A liberdade, que só se estende á esphera do justo, e do necessario para a nossa conservação, desinvolução e aperfeiçoamento, é de industria, religião e opinião, ou melhor de industria e opinião.

Os principios philosophicos, que fundamentam a liberdade com todas estas direcções, são os mesmos, que fundam a liberdade theorica, a necessidade de harmonia e ordem nos productos de origem eterna, a natureza elemental do homem individualmente considerado, o seu destino segundo o plano do Creador, e essa immensidade de relações, ainda mal definidas, que o collocam em contacto e o misturam mesmo com o mundo exterior.

O plano primitivo da criação, que é um rasgo de omnipotencia divina, tão inalteravel como ella, e constante em sua energia como o eterno, constitue, na linguagem do philosopho, o que chamamos har-

monia. O resultado d'esta harmonia, uniforme como a causa que o produz, indetectivel como a necessidade d'existencia, é a ordem. Ora o Creador, que fez um ser á sua similhança, não podia (*more humano*) negar-lhe o poder de se determinar livremente, sem se oppôr á harmonia que preestabeleceu, e á ordem; que, na devolução infinda da eternidade, devia reger o mundo. O raciocinio do ser, que é a mola real d'essa harmonia, e o principal agente da ordem, diz-lhe á luz de uma evidencia mathematica — tu és o ponto de transição do infinito para o finito, do espirito para a materia; pertences ao céu pela alma mais nobre que o corpo, que te liga e condemna á terra; és livre, na competente proporção, como o Ente que te creou. És harmonia e ordem.

Mas estudemos o homem em si, como se fôra um ponto isolado no espaço, combinemos todas as suas faculdades e necessidades correspectivas, observemos, mais, como a materia obedece aos seus caprichos, e perguntemos, emfim, á psychologia a sua opinião — é livre, liberrimo.

Qual é o destino do homem na intenção do Ser Supremo? Será um destino positivo ou negativo? será premiado ou punido? ou será o homem alguma cousa que se evapora em essencia, quando desaparece pelo occaso da vida?

Diz a razão, a consciencia e a religião, que o viver mundano é apenas um amargo preliminar do ser humano, ou uma vida de provação, a que Deus sujeita o homem para o merecer na balança da justiça eterna. Sendo assim, negar ao homem a liberdade concebida em todos os sentidos, é uma blasfemia; é insultar o Creador no attributo da sua justiça infinita, e tornarlhe inutil a misericordia.

Além do homem, tudo é escravo, porque tudo o serve, sendo estimulado pela acção constante de uma lei natural.

É assim o homem livre, e um dos mais importantes ramos d'esta faculdade, é a liberdade de proparlar as suas idéas.

J. M. Cabral e Castro.

**O Projecto doCodigo Civil Portuguez  
pelo sr. Antonio Lulz de Seabra.**

Continuado do numero 15.

Estes inconvenientes, porém, não têm analogia, nem similhança com os demais, que se encontram nas leis, que por infelicidade nossa nos governam.

Para prova da nossa proposição, basta attender á origem das Ordenações; o que mui eloquentemente nos diz o nosso eximio jurisculto o sr. Liz Teixeira, no seu curso de direito civil.— Só tal origem (Filippina) bastava, se outras as não houvéra, para que o brio e primor portuguez as tivesse eliminado e proscripto, substituindo-lhe outra obra perfeita, e que tivesse origem pura.— Na verdade o fim, que o usurpador Filippe II teve em vista com a publicação das Ordenações, não podia ser outro do que ornar o seu poder com o caracter de legislador, a fim de consolidar mais a sua auctoridade, a que a briosa nação portugueza com difficuldade se submettia.

Quem não tem pejo de violar o direito publico d'uma nação, para occupar o seu supremo poder, não o terá tambem na promulgação das leis em harmonia com o seu caracter e fim.

Quem lêr as nossas Ordenações, não encontrará n'ellas, em grande numero de casos, vislumbres de justiça, clareza e simplicidade.

A razão d'isto é facil de dar, logo que indiquemos a sua origem, que com poucas alterações foi o direito romano.

Estamos convencidos de que o direito romano perdeu todo o seu vigor.

Para o demonstrar não é necessario folhear muitos livros; basta sómente attender á natureza das leis positivas.

Sendo certo, como deixámos dicto, que as leis positivas deviam estar em harmonia com os principios da justiça absoluta, modificados pelas circumstancias da nação; e sendo tambem certo que os principios da philosophia do direito têm progredido a passos largos; e além d'isso, sendo incontestavel, que as nossas circumstancias sociaes, têm differido muito das dos Romanos (a não se querer negar a lei do progresso), segue-se necessariamente, que o direito romano é inutil e prejudicial.

Não negamos, que os romanos publicaram leis, que ainda hoje têm, e devem ter applicação, pois que somos de opinião, que o fundamento do direito se encontra nas verdades

eternas da nossa razão, verdades estas, que os romanos haviam conhecer; porém essas leis nós as encontramos nos codigos das nações civilizadas, sem ser necessario desperdiçar tempo, que tão necessario nos é, em irmos ao direito romano discriminial-as das muitas leis absurdas de que se acha pejado o digesto, o codigo, etc.; — e sem o perigo de não fazeremos uma exacta selecção.

Estes principios não têm demonstração; elles por si são evidentes.

Dizemos mais: segundo a lei de 18 d'agosto de 1769, o direito romano é desnecessario; porque determinandô esta lei, que o direito romano seja adoptado, quando fór conforme á boa razão, e sabendo nós, como devemos saber, em que consiste a boa razão, é desnecessario recorrer ao direito romano; porque ou este é conforme á boa razão, ou não; se o é não nos dá mais conhecimento do que a boa razão, que anteriormente devíamos ter estudado; se o não é, então não se adopta; logo tanto 'num caso como 'noutro, em nada nos interessa o direito romano.

Esta verdade, foi reconhecida pelo sr. Coelho da Rocha nas suas *Instituições de direito civil*, quando diz: — mas deixando a todos a liberdade de julgar da boa razão das leis romanas, os juizes, para decidirem na maior parte dos negocios da vida civil, ficaram desligados da lei positiva, e abandonados aos principios geraes do direito natural, de que o legislador mesmo não tinha podido dar idéa exacta, e por conseguinte precipitados na arbitrariedade. Este inconveniente quizeram remediar os redactores dos estatutos da Universidade; para o que estabeleceram na Est. L. 2.<sup>a</sup>, T. 5, c. 2.<sup>a</sup>, § 7, que os professores indagarão o uso moderno das mesmas leis romanas sobre as sobredictas nações, que hoje habitam a Europa.

E descobrindo, que ellas se observam, e guardam ainda no tempo presente, terão as mesmas leis por applicaveis, e d'aqui inferirão que ellas não têm opposição com alguma das referidas leis ou direitos (direito natural, divino, e das gentes) com que devem ser confrontadas.

D'aqui se conhece ainda que o direito romano é inutil, porque a legislação, que por fim vem a regular, é a das nações civilizadas.

O grande monarcha, el-rei D. José, em logar de nos deixar indecisos sobre os principios que nos devem regular nos casos omis-

sos (a) devia antes compillar da legislação, a que nos manda recorrer, tudo o que se compadecesse com a boa razão.

E se a tarefa era difficil, quão mais difficullosa para o juiz, e em geral para toda a nação!

Não se reconheceu com forças para uma obra tão grandiosa, e por isso deixou aos juizes particulares supprir a sua falta!!

A estes inconvenientes accresce um outro, e vem a ser o não se applicarem as leis patrias, quando mesmo o seu sentido é manifesto, vindo assim a regular no fóro a opinião dos nossos praxistas, que se metamorphoseavam em legisladores; de maneira, que uma grande parte dos nossos advogados, vêem-se na dura necessidade de seguirem a opinião dos nossos escriptores de direito civil, e a abandonarem o texto da lei; porque a prática do fóro está superior á mesma lei!

A razão d'um tal proceder provém das nossas leis não estarem conformes com as idéas actuaes, de não acompanharem a sociedade nos seus progressos; o que nos pondera o sr. Rocha nas suas *Inst. de direito civil*. — Quando as disposições das leis vão de encontro ás idéas da época; quando querem dar força a cousas que a não merecem; o resultado é não se executarem, e pôr tudo em desordem.

Á vista do chaos em que se acha envolvida a nossa legislação, quão necessario é um Código Civil? Bernardo d'Albuquerque e Amaral.

Continúa.

#### o amor do solo natal.

Continuação do n.º 15.

Il ne recherche point, pour honorer sa vie,  
De plus illustre mort ni plus digne d'envie  
Que de mourir au lit où ses péchés sont morts

RACAN.

IV

Não só a lembrança dos successos venturosos, mas ainda acontecimentos tristes, entretendo o pensamento, tornam agradável a permanencia no solo natal.

Ha pezares, em que o coração se saborea, como deliciosos: e os logares, marcados pela desgraça, são talvez os mais charos ao pensamento.

Viramos curvar-se ao inevitavel golpe da morte nossa mãe carinhosa, ou qualquer pa-

(a) Sr. Corrêa Telles, commentario á lei da boa razão, pagina 47.

rente querido: escondidas no sepulchro, suas cinzas merecem a nossa guarda, e ante a cruz do tumulto nossas preces e saudades subirão, como agradável perfume, até elles, cujos sentimentos sublimes para conosco, jámais se extinguirão na eternidade.

Estes sentimentos vivem ainda nos povos barbaros, porque a natureza dá as primeiras e proveitosas lições; sem o auxilio da palavra e da educação, mas por força propria e invisível, infunde no coração dos homens uma pia veneração pelo lugar, onde descançam os restos de seus maiores: e, se acaso esta lei da natureza, fôr envolvida em esquecimento por nuvem passageira, o menor sopro a dissipa, qual o fogo, que escondido nas veias da pedra scintilla ao mais leve golpe do rijo ferro.

Os Scythas, nação feróz e barbara, não desconhecera este amor, nem a historia riscou da lembrança seu nobre proceder.

Dario, acompanhando-se d'um poderoso exercito, invadira o paiz: os Scythas, cedendo pouco a pouco o terreno, entranham-se nos desertos da Asia.

Aos embaixadores de Dario, que foram mandados perguntar-lhes, quando tencionariam entrar em combate, souu esta resposta, « não temos cidades, que exijam defesa, nem campos, que precisem nossa cultura; mas, quando chegardes aos tumulos dos nossos antepassados, sabereis como os Scythas costumam pelejar (a).

É assim que nos ligam ao berço natal a felicidade e as lagrimas; no correr da vida as illusões e as esperanças, successivamente caducam e se esvaecem, sómente o desejo de morrer no lugar, onde nasceramos, unindo nossos restos ás cinzas dos nossos maiores, se vai tornando mais intenso, e reverdece com a nossa velhice.

F. P. Santa-Clara.

Continúa.

#### Lagrima.

Esse olhar teu silencioso  
 Quem no mundo é que o traduz!  
 Falla-me, ó astro saudoso,  
 Luz do céu, pallida luz:  
 Que aéreas visões me acordas,  
 Que imagem, lua, recordas...  
 N'essa argentea, linda côr!  
 Que ha em ti, que a dôr mitiga,  
 Que ha em ti, lampada amiga,  
 De meigo e consoladôr!

(a) Valerio Maz. Lib. 5.º, cap. 4.º, § 5.º, cit. —  
 \* Se nec urbés ullas, nec agros cultos, pro quibus dimicarent, habere; caeterum quum ad parentum suorum monumenta venissent, sciturum quemadmodum Scythae praeliari solerent. \*

Escuta, pallida lua:  
 Da-me um sorriso dos teus,  
 Da-me uma lagrima tua,  
 Se és a pupilla de Deus:  
 Vê que eu sorris não tenho,  
 Vê que em teus labios desenho  
 Os labios do meu amor!  
 Uma só lagrima!.. fria  
 Que ella me orvalhe... diria  
 Que uma lagrima cahia  
 Do céu ao menos, na dôr!

J. D.

AO MEU J. S. D'A. PENTEADO.

#### Fragmento da Francesca de Rimini.

... que o homem de letras lê sem enfado milhares de vezes no original, porque nenhuma cópia teria o poder de reproduzir a simplicidade e ternura ingénua, que os versos de Dante respiram e difundem.

JOSÉ SILVESTRE RIBEIRO.

E tem isso seiscentos annos. E é 'nessa meia pagina da *Divina Comédia*, que a critica fixou o extremo da poesia intima.

O sentimento não descerá nunca abaixo do segundo circulo do inferno, como a *fantasia* se não ha de nunca elevar acima do monte da transfiguração.

Linda e inimitavel coisa!

Quem ha, que ahi possa acordar 'num echo, longinquo ao menos, a harpa de Florença? Nesta volumosa lingua portugueza, grave e inflexivel como os que a já falaram, se o eu fizesse, faria um absurdo.

Não penso em tal. Prova-o o principio e o fim d'este episodio:

*Quel giorno piú non vi leggemo avante.*

#### o beijo.

.....  
 E avistando-os nas ondas do inferno  
 — Falai-me, disse, ó almas desgraçadas,  
 Se se vos não impoz silencio eterno!

Duas pombas, que amor sustem ligadas,  
 Não batem tão eguaes, em vôo tão certo  
 Para o seu ninho as azas compassadas;

Nem voam mais subltis 'num céu aberto,  
 Que elles da nuvem da rainha Dido  
 Nos vem, reconhecidos, vér de perto.

\* Ah! benigno mortal, mortal querido!  
 Que ao halito d'impura tempestade  
 Visita os que de sangue se não tingido!

Se fosse nossa amiga a Divindade,  
Pediramos-lhe a paz de uma alma santa  
Para quem tem de nós tanta piedade!

Nós te diremos quanto ouvir te incanta;  
Nós te ouviremos quanto a dôr te inspira,  
Em quanto o vento acorda e se alevanta.

A terra onde eu nasci — por quem suspira  
Minha alma ainda — junto ao mar se estende,  
Nas praias, onde o Pó descança e expira:

Amor, que em peitos vis se não accende,  
Prendeu este infeliz, ai! mas que digo?  
Pensar no que elle fez... inda me offende!

Não nos ama de balde um gesto amigo:  
Eu aquelle abracei... qu'inda me abraça!  
Nos braços lhe caí... vergou comigo!...

Eis d'um só ferro — a ambos — nos trespaça  
Mão impia d'um Cain! mão fraticida!...  
Calou-se. E eu, submerso em tal desgraça,

Tinha os olhos no chão, sem luz, sem vida...  
Quando o poeta, enfim: que te amargura?  
Dizendo me ergue a face humedecida:

— Que lindos sonhos d'infantil ventura!  
Que ineffavel amor! que intimo encanto  
Os não levaram pois á desventura!

Mas dize-me, Francesca!... se este pranto  
Filho de como eu sinto equal martyrio  
Me acceitas, tal qual nasce, intimo e santo:

Como é que 'nesse instante de delirio...  
Vos segredou amor... de um peito amante  
Prazeres... que inda ignora um casto lyrio?

.....  
• *La bocca mi bacio tutto tremante!* •  
.....

J. de Deus.

### Desalento!!!

Il y a des coeurs brisés par la douleur, refoulés par le monde, qui se refugient dans le monde de leurs pensées, dans la solitude de leur âme, pour pleurer, pour attendre ou pour adorer.

LAMARTINE.

Ha corações, que parece terem sido repudiados pelos outros corações, escarnecidos nos seus affectos, e banidos da communhão dos gozos puros e suaves, que dão vida e alento ás crenças, que o peito encerra!...

Ha corações, cujo só apanagio são as dôres!... cujo gozar são os tormentos de mil atri-bulações!..., cujo repousar é o estorcer-se no leito de mil acerbos espinhos, que, uma por uma, lhes laceram as fibras do sentimento!...

Será que um fatal acaso os tenha lançado errantes nos labyrinthos do soffrimento?... Será que o destino haja esculpido com letras indeleveis a sua sentença de um penar eterno?... Ou é que o Eterno, o Rei da criação, haja assim esquecido a sua obra, abandonando-a, exposta ás desenfreadas vagas de um soffrer sem limites!...

Era de noite!... Noite placida e serena de dezembro, em que a planície do céu, reincta na côr azul de seu escuro firmamento, vaidosa ostentava o brilho de seus dourados astros!... Era de noite!... E a lua, como que receosa de insultar as trevas do meu peito com o inconveniente clarão, que de seu pálido rosto se derrama, a lua não ousava ostentar os seus fulgores!...

Era de noite!... e eu sosinho não tinha por companheiro senão o meu pensamento, melancólico como a lampada mortuaria, e triste como o ultimo dobre dos finados!...

Mil e mil talvez, no largo mundo, sorriam a essa hora o riso dos prazeres! mil e mil se extasiavam, quiçá, 'nesse momento, ante o idolo de ventura, que, feiteira lhes sorria... em quanto eu, solitario e alquebrado, não tinha uns labios sós a dar-me um riso, não tinha uma voz sequer a dizer-me confôrto!...

É triste o viver assim!... Quando a vida, que floresce com toda a seiva de uma robusta mocidade, se pende já na hastea, porque a aridez da desventura a tem crestado; quando o peito, que aspira com violencia o ambiente de suaves deleites, arqueira fatigado de só encontrar pestíferas emanações de envenenado existir; quando a mente, que deslisa pelos jardins do porvir, se vem sentar fatigada no limiar do desalento, como o perdido viandante se repousa sobre a lapide d'um sepulchro... é triste o viver assim!...

Infancia do meu viver!... eu vos saúdo!... Que me importam vossos gozos encantados se apenas d'elles resta leve fumo, disperso na amplidão do espaço, pelo soprar incessante do tufão dos tempos?... que me importam crenças meigas e suaves, que em minha alma se gravaram, se, quaes tenues flocos de espuma, uma após outra, as ha desfeito a aragem do soffrimento?

Infancia da minha vida!.. que me resta de vós?.. Saudade?.. talvez não!.. porque a saudade é mentira no coração, que se revolve offegante nas ambições do futuro!..

Infancia da minha vida! o que has tu sido para mim? A indifferença!.. e eis aqui tudo!..

Porque é que eu hoje vos recorde? como no meio da procella lembra ao nauta o porto amigo, que ha deixado, sem que todavia esqueça a paragem duvidosa, que ambicioso procura?... é porque além, sem receio, reinava a indiferença; é porque alli, sem esperança, apenas existe a duvida!.. e entre esses dois pontos, que quasi sem attenção se olhavam, vai passando esse momento agora, que nos tortura no equileo do soffrer!.. é o presente!..

Infancia da minha vida!.. minha infancia!.. tu foste-me indifferente!!.. jámais um riso de ventura aos labios me assoma, e se hoje, magoado, vos recorde, é porque entre vós, e o tempo que decorre, tem deslizado um vasto panorama de infortunios, que de dia a dia, me faz regar com lagrimas saudosas a urna funeral, em que jazeis de ha muito sepultada!..

Mundo dos meus pensamentos, solidão da minha alma!.. em vós me azylo, eu foragido do mundo dos prazeres, eu desterrado do prazer dos homens... em vós busco refugio!.. E para que?... Para chorar?... de certo!.. Para esperar?... talvez!.. Para adorar?... a quem?... A quem, meu Deus?... a vós, que parece haver-vos esquecido, que um atomo se perde no seio da criação, ignorado, e que a parcella, que o illuminava, da vossa divina essencia, vagueia e se confunde nos torvos abysmos de um cogitar ingrato?... Irão minhas adorações aos pés do vosso throno, como tributo da minha resignação?... Porém como, Senhor, se a minha mente se estorce nos paroxismos febrís de um infernal soffrer?... Não!.. que eu tenho agora a vista da alma assaz anuveada, para erguer ao firmamento, para poder encarar a luz do empyreo, sem que o seu brilho me cegue mais e mais!..

Dae-me essa paz, que o espirito tanto anhe-la, preenchei o vacuo, que de chimericas esperanças me alimenta, e então eu, que ao mundo não dou um só affecto, eu poderei erguer-me para vós e adorar-vos!..

185... A. M. da Cunha Bellem.

#### A morte de Cesar (a).

A morte de Cesar, não só pelas causas que nella influiram senão pelos seus resultados, é sem duvida um dos factos de maior vulto que a historia antiga nos apresenta. Seis seculos

(a) É um extracto d'uma bella obra theatral de Shakspeare.

de conquistas, de glorias e de triumphos, terminaram por concentrar todo o poder de Roma nas mãos d'um só homem, cujos esforços tendiam constantemente a ornar-se um dia com a purpura real. A sagacidade do virtuoso Cato, porém, não pôde escapar o segredo com que Cesar procedia no complemento de seus projectos, que até á derradeira hora, em que morreu pela causa publica, o seguiu em todos os passos de sua ambição. Tanto sangue derramado deveria ficar impune? Cesar, é verdade, foi um despota clemente, mas tinha usurpado a auctoridade soberana, destruido a república e aberto o caminho á tyrannia. Os monstros, que lhe succederam, provaram de sobejo que os punhaes levantados contra elle tinham sido dirigidos por mãos patrióticas. Se Octavio e Marco-Antonio tivessem sido vencidos, Bruto e Cassio recuperariam a liberdade romana e tornal-a-hiam solida por muitos seculos; e os Tiberios, os Neros, os Calligulas não teriam subido a um throno que, mancharam com toda a especie de crimes.

Considerado por este lado, Cesar é um homem dos mais culpados que têm existido e dos mais funestos á humanidade, por isso que corrompeu um genio grande, nascido para a liberdade e gloria da patria.

Sabemos, que a corrupção t'inha ganho o coração da republica; que esses vícios aproximavam a sua queda, e que o poder absoluto pertenceria a quem ousasse primeiro apoderar-se d'elle: mas haviam ainda muitos homens virtuosos para reanimar a liberdade; e Cesar, com as suas qualidades heroicas e sua clemencia calculada, impediu os romanos de reconhecer o abysmo para onde caminhavam a passos largos. A louca phantasia de chamar-se *rei*, quando elle realmente possuia todo o poder, revela um sentimento pequenino, nessa alma altiva e profunda, e foi certamente esta fraqueza, quem despertou nos conjurados um reconhecimento do dever, que lhes cumpria, de darem um exemplo severo aos olhos do mundo. O exemplo foi infructuoso, é verdade, mas accusou pelo menos a extrema baixeza e cobardia d'esses escravos, que se rojaram depois aos pés dos imperadores.

O mais celebre dos vingadores foi Bruto: firme seguidor da seita platonica, amou sempre do coração tudo quanto era virtude.

Pompeo, ainda que indirectamente, havia sido assassino do pai de Bruto, mas nem isso fez com que elle deixasse de o servir em Pharsalia, porque obrando assim, servia a repu-

blica, e era esse todo o seu fim. Esposou Porcia, filha de Catão; rodeava-se assim de nomes, que lhe impunham novas virtudes; conspirou contra Cesar, e n'isso não fez mais que obedecer á lei de Valerio Publicola, lei sagrada e altamente respeitada por todo o romano:

Muitos têm querido representar esta acção como um parricidio; mas era Cesar um soberano? não se tinha elle elevado acima de seus eguaes? quem, senão elle, preparou os horrores do mais violento despotismo, cujo desenlace seria a escravidão? não tinham já alguns senadores opinado para que fosse dado a Cesar um direito absoluto sobre todas as mulheres da republica? — É aqui que cabe dizer com J. J. Rousseau: *A ces noms de Brutus et de Caton, tout mortel doit s'incliner et baisser le front dans la poussière.*

A leitura do testamento de Cesar produziu uma mudança completa neste povo, indigno de taes vingadores. Cesar deixava uma somma a cada cidadão pobre, e os seus jardins ao dominio do publico, e não foi necessario mais para correrem a incendiar as casas dos conjurados. Bruto porém, sempre inflexivel, sempre amante do rigor da justiça, soube encarar com denodo a difficuldade de taes circumstancias, não poupando sequer o seu amigo Cassio.

Antonio e Octavio, que em breve se tornariam inimigos fígadaes, alcançaram a victoria. Bruto havia posto em debandada a tropa do commando d'Octavio, mas Antonio conseguiu a mesma superioridade a Cassio; este, entregando-se extemporaneamente á desesperação, e suppondo Bruto morto, fez-se degolar por um liberto; tal perda foi inestimavel. Em vão Bruto deu segunda batalha no mesmo campo; foi derrotado, e não vendo d'onde lhe vir recurso algum, lançou-se contra a ponta da sua espada. Foi então decidido pelos destinos que Roma seria governada por monstros extravagantes e barbaros.

Tal é em resumo o quadro, que Shakspeare pinta com toda a majestade, sem esquecer as menores circumstancias, d'onde lhe pôde provir interesse. A personagem dominante é Bruto; Cesar figura como victima; os outros são inimigos do tyranno; Bruto só o é da tyrannia; anima-o unicamente o genio da republica e a elle sacrificava tudo; tinha principios certos, por que regulava a menor de suas acções, uma virtude rigida, porque tal era o seu caracter, e um coração terno, porque tal é a

qualidade principal do homem grande; possuido do sentimento da justiça, antepunha a tudo, ainda ao seu interesse individual, o bem da patria; para elle as affeições mais charas, os sentimentos mais fortes tinham de calar-se diante do util e do justo, que sós formam o bello moral e a base da sociedade.

Bruto odeava Pompeo; porém, desde o momento em que este pareceu querer sustentar a causa da liberdade, lá foi por elle desembainhar a espada. Amava Cesar, mas quando se viu obrigado a preferir o tyranno ou a republica, decidiu-se, sem hesitar um momento, pela ultima.

M. J. Vieira, Junior.

Continua.

Ad Doctorem Joannem Chrysostomum Amoriam Personam pro Joseph Bruno Henriques Cabedo Lencastre, de Rhetoricâ publice judicando.

### ODE.

Cuncta expavesco, meque non credo mihi:  
Jam jam aliquid in nos fata moliri parant.  
SENECA, Aedipus, v. 27—29.

Confugimus ad te: pande placatos sinus.  
SENECA, Hippol., v. 1135.

Quemque, in adversis pelâgi labores  
Qui tulit, syrtes scopulosque vidit,  
Aequora exin tuta pavere fas est,

Jura sinuntque:

Sic Brunus, faustos studii labores  
Mensus, (heu!) summum incidit in periculum;  
Turgidum aequor seu graviora passus  
Cuncta pavescit.

Nulla moerenti juveni venit pax,  
Exulantem (a) cerno, proculque amicis  
Anxium non alta quies soporve  
Solvere curis.

«Me super dirum instat, amice, fatum,  
Inquit, infestamque diem augurat mens;  
Et traham aetatem, lacrymisque cogar  
Degere vitam.

«Et dies noctesque studentem ubique  
Jure laudari, merita inde vellem  
Ei dari; me docta vetat Minerva  
Longius ire.

(a) O estudante, que passa as ferias em Coimbra, pôde dizer-se está desterrado.

«Vimque dicendi, eloquiique flores  
Me quidem non edocuit peritus  
Tullius, necdum Pericles, deserto

Maximus ore:

«Interim rudem teneris in annis  
Arte dicendi erudiit Magister (b),  
Dei sacerdos, qui micat ante primos

Clarus in orbe.

«Dona speravi; grave sed laborum  
Praemium trans aequora vix eunti  
Sors dat; hinc illic vehitur per annos

Fluctibus actus!

«Naufrago nec navita desit, atris  
Nec procellis, fata subire rursus  
Audeam, tutus cuperem Notisque

Tendere vela.»

Si quis autem incommoda scire dura  
Vellet, aeternum ejus ab ore pendet:  
Plura vero, Docte Vir, et loqui horret,  
Et refugit mens.

Dic rogo curis studiisque fessis  
Unde finis? Nauta ubi duxque certus?  
Nam, duce ignoto, vereor per undas  
Ne vagus erret:

Ire in altum te sine non valebit;  
Spem metumque inter dubio salus est  
Te penes; praesto es, juvenem ac periclis  
Eripe tantis:

Nempe te, Doctor, miseris levamen,  
Tot Bruni spes aspicias, iniquos  
Sortis aestus in meliusque veritas,  
Obsecro supplex.

Dum astra nox, solemque dies sequentur;  
Frondebis, siccis numerusque arenis  
Deerit; alti dum fluvii profundum  
In mare current:

Corde fixam nulla dies nec aetas  
Gratiam evertet, stimulosque puros;  
Grato erit nomen, decus, inclytosque  
Pandere honores.

Sive te, virtutis honos, adorem;  
Sive, Doctor, cui digitus coruscet,

(b) O Ill.<sup>mo</sup> e Rev.<sup>mo</sup> Sr. Antonio Cardoso Borges de Figueiredo, Professor Jubilado de Oratoria no Lyceu de Coimbra.

Invocem; claris tua sive votis  
Numina solvam

Stans ad aram: erga miseros benignus  
Mente vives, bisque die vocabo.  
Laureis, oro, videam coronis  
Tempora vinctum,

Deique doctrinam in solio docentem  
Audiant rubigine corda mundi;  
Quot duci quondam Pylio, tibi tot  
Det Pater annos.

Cum tibi rugae venient sinistrae,  
Deinde pingat canities capillos,  
Et senecta artus baculo gradumque  
Adjuret aegrum:

Jam labanti gloria pandat iter,  
Et locum virtus habet inter astra,  
Tu comes Phoebo, comes ibis astris  
Notus in aevum.

1857.

Franciscus a Paula Sancta-Clara.

## À NOITE.

CANÇONETA.

Amo-te, ó noite  
Triste e sombria,  
Amo-te! és bella  
Mais do que o dia.

Esse teu manto  
De negras côres  
É mais propicio  
Aos meus amores.

À sombra d'elle  
Quantas caricias,  
Quantas ternuras,  
Quantas delicias,  
Tenho gozado,  
E sinto agora,  
Noite mais linda,  
Que a róxa aurora.

Nas do teu seio  
Mimosas flores  
Aspiro, ó bella,  
Dôces olores.

Meigos perfumes  
 Qu'a alma dilatam...  
 Que me extasiam,  
 Que me arrebatam,  
 Que aos céos m'elevam  
 Do excelso góso,  
 Além do espaço  
 Vago e formoso:

Onde não ehegam  
 Vistas da terra,  
 E o odio e a raiva  
 Não fazem guerra:

Onde os amores  
 Jámais se acabam;  
 Onde os prazeres  
 Tudo embriagam.

Cantem do dia  
 Manhã e sol,  
 Da tarde amena  
 Lindo arrebol,  
 Brandos gorgeios  
 Dos passarinhos,  
 Esvoaçando  
 Entre os raminhos;  
 Que eu só da noite  
 Casta e formosa,  
 Cantarei astros,  
 Lua saudosa;  
 Morno silencio,  
 Interrompido  
 Só pelo triste  
 Longo gemido  
 D'ave nocturna,  
 Que crusa o ar,  
 Ou pelas vagas  
 Do irado mar.

Amo-te, oh noite,  
 Triste e sombria,  
 Amo-te! és bella  
 Mais do que o dia.

Ati sómente  
 Darei meus cantos,  
 Meus ais!.. gemidos!  
 Suspiros!.. prantos!..

Severino d'Azevedo.

Janeiro de 1859.

## SONETO.

Que sólo é este? Vejo além quebrados  
 Florões, cimalthas, columnatas, bustos;  
 Restos contemplo collossais, vetustos,  
 Sem fórma já, dispersos, mutilados.

Neste deserto, pizo, amontoados,  
 Jaspes, granitos, marmores adustos;  
 Deoses, que sois beneficentes, justos,  
 Dizei que povo teve aqui seus fados:

Será Palmira, ou Bâbylonia, ou Tyro,  
 Balbek, Esparta, ou Thebas. ou Carthago  
 Da morte o campo, aonde mal respiro?

Quanto mais olho, quanto mais indago,  
 Sobre estas ruinas mais e mais deliro,  
 Quando contemplo tão medonho estrago.

Dr. Zagallo.

### Grande calamidade portugueza no seculo xvi.

Eis vão as boas artes,  
 Mimosos gomos de allumiados tempos,  
 Fanar-se ao secco sopro  
 Da pedante scholastica doutrina.  
 Lá vai o incauto moço,  
 Dar ao alfange o collo da nobreza  
 Nas africanas costas.

FRANCISCO MANUEL, *Odes.*

A funesta imagem, que ligeiramente traçarem com grosseiro pincel, embora horrivel, será igualmente util aos que governam os povos, quaes as armas, que, inspirando terror, aproveitam ao soldado, que as veste.

Ainda não eram chegados os ultimos lustros do seculo xvi, que para nós tinha sido verdadeiramente d'ouro, quando o mundo todo não pôde deixar de ser expectador d'uma scena terrivel, mas ao mesmo tempo admiravel e espantosa.

A semente preciosa, que brotava acções dignas de bons reis, e o espirito de regulado heroismo, character dos nossos monarchas, passavam felizmente, como herança, aos descendentes.

O infeliz neto de D. João III, recebendo da providencia uma alma, onde a heroicidade e o talisman de todas as virtudes tinham common morada, fazia conceber generosas esperanças; mas os vermes e vís insectos, que entre nós se tinham abrigado, conseguem arrancal-o das mãos do veneravel portuguez (a), para o transformarem 'num illudido enthu-siasta.

(a) D. Aleixo de Menezes, a quem fóra contentida a educação politica do príncipe.

É verdade, que por entre o ruído dos instrumentos, que tumultuosamente se aparelhavam para abreviar a nossa ruína, soavam os altos clamores do povo e dos homens illustrados (b), que, ainda, não a tendo visto ante si, conheciam a hypocrisia pelo ar corrupto, que respirava entre os alheios ornatos da simples virtude.

Já os bons pais da patria tinham descido do throno ao tumulo, passagem terrivel! mas os seus bustos inspirariam aos vassallos a virtude bastante, se os ataques da maldade não fossem tantos e tão artificiosamente dirigidos.

Aridos desertos da Africa, não foi lá que pereceu Portugal; a côrte mesmo, em roda do throno, foi o lugar, onde se representou a infeliz catastrophe!

O coração do rei elevava-se naturalmente ao heroismo: a hypocrisia e o barbaro fanatismo, que já quasi o dominavam, lhe representam inacessiveis todos os caminhos, excepto o que não devera seguir.

Os adulaadores ao principio vão nutrindo as idéas grandes do rei, trocando-as com o instrumento do falso zelo, para as dirigirem a deixar florecer seu nefando proposito; persuadem o espirito do principe, assim disposto, que podia ganhar o céu, fazendo-se rei de Marrocos, sem lhe lembrarem que era mais certo ir a Divindade, deixando de ser bom rei de Portugal.

O monarcha abraçou esta infeliz idéa. Falta-lhe, porém, o exercito nacional, porque os heroes, que ao agradável aceno de seus reis tinham em pouco fazer tremer os povos da Asia e da Africa; a quem eram odiosas as delicias da paz, e só agradaveis as duras campanhas; que galanteavam as damas com as cicatrices, heroicamente recebidas em serviço da patria e da religião, então surdos á voz do rei, negam-se a acompanhal-o. É que activo veneno lhes damnou os espiritos!

Rebanhou-se uma abjecta mistura de hespanhoes, allemães, italianos e flamengos: seguido d'esta gente, a quem só incitava a ambição do ouro, e não a da gloria, o rei parte em fim: no campo da batalha olha os que o seguem, e acha onze mil tumultuosos!

Tudo perece! uns victimas da sua innocencia, outros da sua imprudente adulação; estes da ambição desatinada, os mais cruelmente

(b) Bastará apontar D. Jeronymo Osorio, bispo de Silves, cujas cartas, dirigidas ao principe, abundam de preciosos conselhos.

sacrificados ao astucioso fanatismo; tudo se dissipa, tudo acaba

E ás garras dos leões auri-sedentos  
As quinas sometidas!

F. P. Santa-Clara.

#### Noticia das antiguidades d'Elvas.

Continuado do n.º 14.

#### III.

*Da fundação do Mosteiro de S. Domingos, da Ordem dos Prégadores.*

No anno de 1226, o mesmo em que D. Sancho 2.º veio sitiar Elvas, tinha o Papa Honório III confirmado a regra dos Pregadores, fundada pelo grande Patriarcha S. Domingos; espalhando-se os Religiosos por diferentes partes chegaram a este Reino; um d'elles, diz-se, seguia o exercito d'El-Rei, não achamos noticia do seu nome; mas por conjecturas supponmos que se chamára fr. Estevão Mendes. Conquistada Elvas quiz este religioso retirar-se; mas havendo falta de quem doutrinasse o povo, e lhe ministrasse os sacramentos, lhe pediram que o não desamparasse. Accedeu o apostolico varão com a melhor vontade, vendo que d'este modo fazia a Deus um serviço, e escolheu para sua residencia uma serra aspera e brenhosa, em que fez um abrigo, mais semelhante á cova de fera, que a habitação humana: d'este sitio acudia todos os dias ao cumprimento de seus deveres, e as pregações d'este apostolico varão faziam não pequenos effeitos na refôrma dos costumes e proveito das almas.

Por entre a serra, aonde este religioso se abrigou, e o castello da Cidade, corre um ribeiro, que já dissemos se chamara antigamente *Chinches* e hoje *Cêto*; e porque, quando chovia muito, engrossava de sorte, que muitos dias impedia a passagem a este religioso, ficando os moradôres da Villa privados das suas proficuas visitas, mandaram construir uma ponte, para elle passar, a que deram o nome de *Ponte do Frade*, cujos vestigios se vêem juncto ao lagar, que foi do *Pão ralo*, actualmente propriedade do Bacharel Francisco Honório Ripado. E porque, augmentando a população era maior o trabalho de fr. Estevão, o veio coadjuvar outro religioso de egual espirito, chamado fr. Alvaro.

Viviam ambos na serra, aonde lhes manda-

ram fazer um pequeno claustro com a respectiva igreja, que dedicaram a S. Domingos, e uma cisterna, por não haver alli agoa; este logar é aonde presentemente está o Forte de Nossa Senhora da Graça, ou de Lippe, de que adiante fallaremos.

Continúa.

M. J. Pires.

## SCENAS CONTEMPORANEAS

DA VIDA ACADEMICA.

Continuado do numero 13.

XIV.

Ricardo continuando a namorar, e a ouvir sermões, toma bacharel.

O nosso bacharelado comprou os classicos bilhetinhos de visita, onde estendeu o seu nome, e foi levar um a cada lente, que lhe havia de ir ao acto; foi a casa do seu correspondente, e de mais dois lentes seus conhecidos, para lhe servirem de empenho, e com isto teria concluido essa formalidade inutil, mas do estylo — a que os estudantes chamam — andar de contumelias!.. mas o pèor foi, que Ricardo viu D. Constança, e aquella appareição produsio-lhe tal alvoroto, que lhe fez deslembrar todos os seus protestos, e, esquecido de tudo, poz-se a passear debaixo das suas janellas, sem attender a que tinha ainda de ir implorar protecção, e pedir recommendações a duas casas e bem distantes!..

Quando D. Constança se retirou para dentro, era quasi noite fechada! Eil-o ahi vae o nosso amigo á fula-fula, fazer as suas visitas, para voltar a casa, onde só então, é que se lembrou, que o esperava uma trovoadá igual á da vespera; pois havia combinado com Carlota de estarem ambos em casa ás 5 horas (e eram já bem mais de 7!).

Com effeito! ao entrar no seu quarto *catu o Carmo e a Trindade!* Tudo o que a lingua da mulher tem de incisivo, de insultante... tudo veiu á baila!.. Depois de exhalar mil imprecações contra D. Constança, por lhe querer roubar o seu amante, concluiu prometendo insultal-a em publico a primeira vez que a encontrasse. — Hei-de dar-lhe duas bofetadas 'naquella cara!.. hum!.. mette-se comigo!.. deixe estar que vem arranjada!.. hei-de-lhe arrancar aquella teia de aranha, que traz pegada na barretina para lhe cobrir o fochinho!.. deixem-a comigo!..

(*Teia de aranha* chamava Carlota ao yéu preto, que D. Constança trazia no chapéu — uso com que eu sempre vi emberrar a gente do povo: *barretina* é para a classe baixa de Coimbra o chapéu de senhora, embora o mais acatitado).

Estas imprecações, proferidas por Carlota, davam a entender a lucta que lhe fa n'alma.

O seu orgulho, ou não sei que outro sentimento, parecido com este, achára-se ferido na preferencia, que D. Constança obtinha 'nesse coração, que ella queria só para si — já se vê, porque era o thesoureiro da algibeira, e fazia larguezas em proporção com o affecto. Era um amor o mais desinteressado possível!!!.. Esta mulher, no seu mal entendido amor-proprio, queria nivelar consigo D. Constança; queria talvez mesmo elevar o affecto, que tributava a Ricardo, a ponto de confundir com elle a affeição d'essa donzella!..

Infelizmente este facto não é unico!.. Estas mulheres mil vezes suppõem, ou fingem suppór as damas de mais pura jerarchia, suas eguaes no modo de amar, mil vezes soltam eguaes ameaças, que se não chegam a cumprir, é porque um reflexo de consciencia intima, lhes faz vér a differença das condições e o abjecto da sua posição!..

Mas de lingua não as ha mais fortes!.. Se o rapaz com quem estão, começa a ter um namoro ou falla em casar, ellas logo se põem em campo contra a sua *rival*, chegando até a lembrar ao seu amante os fortes *direitos* que tem á sua mão!!!!..

Fatal confusão do espirito com a materia!! Repetir-vos, que houveram as mesmas scenas da vespera, fôra ocioso. Sómente Ricardo, um pouco mais paciente agora do que então, ouviu imperturbavel aquelle sermão, que concluia sempre com a formula costumada, que, visto dar preferencia á outra, fosse a ella pedir as concessões, que o seu amor espontaneamente lhe offerencia!.. Ainda uma fatal aberração do espirito d'estas mulheres paristas de todos os sentimentos nobres!.. ainda a confusão do espirito com a materia!.. Como porém não houve reacção, como o seu amor se dirigia á algibeira por intermedio do coração (se do coração era — o que eu não creio) Carlota lembrada do dinheiro recém-chegado, da novissima posse das suas botinhas de elasticos e da promessa de um vestido de caça, proprio para a estação, asserenou a tempestade do seu espirito, ou antes, da sua lingua, e a tranquillidade restabeleceu-se!..

É ainda um ponto, que eu offereço em discussão aos profundos pensadores! Estas mulheres sentem verdadeiramente ou fingem? Illudem-se quando se julgam eguaes ás outras mulheres, quando se atrevem a proferir — amor — sem temerem profanar esta palavra, illudem-se, digo, ou por um descaro torpe, tentam deprimir os sentimentos nobres, já que não podem enobrecer os seus?..

No outro dia, Ricardo levantou-se cedo, foi tirar ponto, estudou, não estudou, dormiu, fumou, e assim viu escoar o enorme espaço de dois dias de verão, com que os legisladores brindaram os da faculdade de direito para estudarem um ponto!..

No dia 22 de julho de 185., fazia o nosso amigo Ricardo Pereira de Aboim o seu acto do quarto anno, e, concluido elle, tomava o seu gráu de bacharel, recebendo com a borla na cabeça a benção do presidente, e subindo depois á cadeira magistral para agradecer a todos com a solemne formula *Restat nunc mihi agere gratias*... E por este facto ficou o nosso heroe livre das massadas do quarto anno com direito a matricular-se no quinto e por conseguinte a usar pasta, coisa de especial furor no principio do anno. A. M. da Cunha-Bellem.

Continúa.

Theatro academico.

Tivemos no dia 19 a primeira recita ordinaria do corrente anno, indo á scena as comedias — o thio André que vem do Brasil — e — eu sem casaca!

O espectáculo correu com toda a regularidade, e podemos certamente afirmar, que fôra o melhor, que 'nestes ultimos tempos tem havido 'naquella casa tão cheia de antigas e gratas recordações, e que hoje infelizmente fa definhando a olhos vistos.

Congratulamo-nos com todos os actores, que tanto do coração se esmeraram para o bom desempenho, e asseguramos que souberam fazer gozar aos espectadores uma noite summamente agradável.

Julgámos digno de especial menção o sr. Par... , a quem, sem duvida, pertenceram as honras da noite, mostrando comprehender perfeitamente o character, que se proposera desempenhar.

O sr. Paes Villas-Boas distinguuiu-se muito na parte que lhe coube, attraíndo as sympathias dos espectadores: damos-lhe os parabens pelo seu debute.

Continuem assim, e o theatro academico recuperará o seu antigo esplendor. V.

Enigma typographico.

NI AL BI.

atu @ 00 tod H LA  
 David adopo 8 V a Ican S.  
 Cuj AA (¹)(²) µ ther VEM ofre E  
 I 100 tir inda + do C q 0dir

EE C U rr yy M oo KL irá  
 Kant AATA A x en L vomeu Gn ~  
 O \* O mort ai! ai! ai! fada ANA

am d M & 10'

K µher K RAZÃO Nos 10a'

E sil φ D R q I ZOSNOS

An j l vv QNós LX  
 PRO ppp O minor ARA no A †

M AA = C - ence ✓ en TO

G cora U ção E A cru X D em  
 ± en TÃO C a M

QA TÃO poder ã's x alguem.  
 A. M. da Cunha-Bellem.

# ESTRÊA LITTERARIA

JORNAL RECREATIVO

N.º 17

Vol. I

REDACTORES { J. M. Cabral e Castro  
                  { F. P. Santa-Clara

Correspondência de administração a José da Silva Porto, rua do Sargento-mór, n.º 4.

Agradecem-se e publicam-se os artigos scientificos e litterarios, que á redacção forem enviados.

Assigna-se na Imprensa da Universidade e no escriptorio da redacção. — Publica-se duas vezes por mez.

Preço { Por trimestre . . 240 rs.  
          { Com estampilha 270 " "

1859 — FEVEREIRO — I

## O EGOISMO.

«L'égoïste trop souvent confondu avec l'amour-propre, n'est que l'exageration vicieuse de ce principe moral en soi-même; de ce sentiment le plus naturel au cœur de l'homme, où Dieu l'a placé lui-même comme la sauvegarde de notre conservation...

L'égoïste complet est l'ennemi radical de tous ses semblables; et c'est de lui surtout que l'Écriture a eu raison de dire: *Le méchant sera seul!*...

M. VILLARD.

Contrario á sublime virtude da caridade e ao amor da patria, o egoismo despreza os soffrimentos e interesses da humanidade; calando o cumprimento dos deveres, que a voz do Eterno no alto do Sinai legislara aos povos, de amor e sacrificio, que constituem uma poderosa condição da futura felicidade, degrada o rei da criação da sua grandeza, e o arrasta á classe dos seres irracionais.

A despeito dos preceitos da natureza, o egoista vive só comsigo, e só para si; qual a planta parasitica, que, criando-se no tronco da arvore, lhe rouba a substancia sem retribuição, assim incommoda a sociedade, regida pela lei dos reciprocos deveres.

Vergando ao pêso do interesse individual, sua fria razão desconhece os sentimentos generosos, e mancha as acções nobres sob as vestes da hypocrisia; e, se ostenta, ás vezes, doer-se da alheia desgraça

e promover o bem geral, é que ás suas concessões mesquinhas e calculadas procura desproporcionada retribuição, ou seu unico e amado proposito será occultar os vicios proprios, dando-lhes a côr de ficticias virtudes.

Este vicio, apoiado em preceitos parece elevar-se, na epocha actual, á cathegoria de sciencia, que investiga os principios do proveito proprio, sacrificando o bem da humanidade.

Neste sentido é necessario concedamos ao egoista certa habilidade, capaz de attraír a affeição dos homens, cujo odio a tes merecera; de ganhar por illusões confiança dos sinceros, e a condescendencia dos menos avisados. Tal systema, suppondo um estudo profundo do mundo e motivos secretos, que movem as acções, compete ao homem experimentado, que, sob seductora mascara, veste armas terriveis; assim é a serpente, que, entre as flores aljofradas, guarda adrede o veneno.

Nem sempre se deriva o egoismo d'um calculo combinado, pois as disposições e insufficiencia do espirito o produzem igualmente. Então reveste-se d'um character material, que se appresenta despido de precaução, qual o açor, que, atravez do ar, publicamente persegue a avesinha.

Não encontraremos o egoista na casa do pobre, no asylo da desgraça ou apar do leite do moribundo, pois estes afflictivos quadros o perturbariam! mentira, é que sua fria indiferença lhe cerrou os ouvidos

aos gritos da dôr, e apartou a vista do espectaculo das miserias, que o menor beneficio da sua parte poderá alliviar.

Funesto á sociedade pelos males, que lhe provoca, e que longo fôra enumerar, só poderemos reprimir o egoismo, inspirando o amor de Deus e dos principios eternos da philosophia e da moral.

A humanidade afflicta, recebendo lenitivo nos palacios dos poderosos, tornaria a ouvir sinceras palavras de consolação:

Haud ignara mali miseris succurrere disco.

Infelizmente o mal invade a sociedade com forças taes, que esta parece ceder á sua ruina inevitavel; e, se não tivéssemos fé no auxilio do Todo-Poderoso, se não pensássemos que a cruz, arvorada no cume do Golgotha, e que brilha sobre todas as nações christãs, devêra protegê-las e conservá-las, crêramos a aproximação das grandes catastrophes, que afugentaram a civilisação do antigo mundo, submergindo-o nas espessas trevas da ignorancia.

F. P. Santa-Clara.

#### Os romances.

Os romances exaltam a cabeça e arrefocem o coração.

Sr. BASTOS, Pensamentos.

Quando a humanidade vivia resumida nas primeiras sociedades, que antecederam as nações, a sciencia e sabedoria eram synonymos. O sabio era o prudente. Com a multiplicação da especie correu parallela a desenvolução do sentimento, que se elevou e deificou-se a despeito da razão, que condemna no tribunal da consciencia a faculdade que se excede, deteriorando o destino humano.

Em seguida os vicios, os defeitos, as attribuições e as paixões, foram desnaturando o homem, e traçaram o plano sobre que elle pôde originar uma vida facticia, indigna e degradante.

Appareceu o romance, que, confiado na altivez do seu destino anti-scientifico, tem penetrado incolume atravez do tempo, acalentando-se nos espiritos debeis e inuteis; espargindo em redor de si a dissolução; causando desalento aos imprevidentes, fé infundada aos

ineptos, vacillancia aos flexiveis, e inoculando na geração da actualidade o veneno, que a arvore genealogica irá substancialisar nos seus derradeiros fructos. É uma tradição, que arruina e destrôe, á medida que se desenvolve e estende.

O romance põe em relevo a sociedade no que tem de mais asqueroso, quando elle é uma-verdade-mentira; descreve ou define o producto excentrico de algum sonhador sem dormir, quando é uma simples mentira. No primeiro caso é um insulto ao preterito, que é a sociedade morta, mas d'onde renascemos; no segundo importa ao mundo positivo, no qual só pôde viver-se uma individualidade imaginaria, que inquieta e subtráe o tempo ás occupações uteis do homem-social.

O romance, que expõe a verdade-mentira, parto monstruoso dos Horacios do tempo, colhe-se na superficie da sociedade, tanto nas paixões sublimes, como criminosas, na exaggeração inverosimil das qualidades moraes, no progresso lento e desanimado d'uma sociedade sem energia, no fumo d'uma revolução sanguinaria, nos personagens mais injustos e cruéis que ahi figuram, e 'nesses desenlaces da natureza moral, que só a penna d'um profundo philosopho, pôde explicar razoavelmente. O romance, assim, adultéra a verdade, não pôde ser util. Mas que dizer dos romances, que são puras mentiras? Estes, além de enganar os inexperientes, lesam-os.

Divide-se a idade do homem em trez partes: uma até aos dezoito annos, outra d'ahi até aos trinta, outra d'ahi até ao seu termo.

Na primeira o romance impede o estudo util, e converte o que o lê 'numa especie de indifferença por tudo, que interessa o seu futuro e o dos seus concidadãos; na segunda é elle incompetente para o cidadão digno d'este nome, que não menospresa o seu nobre destino em auxiliar o progresso da sociedade em tudo que estiver ao seu alcance, mas que não pôde extrair do romance; na terceira o romance é irrisorio. Que diria qualquer pessoa sisuda, que visse fixada a debil vista d'um velho caduco sobre as paginas voluptuosas d'um romance? Seria crel-o no pensamento de renascer 'numa vida mimosa, que os romances lhe coadjuvaram a deturpar.

As mulheres ledoras de romances deram o primeiro passo para um materialismo indesculpavel. Falle a experiencia, já que a theoria guarda profundo silencio.

J. M. Cabral e Castro.

Era na infancia!..

II.

Escolha dos leitores.

Recordo-me então de tudo  
Que passei na meninice  
N'aquelles felizes tempos  
De candura e de ledice.

PALMEIRIM.

Qual ha de vós, que não tenha mil vezes experimentado o insaciavel desejo de se transportar aos annos da sua meninice?.. qual é o que em horas de soffrer, não tem lembrado com amargura os tempos em que, no prado, brincava descuidoso, ou no vergel, corria após de esmaltada borboleta?.. quem é que não tem gozado um gozo infindo, ao reproduzir na imaginação as scenas, que mais inefaveis se lhe gravaram na memoria, ou aquellas, que mais despertaram a sua infantil curiosidade? Se alguém ha ahí, que engolphado em material gozar, possa dizer, « eu vivo só do presente » esse que não leia as linhas, que aqui traço, porque de certo me não comprehendirá!..

É tão doce recordar o passado! é tão delectoso, e ao mesmo tempo tão amargo, o dizer no fim de cada grata recordação « Era na infancia » que esta só palavra parece desterrar todas as agruras d'esse positivismo, com que o presente nos algema o coração... com que a actualidade nos agrilhoa o espirito!..

Não sou eu dos que mais creio na saudade do tempo que passou: o viajero, que caminha açodado, não é no meio da jornada, quando mais esperauça ella nos promete, que deseja voltar de novo ao ponto de partida, mórmente se para novamente seguir o mesmo trilho, houvesse de luctar com os mesmos escolhos, que a vez primeira encontrou!.. Não!.. não é a saudade, não é o desejo de volver á infancia, que nos faz gozar o voluptuoso deleite de recordar o tempo dos folguedos, entre os quaes nos desabrocha a flor da mocidade! não é para a creança, que a disfruta, que a infancia tem encantos!.. é para o homem, que a recorda... e, se ás vezes um vislumbre de saudade parece envenenar essa grata recordação, não é de certo o desejo de volver brincarmos nas campinas, mas sim o empenho de sacudir o pesado jugo dos cuidados, que n'alma o pesado desperta... nem poderamos nós, engolphados nas ambições do futuro, recordar com saudade esses primeiros dias da vida, se elles

tão risonhos são pela indiferença, tão ricos pela falta de ambição!..

Este sentimento, que nos arrasta, quer d'entre os espinhos do soffrer, quer d'entre as rozas do gozar, para a doce recordação da aurora da existencia, este sentimento suave e delectoso, quem ha ahí que o não tenha experimentado?

Não és tu, homem dos calculos, que me dirás que então não tinhas vida por não conhecer a cifra; não és tu, sectario de Epicuro, que me respondes, que então não conhecias o prazer; não és tu, proselyto do Estoicismo, que me dizes, que então não gozavas dos gozos da austeridade... não sois vós que eu ora chamo para me comprehender!..

É a ti, homem, que vives com o espirito, e pensas com o coração, é a ti, que, nas horas da amargura, te não vais refugiar entre as cifras, no regaço do prazer ou nos braços da austeridade, mas que buscas lenitivo ao veneno, que, sobre o teu existir, o presente distilla gotta a gotta, nas gratas recordações do teu passado... é a ti, que te vingas do que a vida actual tem de soffrimento acerbo, rematando cada lembrança da preterita ventura com a doce expressão, « era na infancia!.. »

Vem tu, amigo meu e companheiro no soffrer e no resignar, vem e escuta a minha narrativa...

A. M. da Cunha Bellem.

Continúa.

## SONETO.

É negra a noite, e o céo relampejando  
Excita medo, a quem o medo ignora;  
O pio crente 'neste instante implóra  
Deus, que lhe valha, o mal suavizando:

De espessas trévas sempre scintilando  
Rodeado o homem trémulo descóra;  
Só o trovão, o susto não minóra,  
Vai-se a força vital paralizzando.

Nuvem de fogo na celeste esphera  
Despede o raio de rigor profundo,  
Que tudo arrasa, tudo dilacera:

Na frente d'este quadro tremebundo  
Victimas do terror que em nós se gera,  
Oh! vamos ver desmoronar-se o mundo.

Dr. Zagallo.

## A folha secca.

A la feuille des bois, que dessécha l'automne,  
 .... et qu'emportent les vents,  
 Dit-on de revenir?..

M.elle PAULINE FLAUGERGURS.

Triste florinha mirrada,  
 Imagem do meu viver,  
 Bem retratas minha vida,  
 Bem exprimes meu soffrer!..

Dize-me, triste florinha,  
 Quem teu viço te murchou,  
 Das mil vidas que vivias  
 Quem todas mil te roubou!..

Oh! vem dizer-me em segredo,  
 Linda folha, meu amor,  
 Dos orvalhos matutinos  
 Quem te roubou o frescor.

Mas não vens!.. e ao longe em breve  
 Te ha de o tufão arrojear...  
 — Como eu tambem irei longe  
 Nas azas do meu pensar!..

Porém lá mesmo distante,  
 Imagem do meu soffrer,  
 Comparte comigo as magoas,  
 Que eu de magoas sei viver!... D.

NO ALBUM DO ILL.<sup>mo</sup> SR. JOAQUIM D'ARAÚJO  
 JUZARTE.

Como essas nuvens que em formoso dia  
 Com manto escuro vem o sol cubrir,  
 Assim meus versos vão cercar de lucto  
 Da flor, dos cantos o gentil sorrir.

Vão, que em teu livro a poesia envolve  
 Magicos gozos, seductor prazer,  
 Hoje minh'alma na saudade immersa  
 Só pôde em prantos sua dôr verter.

Tu que bebendo de Minerva o leite,  
 Distante sempre do teu berço q'rido,  
 Mesmo sorrindo-te Coimbra bella,  
 Não tens saudades bem crucis sentido?!

Hoje que deixas a mansão das letras,  
 Onde c'roado foi o teu saber,  
 Deixando amigos com quem tu folgaste,  
 Voltando á terra que te viu nascer,

Poeta, não sentes a saudade amarga  
 Vir acolher-se no teu coração?  
 Sentes, que a rosa, se a colhes linda,  
 Logo os espinhos vem ferir-te a mão!

Assim é tudo, que no mundo tem goso,  
 Vem sem piedade desfolhal-o a dor:  
 Qual iracundo do tufão o sopro,  
 Que em terra prostra a innocente flor.

Já que desejas no teu album 'scrito  
 Um pobre nome, um saudoso canto,  
 Peço que o leias ao deixar Coimbra,  
 Talvez mitigue teu acerbo pranto.

Coimbra, 10 de Julho de 1837. Amelia Janny.

## Folha cahida.

NO ALBUM DO MEU EXCELLENTE AMIGO, J. A. F. VEIGA

Arida palma  
 Tem seu licor;  
 Tem, como a alma  
 Tem seu amor:  
 Tem, como a hera  
 Tem seu abril;  
 Tem, como a fera  
 Tem seu covil.

Lá tem a planta,  
 Que o sol queimou,  
 Lagrima santa  
 Que a orvalhou;  
 E o passarinho,  
 Que hontem nasceu,  
 Lá tem seu ninho  
 Que a mãe lhe deu.

Só eu na magoa  
 Do meu penar  
 Sou como a agoa  
 Que anda no mar;  
 Sou como a onda,  
 Que em busca vem,  
 D'onde se esconda,  
 E onde, não tem!

Folha revolta  
 Que anda no chão,  
 Lagrima solta  
 Do coração;  
 Folha colhida  
 Folha sem flor,

Folha caída  
Do meu amor!

E a lua desce,  
E ao seu clarão  
A magoa cresce  
No coração.  
Cresce e de magoa  
Pedi, meu Deus!  
Um pingo d'agoa  
Dos olhos teus!

E a lua desce  
E ao seu clarão  
A magoa cresce  
No coração.  
Cresce que o pranto  
D'esse bom Pae  
Cáe em seu manto...  
Do céu não cáe!

E a lua desce  
E ao seu clarão  
A magoa cresce  
No coração.  
Cresce e de magoa  
Pedi, Senhor!  
Um pingo da agoa  
Que orvalha a flor!

E a lua desce  
E ao seu clarão  
A magoa cresce  
No coração.  
Cresce que o lyrio  
Branco do val  
Não tem martyrio  
Nem sede igual...

Lagrima sua  
Vendo ao clarão  
Froixo da lua  
No coração,  
Cáe-me dos olhos  
Em pranto a dor,  
Como de abrolhos  
Nasce uma flor!

E a lua desce  
E ao seu clarão  
A dor desfez-se  
No coração:  
Desfez-se a magoa,  
Desfez-se a dor  
'Num pingo d'agoa  
Do meu amor!

J. Deus.

O encanto!

À EX.<sup>ma</sup> SR.<sup>a</sup> D. J. N. F. N.

Como encanta a linda flor,  
Que desmaia e perde a cor,  
Quando a toca mão impura;  
Como encanta a madrugada,  
Quando vem toda orvalhada,  
Espargindo alma frescura.

Como tem mágico encanto,  
Vêr da noite o negro manto,  
De brilhantes recamado;  
E depois vêr no horizonte  
Despontando sobre o monte,  
Da noite o astro adorado.

Como encanta o pôr do sol,  
E o trinar do rouxinol,  
E a brisa, que vem do mar,  
E a verdura das campinas,  
E das agoas crystallinas  
O seu terno murmurar:

Assim me encantas, meu anjo,  
Mulher... virgem... fada... archanjo,  
Ente aereo... vaporoso!  
Que me baixaste do céu,  
Envolvido em branco véu,  
Como um ser mysterioso.

Tu vieste, flor mimosa,  
Como visão vaporosa,  
Despertar-me a poesia;  
Tu vieste ao trovador,  
Inspirar hymnos de amor,  
Dar-lh'a divina harmonia.

As cordas da minha lyra,  
Que só tristes sons suspira,  
Tu me vieste afinar;  
Tu lhe déste a melodia,  
A ternura... a phantasia,  
Que amor só pôde inspirar.

Recebe pois este canto  
De quem te ama tanto... tanto,  
Quanto um peito pôde amar;  
De quem põe a sua esperança  
'Num sorriso de bonança  
Que teus labios podem dar.

Janeyro de 1858. Francisco de Sá Albergrafia.

**Ligação entre a philosophia e as outras sciencias.**

A razão, corroborada pela experiencia e testemunho dos sabios, leva-nos a crer que a ordem, por que começaram a proceder os conhecimentos humanos, e que os elevou ao gráu de incremento e admiravel perfeição, em que os achamos, foi practica, arte e sciencia.

Começaram os homens a applicar sua actividade aos differentes objectos, que os cercavam, e por meio de repetidos esforços conseguiram amoldal-os á satisfação das suas necessidades, servindo-se d'elles, como condição para a sua existencia.

Foi este trabalho meramente material, a intelligencia humana induziu o homem a tirar da observação e experiencia algumas regras, que formuladas devêra tomal-as como norma, quando precisasse dedicar-se a identicos trabalhos: assim despontou a arte, que consiste nos preceitos e regras, pelas quaes alguma cousa se pôde fazer.

Este trabalho, tão pouco elevado, não satisfazia o espirito humano, cujas ambições e desejos se estendiam muito além; raiou portanto nos humanos espiritos a sublime idéa de sciencia, que investigou o *porque* das cousas, fundando-se nas regras, que a arte lhe subministrava.

Chegados a este ponto, os conhecimentos humanos começaram a ser usados na ordem inversa para o ensino dos differentes ramos, que constituem o saber da humanidade, pois este meio tem sido julgado mais conveniente para a profusão das sãs e boas idéas.

Não deve porém ser ensinada a sciencia em abstracto, deve ter a observação e arte por fundamento, pois d'estas procede, aliás seria edificada sobre meras hypotheses sem solidez e realidade, e cairiamos no systema dogmatico, ou no racionalismo de Pythagoras e Platão; não deve tambem explicar as regras sem ordem, methodo e nexo, aliás remontávamos ao empirismo de Thales de Mileto e Aristoteles; e a sciencia, embrenhada em investigações meramente especulativas, não prestaria os bens e utilidades, de que o homem carece, bem como a gotta d'agoa, que precipitada sobre a esteril aréa é por ella immediatamente absorvida sem augmentar a producção agricola. Deve porém, tomando por base a practica, subtrair da investigação dos factos observados a verdadeira conclusão.

Taibner de Moraes.

**Noticia das antiguidades d'Elvas.**

Continuado do n.º 16.

Desejosos os moradores d'Elvas de terem os Religiosos mais perto de si, os persuadiram a acceitar uma doação, que Estevam Marlins e sua mulher Maria Pires lhes offereciam d'um chão, que possuíam perto da Villa, para 'nelle edificarem convento.

Estimavam os Religiosos mais a solidão da serra do que o povoado da Villa; todavia annuiram ás instancias que lhes fizeram, e intentaram construir 'neste terreno o seu convento; porque não ficava tão perto da Villa como seus moradores desejavam, pediram a Estevam Gonçalves, Reitor da Hermida de Nossa Senhora dos Martyres, de que já fallamos, que cedesse a egreja e terras aos dous Religiosos, para fundarem o convento, o que o dicto Reitor, nada apegado aos bens do Mundo, para gloria de Deus, e em prol da Religião dos Pregadores, promptamente fez; e, porque era collocado na Reitoria, nas mãos do Bispo d'Evora Durão fez deicção d'ella no anno de 1267, passando-se provisão de doação aos dictos frades.

El-Rei mandou dar o risco para o convento, e os Religiosos entraram na obra com mais animo, que meios; pois não tinham outros, mais que os de esmolos, que não sendo bastantes, procuraram valer-se do bispo de Badajoz, para que os seus diocesanos tambem os ajudassem, o que este bispo lhes concedeu, passando-lhes provisão. Edificado, finalmente, o convento, residiram 'nelle frades de muitas letras e conhecida virtude.

É este templo do extincto convento de S. Domingos o mais espaçoso que tem Elvas; tem treze capellas, muitas de fino marmore, outras de talha; conserva-se com decencia e muito aceio, graças ao zelo e cuidados das Mezas da Confraria de Nossa Senhora do Rosario, e da Ordem terceira do mesmo Patriarcha, cujo é o convento.

A cruz, imagem do Sancto, que é collossal, e de pedra, e uma parte do frontispicio, é que foram derribados por uma faisca electrica na tarde do dia 28 de Junho de 1858.

Os claustros e cerca, occupados pelo segundo regimento d'Artilheria, estão tanto, ou mais bem conservados, como em tempo dos Religiosos.

Continúa.

M. J. Pires.

## SCENAS CONTEMPORANEAS

DA VIDA ACADEMICA.

Continuado do numero 16.

XV.

Duas cartas e mais uma.

Ricardo chegou a sua casa, alegre e satisfeito da sua nova posição social. Nos dois dias de ponto não tinha podido safr, e por isso não vira D. Constança; Carlota portanto estava socegada!.. e assim festejou o gráu de bacharel do seu amante com um prato de arroz doce sem ovos, coisa detestavel, que em Coimbra se chama arroz de leite: este (Ricardo e não o arroz) mandou vir uma garrafa de vinho do Porto, que nem da Bairrada era, mas que emfim tinha a etiqueta de Porto, e pagara-a por bom..., e d'este modo contentes e descuidados se puzeram á meza, jantaram, cavaquearam, Ricardo fumou o seu charuto, e Carlota mandou vir café do botequim. Aquelle dia corria ás mil maravilhas!.. Havia porém um biquito, que rofa na imaginação do nosso amigo!.. elle tinha de saír a agradecer aos seus examinadores, e portanto de ir á rua de D. Constança!.. Se se demorava era o diabo!.. estava o caldo todo entornado!.. e, para voltar logo para casa, o nosso amigo não achava em si força sufficiente para fazer tal desfeita a D. Constança, que era provavel estar á janella, e que elle, de mais a mais, não via ha dois dias.

Estava Ricardo 'nestas torturas, quando o carteiro se fez annunciar no meio da escada: como elle, porém, não esperava dinheiro, não se commoveu muito com a chegada do correio; mas, como tambem não esperava que alguem lhe escrevesse 'naquella occasião, incitado pela curiosidade, foi receber as cartas.

Oh! espanto!.. nenhuma d'ellas era de sua familia, e todavia as letras do sobrescripto eram-lhe bem conhecidas!..

A carta, que primeiro abriu, era de Adelaide!.. — Era esta uma menina d'uma familia muito da intimidade da sua, e com a qual elle tinha brincado em pequeno, com quem tinha andado na mestra, e que depois, crescendo, se tornou linda de encantos, e tão linda, que o bom do nosso rapazinho não lhe havia podido resistir, e começára a sentir no coração uns certos formigueiros, prodromo certo do primeiro accesso de amor; o mais

intenso, o mais puro, e mesmo talvez o mais duravel; pois *quem bem ama tarde esquece!*..

Ricardo havia feito as suas declarações antes de vir para Coimbra! As familias, que suspeitaram a coisa, approvaram-a, especialmente o pai de Adelaide, que, estando em más circumstancias, achava ser um bello partido para sua filha um rapaz formado em Direito, bom moço, e de quem a sua Adelaide gostava desde pequena. Ora a tal menina, que havia mais de trez mezes, que não tinha cartas do seu amigo de infancia, escrevia-lhe agora, lamentando a sua ingratição, e fazendo essa lamuria, que as mulheres costumam fazer em eguaes occasiões. Ricardo estava sensibilizado! achava razão á pobre Adelaide, á sua companheira dos primeiros folguedos! Elle tinha sido ingrato!.. engolphado no gozo d'esse affecto sensual, affecto hybrid, que desgraçadamente absorve mil vezes todos os outros; elle tinha esquecido a affeição pura e singella, nascida no berço, e confessada á donzella timida ainda com o balbuciar da infancia!..

Mas agora, que o seu coração estava desentorpecido d'esse lethargo sensual pela admiração, que D. Constança lhe tinha despertado, aquella carta produziu-lhe um effeito magnetico! Todas as recordações da sua infancia se lhe pintaram com as mais vivas côres! Ricardo esquecêra Carlota, esquecêra D. Constança, esquecêra tudo!..

Abriu depois a outra carta. Era de Carlos, o filho do seu visinho, e seu companheiro na eschola, que lhe noticiava, que, melhorando seu pai sensivelmente de fortuna, se resolvêra a vir para Coimbra e formar-se tambem em Direito; e que por isso o esperasse por toda aquella semana. A alma de Ricardo estava muito impressionada para receber aquella noticia com excessivo jubilo. Dobrou as cartas e dispoz-se a safr.

Carlota, até alli muda expectadora, perguntou-lhe:

— Então! de quem são essas cartas?

— Uma é de um caloiro, que ahi me vem, replicou Ricardo com hesitação.

— E a outra?.. retorquiu Carlota com visível anxiedade!..

— A outra... é... é... de minha mãe, que me diz, que vá quanto antes para Lisboa — disse elle córando.

— Não quero! — retrocou Carlota, são estas as tuas ultimas ferias!.. mas de passal-as comigo!.. quem sabe se me deixarás depois de formado?

Ricardo preferiu mentir a turbar o prazer, que em si mesmo gozava, e por isso respondeu:

— Socega! que tudo se ha de arranjar!..

Apasiguada pois com tal promessa, consentiu, que o seu amante saísse em boa paz a cumprir os deveres de civilidade e do costume academico — de deixar um bilhete a cada um dos lentes, que lhe foram ao acto.

Ricardo saiu.

O que porém o nosso leitor não sabe, nem nós lh'o temos podido revelar, com medo da sr.<sup>a</sup> Carlota, é que Ricardo Pereira de Aboim, no dia em que saíra antes do seu acto, havia tido o inqualificavel arrojo de dirigir, 'numa carta toda perfumada e almiscarada, as mais ternas expressões á sr.<sup>a</sup> D. Constança, mandando-lhe entregar esta carta por uma velha, que outr'ora fôra sua servente, e que era mãe da criada particular da sua bella. Ora, criada de quarto nova, e ama nova e bonita, não têm segredos possíveis uma para a outra em factos de namoro; e além d'isso a boa da cachopa tinha muito amor e muita obediencia á sua respeitavel mãe, para deixar de cumprir uma ordem sua, de que de mais a mais lhe provinha o modesto lucro de um *ganso*!.. Lucinda por bella, era uma rapariga estimavel...

Agora, que estamos no meio da rua, livres dos ralhos impertinentes de Carlota, vamos aqui pôr tudo em pratos limpos!..

Ricardo — em abono da verdade — era um excellent moço!.. Gostava de D. Constança, porque a sua belleza peregrina e melancolica o fascinára; mas esse sentimento, não fecundado com a seiva de um verdadeiro amor, não acalorado pelo sol vivificante da sincera paixão, tivera uma vegetação estudada e ephemera no peito do nosso amigo, e emmurcheia quando a sombra de dois dias de ausencia, lhe offuscava a luz, que o deslumbrava. 'Naquella occasião, Ricardo, se se não lembrasse de Adelaide, pensaria exclusivamente em Carlota, e nem um cantinho no coração, nem sequer a auricula esquerda, conservada para a pobre D. Constança, que pelo seu lado tambem, nem em auricula, nem em ventriculo, tinha logar algum, reservado para o nosso heroe!.. Era uma gentil borboleta! — como diria um poeta de eschola romantica, palpitante de creanças desfolhadas, e com o craneo recheado de pensamentos sublimes, mas safados pelo uso!..

Continúa..

A. M. da Cunha Bellem.

#### Theatro Academico.

Deu-se a representação da comedia-drama, em trez actos, *A Missão*, e comedia 'num acto, *Uma actriz no tempo de Luiz XIV.*

Na *Missão* estreou-se o sr. M. J. Vieira, que bem mereceu dos espectadores, alcançando as honras da noite. Tirando conveniente partido das vantagens, que o seu papel lhe prestava; além d'outros dotes, valendo-se da sua agradável presença e metal de voz doce e sonora, grangeou as sympathias geraes, exuberantemente interpretadas por palmas e applausos repetidos.

Sempre feliz, ao fechar o 3.<sup>o</sup> acto elevou-se tão naturalmente ao sublime e pathetico, que em remuneração só Thalia lhe tecera condigna corôa.

O pano desceu entre freneticas demonstrações de applauso, e o sr. Vieira recebeu uma ovação completa. Damos-lhe os nossos sinceros parabens, e fazemos votos nos proporcione muitas noites agradaveis.

Na *Actriz*, cujo desempenho antecederá indevidamente a *Missão*, mereceu geral approvação o sr. Valle, que saíu victorioso das difficuldades do seu papel. Recordou-nos uma bella noite, que, ha annos, gosámos 'neste theatro, representando equal papel um dos mais distinctos actores, que têm pisado o palco academico.

O sr. Barbosa solidificou a sua reputação, desempenhando magistralmente o seu caracter, e o sr. Valladas Mascarenhas manifestou muita capacidade dramatica.

O espectáculo correu regularmente, e todos os actores, traduzindo fielmente os typos que representavam, alcançaram successo correspondente aos seus desejos. Eguamente agradeceu a bella orchestra academica, habilmente dirigida pelo sr. José Veiga.

Congratulamo-nos devéras com todos os academicos, que prezam o seu theatro, e pedimos-lhes a continuação dos seus serviços, para que os esforços da direcção proba e diligente, que por felicidade rege esta casa, não sejam baldados. Assim temos fé o theatro recuperará o seu antigo esplendor.

#### AGRADECIMENTO.

Recebemos um novo jornal a — *Gazeta Medica do Porto* — que agradecemos, e recomendamos-lo aos amantes da sciencia medica.

COIMBRA — IMPRENSA DA UNIVERSIDADE.

# ESTRÊA LITTERARIA

JORNAL RECREATIVO



N.º 18



Vol. I

REDACTORES { J. M. Cabral e Castro  
F. P. Santa-Clara

Correspondencia de administração a José da Silva Porto, rua do Sargento-mór, n.º 4.

Agradecem-se e publicam-se os artigos scientificos e litterarios, que á redacção forem enviados.

Assigna-se na Imprensa da Universidade e no escriptorio da redacção. — Publica-se duas vezes por mez.

Preço { Por trimestre . . . 240 rs.  
Com estampilha 270 °

1859 — FEVEREIRO — 15

## O FUNDAMENTO DO MATRIMONIO À LUZ DA PHILOSOPHIA.

Uma das importantes características da humanidade, é a fôrma especial da sua propagação, fixada pela razão, mas desenvolvida atravez dos tempos, como todas as instituições naturaes, em que se reflecte a luz da civilisação, e que são susceptíveis do aperfeiçoamento da mão do homem.

É factó averiguado, que todos os animaes brutos, preenchem as funcções prolificativas com bom successo, e que o mesmo homem das florestas, selvagem ou antropophago, sem consorcio solemne, sem preliminares ante-nupciaes, concorre da sua parte com o contingente proporcional para a propagação da especie. Por outro lado, o homem civil, educado e instruido nas theorias da sciencia, perde mais e propaga menos, porque consomme uma parte das forças genitae nas voluptuosidades, que se criam no vão da civilisação mal comprehendida. Não sabemos, que ao primeiro homem, patriarcha da especie humana, se desse uma causa, que se denomina, em Esthetica, amor; mas sabemos, que elle requisitaria companhia ao Creador, que, tendo-lhe dado uma natureza social, esperava o exercicio do primeiro direito, como se d'este modo lhe quizera ensinar a humildade da petição. Deus cedeu ao pedido de Adão, e Eva, extrahida e formada, não sabemos como, do seu corpo e, talvez, alma, foi o primeiro ente, em que transluziu a

idéa de sociabilidade. Adão, diz a historia, admirou Eva, e esta admiração devia provir certamente de não comprehender, que um ser tão perfeito descendesse d'elle por um modo, que nunca mais se realisou, não obstante ter-se sentido muitas vezes a necessidade de reformar o sexo-bello. Ora a admiração está tão longe do amor, como a comprehensão do objecto admirado; todavia Adão foi pai, e Eva mãe, e os seus filhos eram legitimos. É verdade, que este consorcio seria excepcional, e então dispensava o fundamento do amor. O fundamento é uma cousa, que cimenta a existencia de outra, em quanto esta existir; aquelle dá-se por força das cousas, ou em virtude da acção de uma lei necessaria. Isto posto, sendo o amor o fundamento do matrimonio, deixará este de existir, logo que os conjuges se odeiem, o que desgraçadamente acontece muitas vezes; mas os moralistas e philosophos-theologos, defendendo tal fundamento, dizem o matrimonio indissolúvel *quoad vinculum*, no que são indubitavelmente inconsequentes; pois a indissolução *quoad vinculum* equival á completa indissolução, por ficarem presos os conjuges, ou collocados 'num estado de horrenda restricção, que lhes impossibilita a paternidade inequivoca e legal. Demais, se o amor é o fundamento do matrimonio, onde está a validade dos casamentos de conveniencia, que, hoje principalmente, orçam a cem sobre cinco? Como é que um velho rachitico, que tudo sentirá menos o

ogo de Juno, pôde contrahir validamente o matrimonio? O matrimonio, impropriamente assim chamado, tem um outro fundamento muito diverso de um sentimento, que apparece e desaparece como o relampago.

Uma sociedade, que a natureza exige durar ao menos cinco annos, tempo indispensavel para a infancia, que os sós cuidados da mãe não são sufficientes para administrar, não acha, nem pôde achar fundamento num principio fluctuante, que se some e aniquila no vago d'uma impressão.

Se, pelo contrario, nós lançarmos um golpe de vista por sobre o plano da criação, e admittirmos, que o matrimonio civil é um meio decente de propagar a especie, ou de se unirem duas pessoas de differente sexo, o de se manter uma communião physica e moral de toda a vida, encontraremos um fundamento mais plausivel para a sociedade conjugal — a necessidade de propagar a especie ou de manter uma communião physica e moral.

Para todos os consorcios, em que entram pessoas capazes de propagação, temos a primeira parte; para as outras, a que faltar tal capacidade, serve a segunda. Assim todo o mundo pôde contrahir o matrimonio, com tanto que não obstem os impedimentos legaes, e contrahil-o com um fundamento, que sempre se dá, exceptuando os casos de desvarios pessoases, que não podem modificar o principio. Em conformidade do que levamos ditò, a doutrina sobre o consorcio ou união de duas pessoas de sexo differente, resume-se na necessidade da propagação, ou communião (fundamento ou principio); no contracto nupcial (meio); e na propagação, ou communião (fim).

Convém notar, que havendo propagação da especie, ha tambem communião, condição indispensavel áquella; mas que pôde haver communião sem propagação, como acontece quando um dos conjuges é estéril e guarda fidelidade conjugal ao outro.

É assim que, supposto indissolvel o

matrimonio, se pôde fundamentar philosophicamente.

O matrimonio, juridicamente fallando, é um contracto; religiosamentè, um sacramento. Chamamos ao matrimonio, contrahido debaixo d'estes dous aspectos, civil, em contraposição á simples e natural união dos selvagens.

J. M. Cabral e Castro.

### o amor do solo natal.

Continuado do numero 16.

V

Arredado de ti na alheia terra  
Suspiro e clamo: Elysia!  
Em ti cuido, a ti vejo, de ti fallo:  
Tu só em meu sentido

Noite e dia incessante me appareces.

FRANCISCO MANUEL, *Odes.*

Apartado de seus penates, o Sulmonense Ovidio, arrastando a vida em erma soledade, lamentava a perda dos amenos campos da Italia, onde gostára as doces delicias da idade infantil e carinhos domesticos.

A aspezeza do Ponto e os pedragosos montes limitavam o horizonte, para onde volviam após o pensamento os olhos do elegiaco vate, cujas penas se exacerbavam, ao passo que sua esperanza desfallecia: assim é o viandante, que, alongando-se do limpido regato e floresta secular, se entranhára no arido deserto, onde a calma lhe desafia sede ardente, e, certo de não descobrir agua sem volver o caminho andado, desespera social-a; mas ainda este buscára voluntariamente o perigo, ou talvez podesse remedial-o!

Apenas os primeiros raios do sol douravam o cabeço dos montes, buscava as praias, que abrotavam infectas e lugubres aves, prole das que, em tempo, mancharam as viandas do misero Pineu: e alli ora dispunha nas conchinhas soidosos versos de saudade, que as ondas levariam á patria amada; ora dizia suas magoas e espalhava sentidas canções, que, reproduzidas no echo dos montes, iam perder-se na amplidão do espaço e confundir-se no largo banzear das ondas.

Outras vezes subia mui passo aos hombros de erguido outeiro da Tiana, e, qual Young

depois da perda de sua filha unica, só amava o retiro e propheticó silencio :

Da eternidade nos umbraes lançado,  
A solidão me apraz, só me é jucundo  
Da morte e do sepulchro o pensamento,  
D'elle me animo, d'elle me apascento (a).

Entretanto sua triste musa lhe recordava a funesta imagem da ultima noite, que entre lamentos assistira na cidade, e seu coração estalava de sentimento, conhecendo a deslealdade dos amigos, que, ao soar o trovão da dura sorte, o abandonaram!

As diversas recordações da fortuna, ora adversa, ora prospera; da família, costumes e scenas da natureza, no doce logar do seu nascimento, parece haviam reunido seus poderes para o constituirem genio da melancolia!..

A tous les coeurs bien nés que la Patrie est chère!

VI

#### Conclusão.

Super flumina Babylonis illic sedimus  
et flevimus, cum recordaremur Sion.

Ps. 86.

Fiel aos sentimentos da natureza, o exilado, deixando o berço da infancia, exprime a nobre voz de seu coração saudoso:

Nos patriae fines dulciaque linquimus arva.

Assim cruel saudade e vago pezar acompanham sempre o ausente dos logares, onde consumira seus primeiros dias: a ave, que passa rapida, cortando o ar; a véla, que entre as agoas alveja no longinquo horizonte; a brisa, que levemente sopra, lhe fallam do tempo da sua juventude: *sentados á borda do Euphrates, choravam os Judeus de saudades de Jerusalem.*

E, se no desterro Atropos lhe cortar o fio da existencia, descendo ao tumulo, o ultimo pensamento vóa para a patria amada:

Et dulces moriens reminiscitur Argos.

Dado que sobreviva aos golpes da sorte, quanto será difficil exprimir a deliciosa commoção, que experimentará, quando, voltando ao campo amado, lhe avultar, ao longe, a

(a) J. A. de Macedo. Oriente.

casa paterna?!.. Respirar os ares dos verdes annos, percorrer os sitios, que lhe recordam os dias passados, será prazer indizivel, encerrado no coração.

Os affectos da extremosa familia, que chorava sua ausencia, receberão a'egre character; entretanto uma geração posterior o admirará com surpresa e como estrangeiro!

É que os habitos da infancia e occupações identificam os homens com logares, d'onde provém uma relação intima, qual sympathia secreta, que poder algum jámais poderá quebrar.

Sendo a sociedade condição para a nossa conservação, conveniente fóra que o Eterno impothesse no coração humano as relações de familia e visinhança, pois, só ligados por sympathia, os cidadãos permaneceriam no seu paiz, pondo em commum seus interesses, instrucção e defesa.

O amor do solo natal, que nasce na infancia, cresce e fortifica-se connosco, dura ainda, quando a desgraça, velhice e decepções, tiverem sumido as affeições terrestres. Essa terra, que nos viu nascer; que nos sustentára; onde permanecem os entes da nossa maior affeição; cujo seio encerra as cinzas de nossos maiores, seja objecto d'um piedoso respeito e amor filial.

F. P. Santa-Clara.

#### Amor de poeta.

A Deus te eleve o fumo  
De um só ai,  
Vai, luz! vai pois teu rumo,  
Sobe e vai!

Vai d'estas densas trevas,  
D'esta cruz,  
Levar-lhe... quanto levas,  
Pobre luz!

Amor, que em mim não cabe,  
Vai depôr  
Em Deus... ah! Deus bem sabe,  
Se é — amor!..

D'uma outra flor se o calix  
Mais libei  
Por esses quantos valles  
Divaguei!

Se lampada tão linda  
Vi jámais,

Que me esquecesse ainda

D'olhos taes!

Dos olhos meus se um pranto

Só brotou,

Que o fogo d'esse encanto

Não gerou!

Se um nome em igneo traço

Li no céu,

Nas ondas, e no espaço,

Mais que o seu!

Se n'alma, Deus que fosse,

Poude a sós

Vibrar-me voz mais doce

Que essa voz!

Deus sabe se eu dos montes

Vi tambem

Nos vastos horisontes

Mais alguem.

Se eu vi nos mais risonhos

Sonhos meus

Alguem mais, nos meus sonhos,

Que ella e Deus!

Thuribulo suspenso

Inda fluctuo,

Em quanto a alma em incenso

Restituo;

Mas breve — ao chão meu lodo:

E a ti, Senhor!..

Minha alma: e a ella... ah! todo

O meu amor! —

### SONETO.

Aqui é terra firme, em que sustento  
Um corpo gasto, debil, vacillante;  
Além bravio ronca altisonante  
O Oceano, que agita irado o vento.

Eu, repremindo o movel pensamento,  
Evitaria um golpe fulminante;  
Mas sorte nunca igual, sempre inconstante,  
Propõe-se a me perder 'neste momento.

Oh! se tal é o imperio do destino,  
Que evadir-me não possa a seu mandado  
Terrivel, vingativo, atroz, ferino;

Então aos mares cumpre-me arrojado  
Entregar uma vida em desatino,  
Funesto dom, que me outorgara o fado!

Dr. Zagallo.

Meus charos redactores

No vosso lindo jornal acabam de apparecer, por descuido meu, casadas, que nem á face da Igreja e na fórma do sagrado Concilio Tridentino, duas distinctissimas coisas minhas.

Se ellas fossem apenas d'um sexo differente, diz o adagio, que o direito do arrocho é ser torto, e bem íamos nós: mas a especie, a especie!..

*Carnal ajuntamento com alguma alimaria — queimado e feito em pó!!.. nada mais justo.* Ah! livro, livro quinto das Ordenações! serás sempre o meu livro.

Gosto de tudo quanto é sacerdotal, e até do *sacra auri fames* (a) de Virgilio.

Gosto da Biblia, por ser a Ordenação dos padres; gosto da Ordenação, por ser a Biblia dos advogados; do Bucan por ser o Larraga dos medicos, do Larraga por ser o Bucan dos confessores.

Salva a distancia, que vai sempre das misérias da vida ás grandes coisas da eternidade, meus charos redactores, que tres especies para d'ellas se tractar 'num *hoc titulo*:

De Fratribus, Medicis et Advocatis!..

Até ficava harmonioso; não?

Nunca pude escolher; não soube nunca, qual mais quisera ser, se medico, se theologo, se jurisconsulto.

Ao vêr na mão d'um d'estes ultimos a pobre lei, mil vezes clarissima, passando como em quadros dissolventes, de interpretação em interpretação, até pela *Madre Celestina passa, marcha, caminha!* desapparecer de todo... fascina-me a advocacia.

Se vejo pelo contrario cair nas mãos d'um frade, *exempli gratia*, um artigo de fé, o pulpito affigura-se-me um Sinai; e eu mais quisera a varinha de Moysés do que os tres scéptros dos reis Magos. Magos? ou Magnos!..

A escriptura diz, parece-me, que: *ecce Magi ab Oriente...*

Seja o que fôr, podesse-me eu decidir, que Biblia ou Ordenação, tivesse ella santa paciencia, que havia de encaixal-a toda na cabeça. Tinha alma d'isso: admira-vos?

Já em criança eu concebi a empresa de decorar Virgilio: e era realmente uma empresa de saudosa memoria! Infelizmente que é o

(a) O illustre auctor dá-lhe esta traducção — *aresa Pontificia*.

que d'elle me lembra? Apenas o que não esquece nunca. Vá por exemplo:

... facilis jactura sepulchri est.

... trahit sua quemque voluntas.

Te, dulcis conjux, te solo in littore secum,  
Te, veniente die, te, decedente, canebat.

Notai, que monotono verso este ultimo! não vos parece indigno de Virgilio?.. Ah! Mas não foi sem conhecimento de causa, que o elle fez assim!

Nada monotono, como uma cousa sempre a mesma; e era essa a idéa: alli seria defeito a harmonia. Que superioridade pois não leva o original sobre a lindissima versão:

Tendre épouse, c'est toi qu'appellait son amour!  
Toi qu'il pleurait la nuit! toi qu'il pleurait le jour!

Virgilio fez um feio verso francez, Delille um bom verso latino. E eis a belleza de Virgilio, e eis o defeito de Delille.

Alto poeta! Deixemos a exemplo de Dante, o *altissimo* para Homero. Mas deixemos tambem tudo isso, e deixemos, meus charos redactores, essa outra minha cousa, que, apezar de seus bons oito versos de menos, e uns dezaseis... de mais (não sei se me faço *antander*) não val a pena.

Mas a *folha cahida*, a minha *folha cahida*, isso, onde eu symbolisei com verdade ou sem ella a minha vida; os versos, onde um nome se lê, que não é meu, e um nome, que eu estimo tanto, perdão a vós e ao publico! mas quero-os á parte e assim:

#### Folha cahida.

NO ALBUM DO MEU EXCELLENTE AMIGO J. A. F. VEIGA

Arida palma

Tem seu licor;

Tem, como a alma,

Tem seu amor:

Tem, como a herá,

Tem seu abril;

Tem, como a fera,

Tem seu covil.

Lá tem a planta  
Que o sol queimou,  
Lagrima santa  
Que a orvalhou;  
E o passarinho  
Que hontem nasceu,  
Lá tem seu ninho  
Que a mãe lhe deu!

Só eu na magoa  
Do meu penar,  
Sou como a agoa  
Que anda no mar!  
Sou como a onda,  
Que em busca vem,  
D'onde se esconda,  
E onde, não tem!

Folha revolta  
Que anda no chão!  
Lagrima solta  
Do coração!  
Folha colhida!  
Folha sem flor!  
Folha caída  
Do meu amor!

J. de Deus.

#### Era na Infancia!!!

Continuado do n.º 17.

#### II

Escolhemos o sitio.

... Que sitio! Que hora!  
Prazer, tristeza e ternura  
Nestas auras dissolvidas  
Se respiram com doçura.

A. F. DE CASTILHO.

O sitio é bello e ameno!.. sentemo-nos aqui. Não vêdes que a natureza caprichou em adreçar este recinto para nossa melhor commodidade?.. Vêde que bella sombra nos offerece o verde parreiral, que o proprio Gessner invejára para compór os seus idilios. Escutai o brando murmúrio, que alli tão perto nos convida a refrescar os labios, quando o ardor da palestra nos haja seccado as fauces!.. Sentemo-nos aqui, e conversemos. Aqui não ha importunos! Somos todos amigos, que nos enlaça a mesma crença, que nos fraternisa o mesmo baptismo de soffrimento, e o mesmo

credo de esperanças!.. e os ditosos, se acaso hão de escarnecer da nossa dôr, que nos deixem em paz aqui sosinhos!..

Quem poderá viver no mundo, e não amar o mundo?.. mas o mundo singelo e delectoso como o Deus formou, e não refalseado e mentido como os homens o hão tornado! Qual de vós, ó meus amigos, não gosta de namorar as louras messes e as candidas boninas, que além matisam o verdor dos prados? Quem não ama o gorgear das aves, que, em melodiosos accentos, acompanham o hymno sublime ao Creador, o hymno da natureza?..

Vêdes além... além... lá muito ao longe, uma sombra vaga e azulada, que, a confundir-se com o horizonte, ora vos parece nuvem que balouça, ora montanha a que a distancia dá caprichosa fórma e azulada côr? Quem se não hade extasiar ante aquella bella incertesa?.. Não vos apparece tambem a mulher nos sonhos da vida, assim duvidosa, ora qual saphyra inabalavel de constante affeição, ora nuvem tenue da mais ligeira inconstancia?.. E quem é que não ama a mulher?..

Não vêdes aqui... bem perto... o arroio cristallino, como a alma da donzella?.. pois bem! agitai a placida torrente, e a lympha se precipitará turva, qual o animo da mulher, que uma paixão agita! E quem não ha de amar o arroio?.. Gostais da brisa, que vos affaga os cabellos?.. Vêde como vos beija as faces, que nem o osculo da virgem, que em carinhos se desvela... esperai porém um pouco e, em breve, furacão violento vos açoutará o rosto, arremessando-vos desdenhoso a areia, que levanta. Eis a mulher, que vos acarinhava, se com um desdem vos insulta!!.. E quem pôde não amar a brisa das campinas?..

Oh! vinde e sentemo-nos aqui, que já vai alto o sol e o sitio nos convida, com a sua frescura, a repousar.— Sentai-vos e conversemos!..

A. M. da Cunha Bellem.

Continúa.

Valerio Maximo escreveu no tempo do imperador Tiberio; dedicando-se ao estudo da historia, encarou-a no lado moral, por isso reprehende severamente os vicios e louva a virtude. Embora no seu livro, que intitidou *resumo de dictos e acções memoraveis*, se deseje mais critica e gosto, todavia a materia offe-

rece subido interesse; á concisão reúne a novidade de muitos factos, que infructuosamente buscaríamos nas obras dos historiadores romanos.

Não temos as obras d'este escriptor vertidas na lingua portugueza, por isso ensaiamos a traducção do cap. 7.º do livro 4.º, que contém judiciosas considerações sobre a amisade, cujo laço entre romanos e estrangeiros separadamente exemplifica.

#### Do laço de amisade, que ligou alguns Romanos.

Urbs Romae, exterarumque gentium facta simul ac dicta memoratu digna, quae apud alios latius diffusa sunt, quam ut breviter cognosci possint, ab illustribus electa auctoribus deligere constitui, ut documenta sumere volentibus longae inquisitionis labor absit.

VAL. MAX.

Admiremos agora a amisade, cujos laços seguros e fortes, não cedendo aos impulsos do sangue, inspiram maior confiança e firmeza, por quanto não resultam do capricho do nascimento, obra fortuita; mas uma escolha reflectida os contrahe livremente. Assim desviaremos antes a reprehensão pela quebra d'amisade entre parentes, do que entre amigos, pois a desunião d'uns sujeita-nos á injustiça; menospresando os outros, accresce a leviandade. Sendo a vida humana, sem o auxilio da amisade, uma solidão, só devemos ligarnos a uma companheira tão necessaria, precedendo maduro exame; e, achada uma vez com acerto, é inconveniente despresal-a. Na adversidade, distinguem-se claramente os amigos fieis e sinceros; então todos os seus serviços significam a benevolencia inalteravel, d'onde provém. Na prosperidade a dedicação antes parece tributo d'adulação, do que expressão d'amisade, julgando-se ordinariamente dominar a ambição. Accresce, que na fortuna adversa desejamos principalmente o zelo e serviços dos amigos, porque nos protegem ou consolam: a felicidade, vendo a seu lado a assistencia dos deoses, menos necessita do auxilio humano, por isso as gerações futuras, pospondo os companheiros da carreira feliz da vida, retêm profundamente na memoria os nomes d'aquelles, que jámais esqueceram os amigos, immersos na desgraça. Ninguém lem-

bra os familiares de Sardanapalo, e Orestes é talvez mais conhecido como amigo de Pylade, do que como filho de Agamemnon. A amizade dos primeiros enervou-se pela communhão da voluptuosidade e luxuria; a estima dos dous Gregos, consolação nos asperos rigores da sorte, brilhou pela commum experiencia dos infortunios. Mas porque referirei exemplos estrangeiros, podendo primeiramente recorrer á historia patria?

1.º Tito Graccho foi justamente julgado inimigo da patria, pois ao bem publico preferira a propria grandesa; mas o nosso intento é mostrar, que ainda em tão criminoso empresa achou em Caio Blossio Cumano uma amizade inconcussa. Declarado inimigo publico, executado e privado das honras da sepultura, mereceu a constante affeição de Blossio; pois, ordenando o senado que os consules Rupilio e Lenas perseguissem, segundo as antigas leis, os cumplices do tribuno, dirigira-se a Lelio, cujos conselhos moviam então o animo dos consules, pedir-lhe o seu valimento: e como, expondo perante este, para desculpa do seu pedido, os impulsos d'amisade, Lelio lhe perguntasse «então se Graccho te mandasse lançar fogo ao templo do poderoso Jupiter, obedecerias á sua vontade, levado sómente pelos impulsos da amisade, que sobre ti tanto influe?» respondeu «jámais Graccho me recomendaria esse serviço.» Isto era assás, era já muito, pois ousou defender um cidadão, que o senado unanime condemnara pelos seus crimes. Mas o que vamos acrescentar, significa maior audacia e perigo: por quanto, instado pela interrogação continuada de Lelio, não quebrou seu constante character, e respondeu «que acceitaria o serviço lembrado, se Graccho lh'o ordenasse.» Quem o julgaria criminoso, se tivesse guardado silencio? Quem ainda deixaria de reputal-o sabio, se tivesse fallado segundo as circumstancias do tempo? Entretanto Blossio, a custo d'um honesto silencio e palavras prudentes, não quiz defender a sua vida, para não trahir, ainda levemente, a memoria d'nma amisade infeliz.

F. P. Santa-Clara.

Anacharsis compara engenhosamente as leis ás téas d'aranha, dizendo, que assim como estas prendiam os pequenos insectos e deixavam passar os fortes, do mesmo modo as leis opprimiam os pequenos e pobres, desobrigando os ricos e poderosos.

Demade, recusando os Athenienses decretar honras divinas a Alexandre, disse-lhes «acautelai-vos não seja caso que, defendendo o céu, deis motivo a perder a terra.»

#### Noticia das antiguidades d'Elvas.

Continuado do n.º 17.

#### IV.

*Da fundação da ermida de S. Thiago, que foi Collegio dos padres da Companhia de Jesus.*

Parece que no tempo em que corria o anno de 1282, fundaram os moradores d'Elvas a hermidã de S. Thiago: alguns dizem ser fundação dos cavalleiros da Espada, que vieram com El-Rei D. Sancho II, quando tomou Elvas, e por este serviço lhes fez mercê de algumas herdades chamadas da Espada, depois comenda d'esta Ordem. Não disputamos esta questão.

A mais antiga memoria, que se encontra d'esta hermidã é na freguezia de Santa Maria d'Alcaçova. Consta que André Annes, conego que foi em Evora, deixou um legado pelas almas de seus pais, que jaziam sepultados na dicta egreja, d'este testamento se infere, que havia mais de 70 ou 80 annos, que esta ermida era edificada; pois 'nella se enterravam pessoas de qualidade.

Tempos depois D. Affonso VI, em 1659, a doou aos padres da Companhia, dando-lhes estes a nova fórma, que hoje vemos. Tem sete altares, todos de talha; os dous pulpitos de fino marmore são uma obra modelo.

Na capella mór está um sarcophago, que contém os restos mortaes de Diogo Mendes do Rio, descendente de João Mendes do Rio, primeiro fidalgo, que d'este appellido houve 'nesta cidade; veiu da Collegã, era natural do lugar do Rio. A inscripção, que tem a lapide é a seguinte:

*Sepultura dos srs. Diogo de Brito do Rio, fidalgo da casa de S. Magestade, e de D. Aldonça da Motta, sua mulher, naturaes de Elvas, fundadores d'este Collegio, anno de 1702.*

E sobre a porta principal da egreja, lê-se: *El-rei D. Affonso VI, como Grão Mestre Governador da Ordem d'Aviz, fez mercê, com licença do Summo Pontifice, aos religiosos da Companhia de Jesus, da ermida de S. Thiago, para 'nella se fundar esta egreja, anno de 1659.*

## SCENAS CONTEMPORANEAS

DA VIDA ACADEMICA.

Continuado do numero 17.

XVI.

Consequencias da ultima carta.

— Minha senhora, — dizia Lucinda a sua ama, na noite antecedente ao acto de Ricardo, — tenho uma mensagem, que diz respeito a v. ex.<sup>a</sup>

— A mim?..

— Sim, minha senhora! É uma carta, que me deram para lhe eu entregar...

— Uma carta para mim!.. de quem?..

— De um rapaz, que por ahi tem passado ha tres dias.

— Para mim?.. e quem te deu o atrevimento de me trazeres uma carta de um estudante?.. deixa! que has de ser amanhã posta na rua!.. confiada!.. vamos!.. é ir já... immediatamente entregal-a a esse senhor, que lh'a deu!.. e dizer-lhe, que eu ainda o não auctoriseci a dirigir-me as suas insipidas expressões!.. então! não ouve? sua atrevida!.. vá-lhe já entregar essa carta... sem demora... ande!.. quando não!..

— Não foi elle quem m'a entregou, foi minha mãe...

— Sua mãe é uma refinada atrevida, e você uma grandicissima tola!.. Pois não!.. quanto ganhou da mensagem?.. É ir entregar já a carta a sua mãe!.. senão!..

— Olhe, minha senhora, eu não a queria trazer; mas minha mãe ateimou tanto, e eu achei-lhe o sobrescripto tão bonito, que sempre a trouxe para a senhora vêr: — e Lucinda mostrou a sua ama o arrendado e almiscarado *enveloppe*.

— É bonito!.. bem vejo, mas só por isto não valia a pena de a teres accptado... muito mais bonitos do que este os tenho eu alli 'naquella gaveta, das cartas do sr. Affonso de Lima!.. anda!.. é ir entregal-a.

— Mas repare, senhora, este tem um amor-perfeito, bordado a seda-frouxa! olhe como está bonito!.. eu nunca tinha visto um sobrescripto assim!.. E como ha de ser linda a carta por dentro!.. naturalmente tem alguns corações atravessados com uma setta e duas chaves por cima!.. Oh! se nós poderemos vêr!..

— Provavelmente é alguma folha de papel, como qualquer outra! Que te importa a ti?..

— Nada!.. É por que gostava de vêr!..

D. Constança pegára na carta. A moçinha tinha dedo para as taes embaixadas!!

— Ora o que dirá este parvo aqui?.. — dizia D. Constança, revirando a carta por todos os lados.

— Talvez alguns versos muito bonitos!

— Seja o que fór...

— É verdade! como a senhora não quer saber, ficará o segredo só para elle.

— Tambem, que tem que vêr quatro regrinhas com alguma samsaboria?..

— Tem razão! minha senhora. Visto que tem de se lhe entregar, é melhor que se lhe não mexa para elle vêr que se não abriu.

— Isso podia talvez abrir-se sem se conhecer...

— Eu sei?.. é difficil...

— Não é!.. Queres vêr?.. Sempre gósto de saber o que este toleirão me aqui diz!..

Lucinda, bradou victoria interiormente!.. D. Constança dispunha-se a abrir cautelosamente o mysterioso bilhete, coisa que ella sempre tivera tenção de fazer, mas que, por um systema, adoptado uniformemente por todas as filhas de Eva, fingiu ao principio não querer. Mas, quer de proposito, quer por acaso, o sobrescripto rompeu-se de modo, que não era já possivel, sem mostrar o ter sido a carta aberta, restituil-a a seu dono, o que, de passagem seja dito, supponmos que D. Constança nunca tencionára.

— Ora ahi está o que tu me fizeste fazer!.. E agora?..

— Agora mette-se 'noutro sobrescripto e manda-se-lhe.

— É bonito!.. nada!.. ora esta!.. mostrar-lhe que lhe abri a carta, que tive curiosidade de saber o que elle me dizia... é dar-lhe muita importancia!.. mas como hei de fazer isto?..

— Leia a senhora sempre a carta já-agora, e depois pensará no que deve fazer.

— Sempre és muito curiosa!.. e por causa das tuas curiosidades, fico eu agora compromettida!.. Que te importa a ti com o que elle diz?.. diz que é um chapadissimo tolo, e tu outra peor do que elle!..

— Não se arreneque, minha senhora. Eu não tive a culpa...

— Não?! fui eu!.. Ahi está... é uma folha de papel com uma cercadura e quatro garatujas!.. é bonito na realidade!!

— Vamos lá!.. o papel não é feio, e a escripta sabe Deus o que ella dirá!

D. Constança não poude mais conter-se,

percorreu com a vista toda a carta, e depois lhe em voz alta o que se segue:

«Minha senhora.—Depois que tive o gosto de vêr v. ex.<sup>a</sup>, cri na existencia dos anjos, mandados por Deus á terra, para guiar o homem entre os abysmos da vida. E, se aos anjos devemos adoração e amor, que affectos, senão estes, posso eu tributar a v. ex.<sup>a</sup>, que me veio dar um raio de esperança ao coração alquebrado de soffrer?.. Quererá v. ex.<sup>a</sup> concluir a obra d'esta redempção, que começou?.. Se assim o fizer, seré o mais feliz dos homens.—Ricardo Pereira de Aboim.»

—Ahi está! gostaste?.. É o mesmo que todos dizem!.. e agora?

—Agora deve-lhe responder, pois elle não a offende em coisa nenhuma, e por isso parece mal não lhe dar uma resposta cortez, e desenganar o pobre rapaz. Eu tambem não lhe digo á senhora que góste d'elle por força, mas desengane-o! ou sim, ou não!.. assim é que se fazem as coisas.

Lucinda sabia duas grandes verdades. A primeira é que a mulher é o ente mais curioso da creação: a segunda é que a senhora, que responde a uma carta de namoro, por mais que diga e proteste que não quer, lá no amago da sua alma quer e farta-se de querer!.. D'aqui concluem-se duas coisas: primeira, que Lucinda tinha uma espertesa de Lucifer para desempenhar tão honroso papel: segunda, que D. Constança sentou-se á mesa e escreveu (muito constrangida, dizia ella) uma resposta á carta do nosso amigo.

—Tu sempre me tens mettido 'num par d'ellas boas!..—dizia a ama á criada, ao entregar-lhe o mencionado *billet-doux*.

Ora, no dia em que o sr. Ricardo Pereira de Aboim saiu de casa para agradecer aos seus lentes, para fallar a verdade, nem sequer D. Constança lhe passava pelo bestunto. Isso a que Santo Agostinho chamou — substancia intelligente, destinada para reger o corpo — estava toda occupada de Adelaide, de modo que, 'naquella' hora, podia-se dizer que elle era perfeitamente fiel ao seu amor de infancia!..

Descuidado e entretido ia pois o nosso bom moço, quando a sua ex-servente, a mãe de Lucinda, o atracou de improviso e lhe disse:

—Então já não falla á gente, senhor doutor quintanista?.. muitos parabens!.. Venha cá! venha cá, que tenho muito que lhe contar!..

Ricardo deu um salto como se tivesse pisado um aspide peçonhento. Veiu-lhe á lembrança a negregada carta, que escrevera, e, 'naquelle

instante, dava muito por a não ter escripto, ou, pelo menos, por que D. Constança fizesse d'ella holocausto a Vulcano na pyra do seu candieiro francez, espalhando-lhe depois as cinzas aos quatro ventos da terra!..

O coração d'este rapaz era um cahos monstruoso com seus visos de lanterna magica, onde as figuras iam, ora apparecendo, ora desaparecendo, umas apoz outras. Vê D. Constança, e por ella abomina Carlota, como por esta esquecêra Adelaide, como agora por esta detestava ambas as outras!..

Ricardo queria-se evadir, mas a conscienciosa velha, pretendendo dar-lhe parte da sua missão, agarrou-o pela ponta da capa e disse-lhe em voz de mysterio:

—Já alli tenho a resposta.

—Melhor para você!.. Logo volto, que tenho agora muito que fazer.

—Ai!, o tal menino, que tem coração de estalagem!.. E ella então, coitadinha, que chora que se mata, quando se passa um dia, que o não veja!.. Sempre as mulheres são bem tolas em se importarem com estes senhores, para lhe darem tal paga!.. t'arrenego!..

—Então quem é que chora?.. que diabo está você para ahi a dizer?..—Replicou Ricardo, electrizado com a exclamação da sr.<sup>a</sup> Francisca.

—Quem é?.. é ella... a sr.<sup>a</sup> D. Constança, que, quando lhe eu levei a sua carta, chorou de prazer, como uma creança... riu, cantou... está mesmo louquinha por si!..

A imagem pura e candida de Adelaide ia desaparecendo do campo da visão intima do coração de Ricardo, ao passo que a de D. Constança ia alli tomando vulto pelas piedosissimas mentiras, inventadas pela sr.<sup>a</sup> Francisca do Coração de Jesus, com a innocente intenção de receber mais uma plaqueta de seis de emolumentos. Era uma santa mulher aquella!..

—E respondeu?—perguntou timidamente Ricardo, depois de alguns momentos de concentração em si. Era o brado de victoria de D. Constança sobre as suas rivaes; era sempre o presente a dominar o passado!..

—É como diz!.. sim, senhor!.. respondeu. E então oh! que cartinha!.. o senhor verá! o senhor verá!..

—Dê cá! mulher.

A sr.<sup>a</sup> Francisca entregava religiosamente a Ricardo a carta, que recebera de sua filha, e que esta havia feito escrever a D. Constança, pelas suas manhas, que, em verdade, não acharam grande resistencia na faculdade volitiva de sua ama.—Ricardo ia a abrir a carta...

— Então o senhor responde?... veja lá! olhe que ella pediu-me muito que lhe levasse a resposta quanto antes, que me havia de dar boas alviças. E vai eu, prometti, apezar de que é muito arriscado, por causa da mãe; mas, como devo muitos favores áquella menina e tambem ao senhor, é por isso, que gôsto sempre de os servir 'naquillo que posso: e essim não se descuide!.. responda depressa, que a menina está morrendo pela resposta.

Era uma chapadissima mentira!.. D. Constança, a essa hora, cavaqueando amigavelmente com Affonso de Lima, nem sequer se lembrava que existia Ricardo no mundo, nem que ella mesma lhe escrevêra uma carta (mais por *coquetterie* do que por levandade; por honra da verdade seja dito!)

E assim se barateava o credito d'uma donzella, para dar de rendimento mais alguns tantos réis de ganho áquella mulher, a cuja raça os francezes chamam com tanto chiste *entremettenses*.

Ricardo beijou a carta, recheada de sem-saborias, mas que elle achou divina, deu o promettido pinto á sr.<sup>a</sup> Francisca e saiu!

Continúa.

A. M. da Cunha Bellem.

#### Explicação do enigma typographicco.

##### N'UM ALBUM.

Ó Deusa, tu, que cifras toda a gala  
Da vida do poeta, ouve a canção,  
Cujas notas, mulher, vem offrecer-te  
Um sentir inda mais doce que o d'irmão.

Escuta os versos meus, que a lyra arrisca  
Cantar-te aqui, enlévo meu gentil,  
Estrella entre os mortaes, fada sob'rana  
Que das de amor encantos mil e mil.

Qu'a mulher, qu'a razão nos desalinha,  
É sylphide, que em risos nos seduz,  
Anjo talvez, que juncto a nós se senta,  
P'r'o peso minorar á nossa cruz:

Mas, se dentro do peito encerra izento  
O coração entregue a crú desdeo,  
Mais ou menos, então todos se accurvam,  
Que a tão grande poder não 'scapa alguém.

C. B.

#### CHARADA.

Foi em Roma, não na d'hoje, }  
D'onde o mundo as leis haviu, }  
Que um só termo bem singelo }  
Do direito assim dizia: } 2

Todo o homem que o fôr  
Será um bom cidadão,  
Bom amigo, bom collega,  
Bom marido, bom irmão: } 3

Foi-o Cujacio,  
Tambem Heinécio,  
E assim Strichio,  
Bem como Grocio  
E mais Confucio. S.

Sou mui forte, mui pod'roso, }  
Quem assim o crer não erra, } 1  
E mais rico e dilatado,  
Do que a mesma propria terra. }

Como insectos me produzem }  
Inda está por descobrir: } 1  
Os meus restos preparados,  
Em luzes vão-se extinguir. }

Sou um tecido, e sou parte }  
D'um navio, e tem razão } 1  
As pessoas, que me comem,  
Darem-me o nome de pão. }

Sou um fructo, não pequeno,  
Tenho uma filha estimada;  
Mas que ralos eu não soffro  
Para a filha ser gerada?!

#### EXPEDIENTE.

Fecha este numero da *Estrea Litteraria* o 3.<sup>o</sup> trimestre da sua publicação, durante os nove mezes lectivos, que começaram no 1.<sup>o</sup> de Março de 1858. Está pois completado o 1.<sup>o</sup> volume.

Cumpre-nos agradecer devéras não só aos srs. assignantes o auxilio, que nos têm prestado, e sem o qual não poderiamos conservar o jornal, mas aos srs. collaboradores os bellos escriptos, que lhe têm adornado as columnas: a uns e outros repetimos nossos votos de gratidão, rogando-lhes nos continuem a dispensar sua valiosa protecção.

Erratas ao n.<sup>o</sup> 17 — Pag. 4, col. 1.<sup>a</sup>, linhas 1.<sup>a</sup> e 5.<sup>a</sup> onde se lê — florinha, lêa-se — folhinha.

Na mesma pag. col. 2.<sup>a</sup>, lin. 5.<sup>a</sup>, onde se lê — no mundo tem goso, lêa-se — no mundo um goso.

Pag. 8, col. 1.<sup>a</sup>, lin. 58, onde se lê — vegetação estudada. lêa-se — vegetação estiolada.

# ESTRÊA LITTERARIA

## Nomes dos auctores dos differentes escriptos que se comprehendem no 1.º volume da ESTRÊA LITTERARIA.



Ex.<sup>mas</sup> Sr.<sup>as</sup>—D. Amelia Janny.

D. Marcia do Couto Zagallo.

D. M. E. M. (D.\*)

III.<sup>mos</sup> S.<sup>rs</sup>—Agostinho Antonio do Souto (F. O.)

Alexandre Magno de Castilho.

Anonymo (interesse dos conhecimentos economicos.)

Anonymo (gloza em fórma de dialogo.)

Anonymo (a Saudade.)

Antonio Lopes dos Sanctos Valente.

Antonio Manoel da Cunha Bellem.

Antonio Maria Vieira da Costa Ribeiro.

Dr. Antonio Pereira Zagallo.

Antonio Rodrigues de Sousa e Silva.

Antonio Theodoro Taborda Pignatelli (T. P.)

Bernardo de Albuquerque e Amaral.

Carlos José d'Oliveira (C. O.)

C. de M. e Brito.

Eduardo d'Oliveira.

Dr. Francisco Antonio Alves.

Dr. Francisco de Castro Freire (F.)

Francisco de Paula Santa-Clara.

Francisco Pereira de Bettencourt e Athaide.

Francisco de Sá e Albergaria.

João de Deus.

Joaquim Machado Cabral e Castro.

Joaquim Taibner de Moraes.

José da Silva Mendes Leal (M. L. J.)

Lino Augusto de Macedo (M.)

Manuel José Vieira.

Manuel Justino Pires.

Miguel Moreira da Fonseca.

Dr. Sebastião de Almeida e Silva.

Severino d'Azevedo.

Vicente Luiz d'Abranches (V. A.)



# ESTRÊA LITTERARIA

JORNAL RECREATIVO

N.º 1

Vol. II

REDACTORES { J. M. Cabral e Castro  
F. P. Santa-Clara

Correspondencia de administração a José da Silva Porto, rua do Sargento-mór, n.º 4.

Agradecem-se e publicam-se os artigos scientificos e litterarios, que á redacção forem enviados.

Assigna-se na Imprensa da Universidade e no escriptorio da redacção. — Publica-se duas vezes por mez.

Preço { Por trimestre . . 240 rs.  
Com estampilha 270 "

1859 — MARÇO — I

## O DIA 1 DE MARÇO.

Saudamos com prazer no dia 1 de Março o primeiro anniversario da ESTREA-LITTERARIA, que, no decurso dos nove mezes do anno lectivo, deu, como promettera, 18 numeros, em que se tractáram cincoenta e cinco differentes assumptos scientificos e litterarios, não menor numero de poesias, varios logogriphos, charadas e enygmas, — e mais um appenso em que se narrava o festejo das formaturas de medicina em 1858.

É para nós, que vimos nascer este jornal, sobremodo agradavel contemplar-o hoje tão viçoso, quando rara é a publicação litteraria, que, em Coimbra, logra contar um anno de existencia! . . é para nós sumamente grato vermos florescer este jornal, cujo nascer foi acalentado por um pensamento grande e sublime, como todos os que desabrocham no animo dos mancebos amantes das letras, e acrisolados no sancto affecto de amizade fraternal, e que hoje, embora desviado de sua idéa primitiva, cuja missão levou nobremente ao cabo, não deixa menos de ostentar á face do paiz inteiro, que, d'entre a mocidade academica de hoje, brotam vocações provadas e dedicação ardente pela cultura das letras e pelo estudo das sciencias!

Effectivamente! . . a ESTREA-LITTERARIA, apenas coadjuvada na sua collaboração com algumas poucas offertas das nossas capacidades litterarias, foi sempre quasi ex-

clusivamente redigida por academicos, e, se no tempo da nossa redacção, encontrou brilhantes adornos nas offrendas dos nossos collegas, hoje a nova redacção melhor brilho e maior gala lhe tem dado, já pelas riquezas proprias, já pelos mimosos donativos de novos collaboradores, que aos antigos se têm junctado para dar novo realce e mais deleitosa variedade a este jornal.

Nós, — a quem um quasi-fanatismo pela ESTREA-LITTERARIA obriga muitas vezes a vir com os nossos escriptos occupar as columnas, que melhor seriam empregadas, se os seus redactores nos não quizessem sempre dispensar uma immerecida preferencia, — nós fazemos votos para que este jornal prosiga na brilhante senda, que, debaixo da direcção dos nossos amigos F. P. Santa-Clara e J. M. Cabral e Castro, vê aberta deante de si; para que os actuaes collaboradores continuem a consagrar as suas horas de ocio ao melhor lusimento das suas paginas; e para que muitos outros mancebos venham de futuro estrear aqui as suas armas litterarias, na arena da imprensa, que 'nisto irá, de envolta com os proprios creditos, a boa fama e renome das gerações academicas, que nós sempre do fundo do coração estimaremos.

A. M. da Cunha Bellem

Alegrou-nos a recepção do artigo do nosso estimavel amigo, o sr. A. M. da Cunha Bellem, porque não podia deixar de nos agradar

uma saudação ao anniversario da *Estrea Litteraria*: entretanto permitta-nos o nosso amigo que descarreguemos a nossa consciencia, certificando-lhe que a primitiva redacção, vencendo todas as difficuldades, entregou á posterior o campo, que tinha conquistado, e esta, se ainda o conserva, deve-o á firmeza de seus robustos collaboradores.

### O ESTUDO.

Sendo o homem um ser fallivel por natureza, e sendo a sciencia a verdade, é mistér indagar o meio mais proprio para a attingir, meio, que se reflecta o menos possivel da mutabilidade da natureza humana. O estudo a esmo e desregrado em vez de lapidar a intelligencia, tolhe-a, circumscrevendo-a á esphera de uma penetração com longes de materialidade e infructifera. O estudo estudado, ou o methodo no estudo, tende a desprender a alma das cadeias da confusão, dando a cada principio e idéa a sua posição natural no quadro genealogico-moral. Terminação e ordem são dous principios da applicação indispensavel em toda a investigação scientifica, são dous meios, que, em sua vasta deducção, revellam com evidencia a harmonia primitiva das faculdades do homem. Assim na investigação de um principio qualquer, devemos examinar profundamente o lado por onde prende com outros, onde é que podemos fazer a distincção ou mesmo separação, qual a sua natureza separativa ou distinctiva, qual o auxilio das partes distinctas entre si, quaes os elementos, que, ainda distantes pela diversidade do objecto, têm alguns signaes de character commum, qual é a ligação historica, como a tal respeito opinaram os escriptores respectivos, em que sentido se foi desenvolvendo a questão, e finalmente, como devemos colligir as razões *pro* e *contra* da separação e distincção. D'este modo, ficamos com o principio individualizado, em quanto o estudamos, e ao mesmo tempo reconhecemos o auxilio que os outros, de que o distinguimos, nos podem prestar na qualidade d'affins.

A ordem é a devolução successiva da intellectualidade pelo principio, que se pretende indagar. Depois de termos collocado o principio nos termos predictos, convém olhal-o geralmente para nos informarmos da ligação, que estreita os seus elementos constitutivos. Feita esta operação, os elementos predomi-

nantes devem ser especialmente examinados passiva e activamente, isto é, não só na parte em que figuram como simples elementos, mas tambem na qualidade influencial, que vai modificar os outros, dando-lhe uma forma especial e distincta. Devemos ter sempre em vista, que os elementos dominados são um complemento da acção dos dominantes, e por isso para bem conhecer a natureza d'estes, é forçoso estudar a d'aquelles. Quando os elementos de que um principio se constitue, têm acção desigual em relação á constituição, apenas determinam a natureza do principio; quando aquella desigualdade se manifesta na ordem das cousas, determina o seu character effectivo; quando, porém, nos elementos ha egualdade de energia e acção, a natureza e character effectivo são o resultado natural de forças eguaes, devidas na mesma e constante quantidade a cada um dos elementos da constituição do principio.

Os elementos de um principio são symbolizados na intelligencia por idéas, e como os elementos são simples e complexos, as idéas soffrem a mesma variação, mas dada a complexidade do elemento, este deve ser analysado, como se fôra um principio, sendo o mesmo o processo a empregar.

Muitas vezes acontece a necessidade de assimilar um elemento a um principio, já constituido, porque o estudo deu a conhecer a insufficiencia de tal principio para dominar todos os factos, que se lhe attribuem. Neste caso ha difficuldade de saber a quaes dos elementos, se passivos se activos, se ha de fazer a assimilação, e isto, porque a natureza dos elementos só se conhece, quando estão agrupados e actuando; porém, devemos considerar o elemento em si, e depois de informados da sua tendencia individual para a determinação dos factos, assimilal-o áquelle dos elementos do principio, que domina factos mais semelhantes e mais affins. D'este modo empregamos um meio, que só póde falhar, quando tiver havido illusão na classificação e demonstração da natureza dos factos dominados.

A ordem, que deve seguir-se na investigação d'um principio, é a mesma, que devemos seguir no estudo d'uma sciencia qualquer. Com effeito sendo a sciencia um complexo de principios, deduzidos por ordem e systema, cada um d'elles é, com relação ao principio universal, um elemento, ainda que muito complexo. Este principio universal ordinariamente encontra-se no typo d'uma verdade, que a de-

finição da sciencia costuma exprimir sem ou com alguma alteração. Os elementos que o constituem são os principios especiaes, secundarios, que são o resultado da secção do universal, e que devem ser distinctamente consignados em capitulos, os quaes, idealmente falando, designam a successão da intelligencia d'um para outro objecto de meditação.

Nem sempre os principios existem formados, ou principiados; muitas vezes é forçoso constituil-os, e para isto requer-se um processo especial, que exige estudo, experiencia, e reflexão. Este processo occupa-se, antes de tudo, de colher os elementos; depois classifica-os, e finalmente ajuncta-os segundo a energia propria.

J. M. Cabral e Castro.

## O PROJECTO DO CODIGO CIVIL PORTUGUEZ

PELO EX.<sup>mo</sup> SR. ANTONIO LUIZ DE SEABRA.

Continuado do numero 16.

O nosso Governo reconheceu a necessidade de um Codigo Civil, e que não podia ser satisfeita, senão por quem a um aturado estudo dos nossos usos e costumes junctasse solidos principios de direito.

Foi, por isso, encarregado d'esta obra tão transcendente como melindrosa o ex.<sup>mo</sup> sr. Antonio Luiz de Seabra.

S. ex.<sup>a</sup> avaliando bem o grande serviço, que á nação prestava, em breve concluiu o trabalho de que fôra incumbido, empregando todos os esforços, com risco talvez de sua existencia.

A comissão, que junctamente foi noméada para rever o Projecto do Codigo Civil, que s. ex.<sup>a</sup> apresentasse, já está funcionando. É esta por tanto a occasião mais opportuna de todos os nossos juriconsultos, e em geral de todo o cidadão portuguez, apresentarem livremente suas opiniões, de que a mesma comissão não pôde prescindir.

Na verdade os povos, pela tão antiga applicação das nossas leis, têm contrahido certos usos e costumes, cujas raizes é necessario sondar para que se não estabeleça uma legislação, que, sendo-lhes diametralmente opposta se torne, inexequível, nascendo d'aqui uma terrivel luta para ambas as partes, e um funesto precedente para a execução das mais leis. É por isso necessario dar a palavra á nação, que se esta-

beleça uma communicação entre ella e os Juriconsultos, e que estes, ficando com ella em contacto immediato, se inspirem de suas necessidades, a sigam até certos limites em seus movimentos, a ouçam em seus juizos, que sem serem o resultado d'uma longa reflexão, são comtudo dictados por uma intenção e apreciação mais justas da vida social (a).

Como porém expender o povo seu parecer a respeito do Projecto do Codigo, se a maior parte não tem d'elle conhecimento?!

Além d'isto, quantas esperanças não de ser frustradas, quantos actos praticados com certas vistas se não de invalidar pelas alterações, que á nossa antiga legislação tem de fazer o Projecto do Codigo, porque suas disposições não são conhecidas?!

A imprensa periodica pôde muito bem obstar a este mal, publicando as doutrinas do Projecto que mais sensiveis modificações fizerem ás nossas leis; e indagando os juizos favoraveis ou desfavoraveis ácerca das mesmas doutrinas.

A indifferença, com que se olha para o Projecto do Codigo, dá azo a suppôr-se que a sua approvação ha de encontrar grandes obstaculos. Quanto mais que não é pequeno obstaculo a falta de esclarecimentos, e pouco empenho que tem havido da parte d'aquelles, que deviam ser os primeiros a pugnar pela prompta reforma da nossa legislação.

Parece-nos comtudo que os nossos advogados e juriconsultos não de estimar em muito a approvação do Projecto na maior parte de suas disposições, apezar de diminuição de certa ordem de interesses pela concorrência de novos advogados, e pela menor quantidade de questões juridicas, que o Projecto tem claramente de decidir, porque ninguém melhor, que os que se dedicam á practica forense, conhecem os funestos prejuizos sociaes, que resultam d'uma pessima legislação, e mesmo por que não crêmos que as doutrinas de Bentham tanto na sua theoria como na practica tenham ainda hoje alguns proselytos.

Devemos notar, que o Projecto contém uma tal coherencia de principios, que, alterada uma ou outra disposição, devem as demais soffrer a mesma sorte na maior parte dos casos. O que nós demonstraremos analysando o seu systema.

Sem harmonia as leis não existem, porque

(a) Ahrens, *Philosophia do Direito*. Parte, G. de le loi.

se não descobre o pensamento dominante do legislador.

É conveniente, portanto, que as commissões, a quem compete rever o Projecto, se clevem á altura do seu Auctor, quando pretenderem refutar alguns principios que no mesmo Projecto se estabelecem, e não atacar um ou outro artigo, que não é mais que uma consequencia de certos principios. D'outra sorte em vez de harmonia, base de toda a legislação, teremos a desharmonia.

Continúa Bernardo d'Albuquerque e Amaral.

### LUGUBRE CARMEN.

AD EMMANUEL JOACHIMUM BARRADAS, PRO PISSIMI EJUS  
PATRIS OBITU.

Vir pius, virtute animum usque cinctus,  
Crimen odit; fas comes est amicus:  
Aureas aedes fugit; eique egestas  
Grata videtur:

Sancta vero justitiae sacella  
Æquitemque assiduus frequentat:  
Inde munitum decore atque honore  
Laus comitatur.

Jam laborum aevi serie peracta,  
Spiritus mittit tennes in auras;  
Numini adceptus micat inter astra,  
Gloria-onustus.

En viri justii ingenium, en imago!  
Victor autem tempus in omne vivit;  
Posteris nomenque patet legendum  
Temporis arce.

Lustra bis novem, atque aliquot per annos  
Et pius natura dedit parentem,  
Et tibi longe, Emmanuel, colendum,  
Et venerandum:

Ipsa nunc, atrox, genitorem amandum  
Atropo cur tradere (proh dolor) vis?  
Ille Parcam despicit et severam  
Falceque cinctam!

Ac gradum ejus percipiens senilem  
Panc divinã et recreatur aurã;  
Fortiterque horam ingreditur voracem,  
Diraque fata:

Denique ipse inter moriendum amicos  
Voce suprema adloquitur fideles;  
Filiisque amplexus et osculatus  
Lumina claudit.

Et sodales tunc, memoresque natos,  
Deserit, caelestia limina intrat:  
Tu pius luge, Emmanuel, parentem  
Ad Domini aram.

1856. Franciscus a Paula Sancta-Clara.

### À MORTE DE MINHA QUERIDA TIA

A EX.<sup>ma</sup> SR.<sup>a</sup> D. FELICIDADE DA GLORIA VELLOSO DE SEQUEIRA

Versa est in luctum cithara mea,  
et organum meum in vocem plentium.

Job, cap. 30.

Na lyra gemente descanto hoje um hymno,  
Uma trova saudosa, uma triste canção;  
Meu canto é singelo, mas é verdadeiro,  
De dôr não mentida sincera expressão.

Cuberto de lucto consagro na lyra  
Saudosas endeixas, um hymno de dôr,  
Aquella a quem choro, que foi receber  
O premio dos justos, da mão do Senhor.

A vida na terra é cercada d'espinhos,  
Que os dias nos enchem de triste amargura;  
São poucas as rosas, que sulcam a vida,  
São poucas as horas de dôce ventura

De longo martyrio, de magoas sem fim,  
É sempre juncado o caminho da vida,  
As horas ligeiras de nossa ventura,  
As vezes nos fazem a magoa esquecida.

Serena inda ha pouco, risonha, feliz,  
Contente não cria tão proximo o fim;  
Qual lampada triste, accendida no templo,  
É que bruxolea, apagando-se alfim.

Na terra, onde a vida se passa ligeira,  
No meio da dôr, e d'infundo martyrio,  
Depressa se murcham as rosas da vida,  
Qual pende murchada a tenra haste do lyrio.

Não podem os anjos na terra habitar,  
No mundo, entre os homens, não podem viver:  
Da vida se soltam, voando ligeiros,  
A corôa dos justos ao teu receber.

Ouvi, Tia qu'rida, meu pranto sentido,  
Da dôr que me punge, sincera expressão;  
Pedi ao Senhor por aquelles que choram,  
Lembrae-vos de mim na siderea mansão.

Ó lyra callae-vos; as magoas passadas,  
A dôr que lá vae, e que eu tento esquecer,  
Não venhas lembral-a com lugubres sons,  
Não facas meu pranto de novo verter!

A. R. Sousa e Silva.

Coimbra, 22 de Janeiro de 1859.